
Se eu pudesse falar
Romance Espírita
Mara Assumpção


Se eu pudesse falar
Romance Espírita
Mara Assumpção

Mara Assumpção

Se eu pudesse falar

1ª Edição

Porto Alegre - RS

2016

Copyright by Mara assumpção

Revisão e organização: Roque Aloisio Weschenfelder

Capa: Lidiane Ribeiro Borges

Nenhuma parte desta obra, nem o todo pode ser reproduzido sob qualquer forma física ou eletrônica sem a expressa concordância da autora.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Assumpção, Mara Se eu pudesse falar / Mara Assumpção. – Porto Alegre, RS : A

Bibliotecário responsável: Fabrício Schirmann Leão – CRB 10/2162

“Os incrédulos rirão dessas coisas, e as tratarão por quimeras; mas digam o que disserem, eles não escaparam à lei comum; cairão a seu turno, como os outros, e, então, o que será deles? Eles dizem: Nada! Mas viverão a despeito de si mesmos, e serão, um dia, forçados a abrir os olhos.”

(A Gênese. As Predições, Segundo o Espiritismo. Cap. XVI)

APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Este livro nasceu da minha necessidade de escrever. É uma história despretensiosa, inspirada em um rapaz, vítima de paralisia cerebral, abandonado pela família como muitos. Convivi alguns meses com ele e sempre tive a percepção de que ele compreendia muito do que ocorria ao seu redor, assim como a aflição, quase desespero que ele tinha por não conseguir se expressar, se comunicar.

Logo que soube do seu falecimento comecei a escrever o que hoje se transformou neste livro, que não é a história de vida dele. Na verdade, muito pouco eu soube sobre aquele rapaz. A história que aqui conto é fruto da minha imaginação, muito provavelmente com a ajuda de alguns amigos espirituais.

Este livro foi iniciado em 2012 e finalizado somente em maio de 2016. Foi escrito de acordo com a minha necessidade de escrever, e essa necessidade nunca foi uma constante. Muitas vezes, voltava a trabalhar neste projeto, cheia de dúvidas e pensando estar apenas perdendo tempo e energia, mas, em paralelo, alguma força me impelia a escrever. Um dia, li na web duas frases que tomei como sinais do mundo invisível:

1ª “Começo... tudo tem seu começo! Quem começa é sempre ajudado e, quem começa bem, nunca perde o caminho”

2ª “Contar uma história não é suficiente! É preciso que esta história tenha conteúdo, tenha o que ensinar...”

A partir dessas palavras, que chegaram até mim numa tarde em que produzira bastante, mas que também vivenciava uma dúvida cruel quanto a levar o projeto até o fim, concluí que devia ao menos tentar. Além de escrever, contar uma história, agora, eu sabia que existia a necessidade de repassar tudo o que eu estava aprendendo nos meus estudos como médium. Era preciso compartilhar todo o aprendizado que vinha sendo adquirido.

Assim que entrego a vocês o resultado deste trabalho, um livro que foi formatado de maneira a contar uma história de vida, fictícia, mas que tem muito de realidade; e, ao final de cada capítulo apresento uma seção que nominei “O que a Literatura Espírita nos Diz”.

Desta forma, a história que eu conto é o pano de fundo, e serve como instrumento de incentivo, como ferramenta para questionamentos, a fim de conhecermos um pouco mais do mundo espiritual.

“O que a Literatura Espírita nos Diz” é uma compilação de textos extraídos dos cinco livros básicos da Doutrina Kardec e de outros autores já consagrados como médiuns espíritas, sempre tratando de temas mencionados no capítulo que encerra.

É um livro simples que conta uma história de vida numa linguagem acessível, bem popular, com o único objetivo de abrir a mente do leitor para as questões do mundo espiritual.

Feito com muito carinho e cuidado, espero que seja útil e que atenda à finalidade a que se propõem: expandir nossos horizontes na espiritualidade.

Mara Assumpção

Capítulo I – Fim de uma Vida, o começo de Outra

“A vida é um processo evolutivo e todos somos seres caminhantes neste processo” *(Autor desconhecido)*

Enfim, chegara o momento. Eu iria reencarnar. Tudo fora planejado já há algum tempo pelos Mestres Superiores. Minha nova vida estava prestes a começar. Não seria uma vida fácil, pelo contrário, de muita dor, muito sofrimento, muitas restrições; mas eu havia concordado com tudo, afinal esta era a forma mais rápida para que eu resgatasse minhas dívidas comigo mesmo; a forma de eu conseguir superar o grande trauma, o grande erro que eu havia cometido contra a Vida. Em minha última passagem pela Terra, eu absurdamente cometera o suicídio, afetando diretamente meu períspirito, causando sofrimento e dor a muitos entes queridos, ofendendo e ferindo as Leis Universais. Agora, eu estava recebendo uma nova oportunidade, minha grande chance de aprender e evoluir espiritualmente. Eu não poderia desperdiçar esta nova vida; rogava aos meus Guias e Anjos protetores que ajudassem, eu tinha de conseguir superar com resignação todas as dificuldades que me seriam apresentadas.

Agora, chegado o momento, uma ansiedade e certo pânico se apoderavam da minha alma. Sim, mesmo aqui nesta dimensão, os sentimentos que vivenciamos como encarnados se repetem. A vida no mundo invisível não é muito diferente da vida como espírito encarnado. Os horizontes de nossa consciência são mais amplos, mas tudo depende do seu grau de maturidade e evolução espiritual. Na verdade, a Vida transcorre paralela e simultaneamente nas duas dimensões, com algumas diferenças devido às restrições que a matéria impõe ao Espírito encarnado, e as circunstâncias relativas ao grau de evolução do planeta Terra.

Já fazia algum tempo que eu desencarnara. Logo após meu ato insano, fiquei, por um grande período, numa região que nos acostumamos a chamar de Umbral.

É uma dimensão muito próxima da Crosta Terrestre, de baixa vibração, onde nossa memória e consciência ainda estão muito ligadas à matéria e todas as coisas relacionadas à vida carnal. Muitos sons, sussurros, gemidos de dor e pesar. Não sei precisar por quanto tempo fiquei nessa região sombria, pesada e sem luz – disseram-me que, mais de meio século, rodeado por outros irmãos, alguns em estado mais deplorável que o meu.

Foi um longo período de tempo em que eu não consegui pensar, nem sentir nada que fosse diferente da minha própria dor: física e moral. Tinha piedade de mim mesmo, não entendia como podia ainda estar vivo, mesmo depois de ter terminado com meu corpo físico.

Meu desencarne fora lento, violento e com muita dor: pulei do alto de um penhasco. Presumi que, ao cair de uma grande altura, meu corpo já chegaria sem vida lá embaixo. Pura ilusão. Meus últimos momentos de vida foram terríveis: a sensação de queda no vácuo, a consciência de que não havia volta, e toda a minha vida passando pela minha mente naqueles segundos que durou a queda, arrependimento... Durante a queda, meu corpo se bateu contra as rochas e finalmente se estatelou na planície lá embaixo, mas eu ainda estava vivo, mortalmente ferido, sem conseguir me mexer, nem os abrir olhos, com sangue na boca e narinas, o que me impedia de respirar. Mas, ainda vivo. A agonia que me pareceu ser de longas horas, foi apenas de segundos. Tempo suficiente para eu me arrepender do que fizera contra a minha vida, tempo para entender o quanto eu errara todo esse tempo, perceber o quanto eu fora um afortunado que não soubera valorizar tudo o que tinha. Quis pedir perdão a Deus Pai, mas como fazer isso se, de fato, eu nunca acreditara na existência de um Ser Superior.

Depois, foi como se eu houvesse dormido. Um sono agitado, de pesadelos, medo, angústia e sofrimento. Sono e um pesadelo sem fim! Acordei com uma dor insuportável por todo o corpo. Uma dor agonizante que dilacerava! Como assim? Eu estava morto, não deveria estar sentindo dor.

Era a pior dor do mundo: a dor da alma!

Agonizei caído num lamaçal por horas, dias, meses, anos... Não sei! O tempo aqui é diferente do tempo na Terra. Não havia luz solar, não havia estrelas nem lua no que deveria ser o céu... Só um breu e uma neblina. Eu tinha frio, eu tinha fome, eu tinha sede, mas principalmente, eu tinha dor. Tudo como se eu ainda tivesse um corpo físico. Eu chorava e gemia sem parar. Ouvia as lamentações a minha volta, vislumbrava alguns vultos se arrastando ao meu redor. Gritava para que todos se calassem. Eu precisava de silêncio; e assim eu ficava: imóvel, no silêncio da minha consciência. Às vezes, eu ouvia vozes raivosas, gritando, xingando, ofendendo, mais de uma vez, os donos dessas vozes tentaram me levar com eles. Eu nunca quis, pois eles me causavam arrepios de medo!

Foi um período de muita perturbação. Insanidade. Desequilíbrio.

Em outras oportunidades, eu ouvia vozes serenas e calmas se aproximando. Eles falavam calmamente, falavam em arrependimento, em aprendizado, em evolução, em novas oportunidades, em fé! Eu também não fazia a menor menção de tentar entender o que eles diziam e não fazia a menor tentativa de aproximação. Ignorava a todos eles e ficava ali, caído, imóvel com minha dor e agonia, revivendo os últimos segundos da minha vida física, alimentando minha autopiedade; até o dia em que consegui enxergar, com mais nitidez, aquele grupo de voz serena. Eram uns doze, entre homens e mulheres. Todos vestiam branco. Aproximavam-se dos sofredores que ali estavam, estendiam a mão e falavam em fé, misericórdia, arrependimento e novas oportunidades, nova vida.

Naquele dia, o dia da minha redenção, eu tentei me levantar e me aproximar daquelas pessoas. Uma senhora de idade avançada percebeu minha tentativa e se aproximou, estendeu a mão e ajudou-me a sair daquele poço de lama. Eu fedia. Foi com pesar que eu tomei consciência do meu estado deplorável. Aquela senhora não se importou com toda minha sujeira, meu cheiro desagradável. Colocou as mãos nos meus ombros, ajudou-me a dar uns passos e com uma voz

muito serena perguntou como eu me sentia. “Estou com vergonha do meu estado. Vergonha do que fiz da minha vida. Vergonha de todo sofrimento que causei. Vergonha desta minha inércia e incapacidade de reação!” Fiquei surpreso com as minhas próprias palavras. Eu falava. Eu ouvia. Estava morto, mas falava... A morte é uma farsa!

– Arrependido dos seus atos inconsequentes? - perguntou ela.

– Se o tempo voltasse atrás, faria tudo diferente! Será que sou digno do perdão de Deus? – Sim, eu tinha de me agarrar a alguma esperança. Deus era a minha única esperança.

– Deus, Nosso Pai Maior é Misericordioso. Ele está sempre pronto a perdoar e dar uma segunda chance para aquele que se arrepende e entende o mal que causou!! Venha conosco, aqui não é mais o seu lugar!

Foi assim, que eu saí daquele lugar horroroso. Terminava meu suplício maior. Começava a minha redenção.

Aquelas pessoas que me ajudaram, trabalhavam na Colônia Novos Horizontes, lugar onde permaneci por todos esses anos. Faziam parte do Grupo “Socorro ao Umbral” – e seu trabalho era justamente visitar os sofredores do Umbral, instruí-los, e quando os mesmos estavam aptos, recolhê-los e encaminhá-los ao Hospital da Colônia.

Estar apto significa ter consciência dos seus erros, tomar ciência da existência de Deus Pai - a Energia Suprema - arrepender-se de todos os males causados, saber que é preciso ter fé e esperança, querer buscar o autoaprimoramento e dar-se

conta de que a vida terrena é só uma fase da nossa verdadeira vida.

Permaneci no Hospital por um longo período. Todos os ferimentos que a queda causara ao meu corpo físico refletiam-se no meu perispírito. Eu tinha grande dificuldade de locomoção, era como se eu ainda tivesse ossos, e todos estivessem quebrados. Respirar era um suplício, como se meus pulmões houvessem explodido. Até pensar doía. Eu estava confuso, não entendia nada!

Eu morrera, e, mesmo assim, as dores físicas permaneciam. Eu pensava, respirava, falava, sofria, exatamente igual a quando eu estava vivo. Vivo? Melhor dizer: exatamente igual a quando eu estava encarnado. Por que vivo eu ainda estava; só que não mais encarnado num corpo material, nem vivendo no planeta Terra. Isso eu já tinha entendido.

Agora eu tinha um corpo etéreo, muito menos denso do que a carne. Na verdade, praticamente uma cópia do meu corpo dessa última vida terrena. Estava vivendo numa outra dimensão, não tão próxima da Crosta Terrestre como o Umbral, mas, ainda assim com certa ligação.

Todos os dias eu recebia uma bebida aromática, de gosto doce e agradável. Essa bebida enchia-me de força e energia. Eu dormia muito; no início, um sono agitado; com o passar dos dias, meu sono foi ficando mais sereno, equilibrado, tranquilo. Minhas dores foram diminuindo gradativamente, minha respiração ficou mais regular e estável, até a minha confusão mental reduziu. Minha necessidade de dormir foi passando. Um belo dia, uma jovem negra entrou no quarto, abriu todas as cortinas e me disse:

– Bom maravilhoso dia, meu querido! Hoje nós vamos dar um passeio nos jardins; creio que você já tem força suficiente para caminhar. A luz solar lhe fará bem!

– Luz Solar? Temos o sol por aqui também?

– Lógico que sim! O Universo é um só com seus astros, elementos, espaço cósmico, planetas e várias dimensões. Deus, nosso Pai Maior é o Criador disso, e tudo funciona na maior perfeição e harmonia!

– E u não vejo, nem sinto o sol há muito tempo. Não havia sol no lugar de onde vocês me resgataram. Há quanto tempo estou morto?

Percebi um esboço de riso na face da jovem e fiquei constrangido.

– Morto? Você está aqui conversando comigo. Um morto falante... (De novo aquele esboço de risos)

– Você continua vivo! – continuou ela – muito vivo, exatamente como antes; a única diferença é que antes você tinha um corpo físico, material, de carne; agora, o seu EU consciente, sua energia vital e inteligente está livre da matéria. Aqui, nesta dimensão, você poderá trabalhar e estudar, crescer e evoluir espiritualmente... Você já passou por um período de compreensão forçada lá no Umbral; foi um período de dor e sofrimento, mas necessário para que você tivesse o entendimento de todo o mal que causou, não só para você, mas todos os que lhe rodeavam, todos que, de alguma forma, tinham algum carma de ligação com você! Ao terminar com sua vida física, você cortou as chances de resgate... Não há nada pior que isso!

– Há quanto tempo desencarnei? – insisti.

– Tempo? O que é o tempo? Aqui temos a eternidade, o tempo não é nada, não tem significado algum!

– Mas, eu preciso ter uma noção... - lamentei. – Preciso fazer essa conexão com o tempo terrestre.

– Hummm... Eu não sei exatamente quando foi que você desencarnou, mas sei que, muitas vezes, durante muito tempo, fomos ao Umbral e você já estava lá, prostrado e inerte, chorando, lamentando, com pena de você mesmo.

– Quanto tempo? Um ano, cinco anos? – insisti.

A jovem olhou fixamente para mim. Seu olhar me pareceu de piedade. Ela se aproximou de mim, colocou minha mão direita entre as suas, e falou quase que num murmúrio:

– Não, meu querido! Foi muito mais tempo do que isso; acho que foram quase cinquenta anos...

– Cinquenta anos? – Eu me desesperei. Cinquenta anos era muito tempo, todas as pessoas com quem convivi já haviam morrido, não haveria mais vestígios da minha existência na Terra.

– Sim! Acho que baseado na mensuração de tempo da Terra, você ficou aproximadamente uns cinquenta anos no Umbral. Conosco, aqui no Hospital,

você já está há uns 03 anos...

– Três anos? – gritei desesperado – Não pode! Cheguei há alguns dias, lembro perfeitamente do meu resgate, da minha chegada aqui. Quem é você? Você quer me enlouquecer? – Eu perdera o controle. Estava em surto.

Nesse momento, entraram dois homens jovens no quarto, me seguraram firmemente pelos braços, enquanto a jovem negra colocava as duas mãos abertas, com as palmas em frente ao meu rosto, e orava baixinho. Era um passe magnético. Fui me acalmando. Eles me levaram de volta para a cama. Meu passeio no sol fora cancelado. Dormi.

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre o Perispírito (Encarnação dos Espíritos – A Gênese, Cap. XI)

O Espírito, pela sua essência espiritual, é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria, sendo-lhe necessário um intermediário. Esse intermediário está no envoltório fluídico que faz parte integrante do espírito, envoltório semi-material, tendo da matéria sua origem e da espiritualidade sua natureza etérea. Esse envoltório, designado perispírito, é o traço de união entre o espírito e a matéria, corpo etéreo, fluídico, que tudo depende do Espírito - que o comanda e o modula.

É através do perispírito que o Espírito se identifica com a matéria orgânica, para modelar os órgãos que lhe vão servir de instrumento de manifestação na vida corporal. Quando o Espírito se une a um corpo físico, vive nele com seu

perispírito, que serve de laço com a matéria corpórea. O perispírito, de natureza fluídica, não está confinado ao corpo material; ele se irradia exteriormente formando uma espécie de atmosfera fluídica em torno do corpo. Através do perispírito, ligado ao corpo material, o Espírito recebe e percebe as sensações da vida material; separado do corpo físico, o perispírito tem uma forma determinada e limitada, e esta forma normal é a do corpo humano, embora o Espírito possa dar-lhe as mais variadas aparências, por ser eminentemente plástico e flexível.

Sendo o perispírito o veículo que nos permite a existência carnal e a manifestação do Espírito no mundo material, constitui a chave, a resposta, o entendimento de muitos fenômenos, da evolução do Espírito, bem como sua atuação no ambiente que habita. Mais, sendo corpo de grande plasticidade, rende-se ao desejo do Espírito, podendo sofrer as mais variadas deformações anatômicas e fisiológicas, que podem manter-se durante anos pela desorganização psicológica.

O nosso corpo físico pode ser destruído, o perispírito severamente avariado.

2 – Sobre o Suicídio (Livro Dos Espíritos, Livro IV, Cap. I)

De acordo com o Livro dos Espíritos, as consequências do suicídio são muito diversas, não penas fixas, mas sempre relativas às causas que provocaram, e dependem das circunstâncias. Em nenhum caso, o suicida está isento das consequências de sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia sua falta de uma ou outra maneira.

Segundo depoimentos de espíritos suicidas, após o ato tresloucado, o Espírito fica preso à vida terrena, padecendo num compasso de espera até que complete o período encarnatório encurtado pelo suicida.

O homem não tem o direito de dispor de sua própria vida, só Deus tem esse direito. O suicídio é uma transgressão dessa lei.

Como consequência da interrupção brusca da vida há a persistência mais prolongada e mais tenaz do laço que une o espírito ao corpo, por estar esse laço quase sempre na plenitude de sua força no momento em que é quebrado, enquanto que, na morte natural, ele se enfraquece gradualmente e, na maioria das vezes, se rompe antes que a vida esteja completamente extinta.

3 – O tempo (A Gênese, Cap. VI)

O tempo, como o espaço, é uma palavra definida por si mesma; dele se faz uma ideia mais justa, estabelecida na sua relação com todo o infinito.

O tempo é uma sucessão das coisas, está ligado à eternidade, do mesmo modo que essas coisas estão ligadas ao infinito.

Para nossos estudos, o tempo é uma gota d’agua que cai da nuvem no mar, e cuja queda é medida.

Tantos mundos na vasta extensão, quanto os tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, só a eternidade supre essas sucessões efêmeras e enche, mansamente, com a sua luz móvel, a imensidade dos céus. Imensidade sem fronteiras e eternidades sem limites.

Capítulo II – Uma fase intermediária, muito estudo e trabalho

“Deus não poderia dar ao homem um guia mais seguro que sua própria consciência.” *Livro dos Espíritos*

Passaram-se alguns dias após o meu surto, sem que eu ficasse acordado por muito tempo. Tomava meu elixir fortificante todas as manhãs, mal percebia a entrada e saída de pessoas no meu quarto, mas tinha consciência de que estava recebendo passes com bastante frequência.

Foi um sono restaurador, até que, finalmente, numa manhã, despertei. Sentia-me forte, sem dores, a mente lúcida. Sentei na cama e só então percebi que vestia uma calça e uma túnica branca, que meus ferimentos não eram mais visíveis. Reparei no quarto: simples, com pouca mobília, bem ventilado e com a luz do sol entrando por uma ampla janela. Resolvi levantar, e nesse exato momento, aquela mesma jovem negra, que iria me levar para um passeio no sol, entrou no quarto.

– Como você está se sentindo hoje, meu querido? – Tinha uma voz suave, doce, mas que demonstrava firmeza. Já era uma voz familiar para meus ouvidos e meu coração.

– Muito bem, já nem lembrava mais como era acordar sem dor, sem confusão mental, e sem fraqueza! – respondi.

– Vejo que o sono reparador, os passes magnéticos, nossas preces e o elixir

fortificante estão fazendo efeito. Isso é ótimo!

– Quanto tempo eu dormi? – perguntei.

– Por que será que você está sempre preocupado com o tempo? Já não lhe disse que o tempo aqui nada representa. – Enquanto falava, ela me entregou um copo grande com aquela bebida que me fazia tão bem.

– Está bem! Não vou mais questionar sobre o tempo. Já percebi que o tempo aqui não tem qualquer conexão com o tempo da Terra. Mundos diferentes, tempos diferentes.

– Exatamente! Aqui nós temos o infinito, a eternidade, o sempre para trabalharmos, crescermos, evoluirmos... Nossa missão é ajudar o próximo e a nós mesmos! Buscarmos a perfeição, o Bem Maior, a Consciência e o entendimento do Todo!

– Que lugar é esse? Eu gostaria de entender qual é a minha real situação, onde estou e o que me aguarda no futuro. – Eu tinha tantas dúvidas, tantos questionamentos.

– Você está na Colônia Novos Horizontes! Desencarnou e, como já sabe, a vida não termina quando o corpo físico morre. O seu Espírito, a sua Inteligência, o seu verdadeiro EU continua a grande jornada.

– E, agora? O que vai acontecer comigo?

– Agora que você já superou a pior fase, já recuperou parcialmente seu perispírito de todo estrago causado pela forma como houve o desencarne, já alcançou o equilíbrio interior; agora, você vai começar a estudar, trabalhar e entender o Mundo Espiritual, a verdadeira Vida. Na verdade, aos poucos, suas ideias vão ficar claras, você irá começar a se lembrar de alguns conhecimentos já adquiridos em vidas passadas, vai perceber que nem tudo é novidade para você!

– Todos os espíritos que desencarnam vêm para cá? – perguntei, já pensando na minha avó, que eu amava tanto e que havia morrido pouco tempo antes do meu ato insano. Não me dei conta, nesse momento, que toda a minha família já deveria estar desencarnada, visto que já se passara meio século desde a minha passagem.

– Não... Existem muitas casas socorristas, muitas colônias de transição iguais ou parecidas como esta. Os espíritos são encaminhados às colônias conforme suas necessidades de aprendizagem, suas necessidades de recuperação, seu merecimento. Depois, conforme vão crescendo e evoluindo, vão sendo direcionados a trabalhos e casas mais ou menos complexas. Até chegar a hora de reencarnar. Então, ficam por um breve período, num local de preparação, num local de muito estudo e muita reflexão, convivendo com seus guias e mestres, aguardando a concepção e acompanhando a formação de seu corpo físico para então nascer numa nova vida carnal. Tudo é muito estudado e planejado para que nesta nova vida na Terra, o espírito possa se aperfeiçoar, possa resgatar carmas criados em vidas anteriores, possa trabalhar sentimentos nobres e descartar todas as más vibrações e maus sentimentos. Para isso acontecer são necessárias várias encarnações; felizmente, você já entendeu que tempo não é problema!

– Você trabalha aqui há muito tempo? – No mesmo instante, percebi que já estava novamente questionando sobre tempo. – Perdoe, eu prometera que não faria mais perguntas relativas ao tempo.

Com um leve sorriso nos lábios, aquela jovem e serena mulher me disse:

– Eu gosto daqui, gosto deste trabalho em que auxílio os recém-chegados a entenderem sua nova condição, ajudo-os a alcançarem o equilíbrio e a harmonia de sua mente, o fortalecimento de seu perispírito. Em uma das minhas últimas encarnações fui alguém que prejudicou muito a saúde física e mental de muita gente. Tento, com este trabalho, saldar um pouco minha dívida com as Leis Universais.

– Você prejudicando pessoas? Achei que os que estavam aqui fossem seres superiores, evoluídos, instrutores, verdadeiros anjos!

– Não, aqui, a maioria dos trabalhadores está em busca do mesmo que você. Estamos todos tentando saldar nossas dividas, todos tentando evoluir como seres espirituais que somos. Alguns, em estágios de aprendizado e evolução mais avançado, mas todos na mesma busca, trabalhando na mesma direção, com as mesmas metas.

– Quem são os nossos Superiores? Temos Mestres ou Guias? Quem nos orienta?

– Temos aqui o Conselho Superior de Administração e o Conselho Superior de Instrução. São espíritos evoluídos, quase que iluminados que trabalham para o Bem Maior da Humanidade na Terra, que administram a Colônia e propagam os ensinamentos do bem. São eles também os encarregados de, junto com os Grandes Sábios, programarem e planejarem as escalas reencarnatórias. Toda reencarnação depende da vontade e conscientização do espírito, nada é arbitrário! Apesar de existirem as leis cósmicas e cármicas que regem essas escalas. Ninguém consegue fugir para sempre da sua escala evolutiva. Todo espírito, a partir do momento de sua criação, no estado bruto e ignorante, tem uma evolução a seguir, que é mandatória. É Lei! É como um bebê que nasce na

Terra, e vai crescer e amadurecer... O crescimento e o amadurecimento do corpo físico é algo natural, que vai acontecer, de uma forma ou de outra. Assim, é a evolução espiritual, não há como fugir. É uma Lei Universal!

Aquilo fazia todo sentido para mim; é como se eu já soubesse de tudo aquilo e simplesmente não lembrasse.

– Venha – chamou a jovem - quero lhe mostrar nossa Colônia, apresentar a alguns irmãos que irão lhe auxiliar nessa caminhada por aqui.

– Obrigada, meu Deus por esta nova oportunidade, esta nova vida – falei em voz alta, confiante e feliz. Fazia muito tempo que eu não me sentia tão bem, sentindo certa felicidade no coração. Finalmente, eu havia descoberto a graça e o poder do Pai Maior.

Ela sorriu. Pegou minha mão e me guiou como se eu fosse uma criança. Segui ao lado dela, sem protestar. Era bom ser cuidado, ter a atenção e dedicação de alguém.

– Espere um pouco – falei, já a forçando a parar de caminhar – como é seu nome?

– Meu nome? Meu nome é Serena. Venha, vamos que tenho muita coisa para lhe mostrar.

Serena era o nome perfeito para ela, pensei.

– Espere! – retruquei. – Não vai perguntar meu nome?

– Eu sei seu nome. Sei tudo sobre você! Você, na última encarnação, se chamava Alessander. Alessander Bellgrad, e era um belo rapaz, estudante de Medicina e pertencente à classe média alta de Nice, na França. Sua família tinha posses e lhe amava. Sua vó materna era seu grande mimo. Você a tinha como alguém muito especial, tinham uma ligação extraordinária, uma ligação que vem de outras vidas. Aos 24 anos, após uma decepção amorosa, ser reprovado nos testes para uma residência médica, e principalmente as más companhias o levaram ao álcool, às drogas, ao vício. Isso para um médico recém-formado, em busca de uma especialização, era um caos. Você acabou perdendo seu emprego e, numa noite de muita bebida e droga, perdendo a noção da vida se atirou do alto de um penhasco, colocando fora uma grande oportunidade que lhe fora concedida para cuidar e tratar do corpo e da mente dos necessitados. Essa era sua missão, ser um médico psiquiatra que trabalharia em prol dos carentes e necessitados. Um grande trabalho de pesquisa na luta contra as drogas químicas e, ironicamente, você não resistiu às tentações e prazeres momentâneos que as drogas traziam. Você se perdeu! Que pena! Mas, isso agora já foi, temos é de concertar todos os seus erros e retomar a caminhada; porém, antes de retomar do ponto que parou você terá de resgatar o carma do suicídio!

Ao ouvir tudo aquilo, senti uma pontada alucinante no meu peito. Minha respiração ficou difícil, fiquei trêmulo, com frio e lágrimas caíram na minha face. Imediatamente, Serena me abraçou. Era um abraço de consolo, de pesar. Chorei convulsivamente, feito uma criança, ali nos braços daquela jovem mulher. Chorei por mim, pela minha vida desperdiçada, pelos meus vícios e erros. Chorei pela minha família, pela minha vó. Chorei, chorei, chorei...

Naquele dia, eu conheci a Colônia, seus belos jardins, prédios enormes – todos muito arejados e iluminados e conheci a Grande Biblioteca Temporal com livros, filmes e vídeos, toda uma tecnologia muito avançada que, na época em que vivi na Terra, ainda não era conhecida, mas sei que, no século XXI, já existem

aparelhos similares. Similares por que aqui tudo funciona baseado na força da mente e do pensamento. Toda essa aparelhagem é plasmada, não é de matéria física como na Terra, mas isso eu explico numa outra oportunidade.

Com o passar dos dias, eu fui conhecendo a rotina daquele lugar, suas regras e leis. Conheci outros irmãos – aqui, nos tratamos como irmãos, pois somos todos filhos do Deus Pai, o Grande Criador, cada um com sua história de vida, sua jornada, idas e vindas entre a Terra e o Mundo Espiritual. Eu gostava de conversar e conhecer as histórias de outros irmãos, assim eu ia aprendendo, ia descobrindo que as minhas fraquezas e defeitos não eram exclusivos meus. Quase todos os que viviam naquela Colônia tinham histórias similares, as mesmas lutas interiores, os mesmos medos e fraquezas. O tempo passava muito rápido, eu não tinha mais necessidade de dormir ou me alimentar com tanta frequência como anteriormente. Quando trabalhava muito ou tinha um desgaste energético muito alto, éramos aconselhados a nos recolher em nossos aposentos, meditar e rezar. Assim, nossa força energética se revigorava e estávamos prontos para o trabalho novamente. O trabalho que me cabia era auxiliar no atendimento aos recém-chegados; ajudava Serena na distribuição do elixir fortificante, levava-os para passeios nos jardins, ajudava na limpeza e incineração das roupas sujas com que eles chegavam... Eu nunca soube como, nem onde era preparado aquele elixir fortificante, embora tivesse perguntado para Serena uma dúzia de vezes sobre isso.

O tempo passou sem que eu percebesse; estava em paz comigo mesmo, gozando de uma paz interior que não me lembrava de ter sentido anteriormente; auxiliava com os recém-chegados, estudava as Leis Universais, meditava, orava, participava de palestras instrutivas, caminhava nos bosques e jardins, apreciava a natureza. Um dia Serena me disse que estávamos sendo chamados para uma audiência com um dos Mestres de Instrução. Fiquei preocupado e temeroso. Será que eu fizera alguma coisa de errado?

Fui levado para uma grande sala, no Prédio do Conselho de Instrução. Não havia móveis, as paredes eram de vidro ou algo parecido, uma música suave era

ouvida e um perfume muito leve pairava no ar. Um ambiente de muita luz e harmonia. Uma paz muito especial era facilmente sentida por quem quer que entrasse naquele lugar. Serena tinha me acompanhado até ali, e ainda permanecia ao meu lado. De fato, a convocação era para nós dois. Isso me deixou intrigado. O que será que estava acontecendo?

Sem que eu percebesse a entrada, me assustei ao deparar com um senhor de cabelos brancos, parado na minha frente, me olhando amigavelmente, até com certo carinho, mas, ao mesmo tempo, com muita firmeza. Difícil descrever aquele olhar, aquela presença marcante.

– Como você está se sentindo, meu jovem? –indagou ele, sem desviar aqueles olhos hipnóticos.

– Desculpe – gaguejei – não percebi sua chegada e me assustei. – Senti-me como um aluno adolescente, pego pelo professor fazendo alguma coisa errada.

– Você não respondeu a minha pergunta! – declarou ele simplesmente.

– Eu me sinto muito bem aqui nesta Colônia. Tenho trabalhado e estudado as leis universais com muito afinco e dedicação. Acho que tenho me saído bem, ao menos em todo esse tempo nunca ninguém me reclamou nada.

– Aqui nós não costumamos reclamar. Quando alguém está se comportando ou pensando de maneira equivocada, os tutores simplesmente vão aconselhando, fazendo intervenções sutis nas suas atividades, no seu programa de estudo de forma a adequar seu trabalho, suas lições, de acordo com as necessidades do irmão e reconduzi-lo à rota traçada pelos nossos Superiores.

– Eu nem sabia que tinha tutores, protestei.

Momentaneamente, me pareceu que ele estivesse se divertindo com o que eu havia dito.

– Sua principal tutora está aí ao seu lado - retrucou ele.

Olhei espantado para Serena que continuava em silêncio ao meu lado.

– Você? Por que nunca me disse que era minha tutora? – Eu estava com a voz um tom acima do normal.

Serena me olhou firmemente nos olhos. Com a voz muito calma, perguntou:

– Que importância tem isso?

Parei espantado, pensei numa resposta aceitável. Não tinha. Não havia importância alguma já que Serena sempre esteve ao meu lado, me orientando, aconselhando, questionando sobre meu estado psíquico, mental, emocional. Conversamos muito todo esse tempo, ela me conhecia muito bem. Éramos amigos, e eu confiava inteiramente nela. Sim, ela tinha sido minha tutora, todo esse tempo em que eu ali estava, que eu nem tinha ideia de quanto era; mais que tutora, tinha sido meu anjo da guarda; eu nutria um sentimento de profunda gratidão e genuíno bem querer por ela.

Não respondi, simplesmente fiz um movimento com os ombros, como que dizendo “Realmente, não importa!”.

Eles entenderam que eu captara a mensagem. O Senhor continuou:

– Meu nome é Téo, sou um dos Mestres de Instrução. Você já deve ter me visto e ouvido, nas inúmeras palestras que assistiu aqui no Conselho de Instrução, certo? – Ele não esperou minha resposta e prosseguiu:

– Você, desde que chegou, faz parte do grupo ao qual sou encarregado de curar, equilibrar e harmonizar, instruir, preparar e planejar a escala reencarnatória.

Senti um calafrio. Um medo assustador tomou conta de mim. Tanto Serena quanto Téo perceberam minha reação.

Serena imediatamente pegou minha mão direita entre as suas. Esse pequeno gesto dela sempre me passava tranquilidade e conforto. Téo levantou a mão e a colocou um pouco acima da minha cabeça. Senti uma onda de calor percorrer meu corpo etéreo. Superei o medo e me reequilibrei.

– Não precisa se assustar! Vamos fazer tudo com muita calma, vamos planejar cada detalhe. Você vencerá! Além do mais, Serena irá lhe acompanhar. Ela estará por perto, e suas vidas na Terra se cruzarão. Serena será seu apoio para que consiga vencer as dificuldades e desafios que lhe serão apresentados. Desse modo, você irá se redimir perante as leis cósmicas e universais pelo seu ato insano na última encarnação; e Serena também terá a oportunidade de saldar sua

dívida cármica ao praticar o bem e a caridade, ajudando-o.

– Não vai ser fácil. O suicídio é uma ofensa contra seu bem maior, sua vida carnal, que foi concedida pelo Criador, com um propósito, um fim. A Vida a Deus pertence. Terminar com a própria vida é uma grande afronta às Leis Universais. Um grande mal que interfere diretamente na vida e na evolução de outros espíritos – prosseguiu Téo.

Foi como se tivessem me atirado dentro de um rio congelado, ou me dado um soco na boca do estômago. Ali, trabalhando e estudando quase tinha me esquecido do que fizera contra mim mesmo. Como pode, já havia se passado mais de meio século, e eu estava ainda sendo penalizado por aquilo. Na verdade, agora que meu perispírito já estava recuperado e eu já reencontrara o equilíbrio emocional, era capaz de lembrar parte da minha última vida na Terra, a minha infância, parte da juventude até o desatino, as drogas, a rejeição, a loucura e a queda no penhasco.

Eu já estava recuperado, mas todas aquelas lembranças ainda me afligiam muito, me angustiavam. Eu tinha muita vergonha desse ato covarde.

– Toda a aflição e angústia, que você sente ao recordar esse episódio de sua vida, só irão passar totalmente quando você houver resgatado essa dívida com o universo. É a sua consciência que grita! Infelizmente, não há nada que possamos fazer para ajudá-lo. É uma dívida que você mesmo tem de saldar! Tudo o que estiver ao nosso alcance para facilitar sua redenção, será feito! Mas, temos nossas limitações.

– Téo – era Serena que, pela primeira vez, intervinha na conversa – quais são os planos?

– Alê – era assim que eu era chamado na Colônia – nascerá numa família modesta e muito simplória em uma cidadezinha no interior do Sul do Brasil, ao contrário do que foi sua condição social na vida em Nice, na França. Ao nascer, sua mãe terá complicações no parto e o bebê vai sofrer uma paralisia cerebral.

– Meu Deus! – eu estava apavorado.

– Sua vida Alê, será de muitas restrições e sofrimento. Sua mãe virá a falecer logo após o parto, e a paralisia cerebral irá afetar todo seu corpo físico e mental. Seu corpo irá se desenvolver disforme, viverá na cama ou em uma cadeira de rodas, dependendo de terceiros para tudo, mas sua inteligência não será afetada, apenas algum retardo no desenvolvimento, ou seja, será uma inteligência consciente presa a um corpo aleijado.

– Eu não vou aguentar tudo isso! – respondi, e eu já estava transtornado novamente.

– Só assim você irá entender a real dimensão do mal causado. Você teve uma vida boa e com todas as condições para crescer e amadurecer como espírito. Desviou-se do caminho, não valorizou sua família, seu corpo saudável e perfeito, não valorizou a grande chance de ajudar o próximo com o diploma de medicina conquistado, desdenhou de tudo por nada. Por que de fato, o que lhe levou ao suicídio?

Aquilo era uma tortura. Eu não merecia aquilo. Eu já não havia sofrido todas as dores da alma lá no Umbral? Eu não estava trabalhando, estudando, me dedicando com afinco na Colônia? Por que eu deveria sofrer uma vida de aleijado? Eu não queria aquilo! Não aceitaria aquilo! Serena havia me dito que a

reencarnação dependia da aceitação do espírito; pois bem, não aceitaria!

– Eu não aceito! Não quero esta vida! – gritei desesperado.

Caí de joelhos no chão, em prantos.

Téo e Serena me ergueram pelos braços. Dois homens entraram no recinto e me seguraram, enquanto os dois tentavam me acalmar com passes magnéticos. Outra jovem entrou com um copo de uma bebida; uma espécie de chá tranquilizante. Fui me acalmando aos poucos.

Ainda ouvi Téo comentar com Serena, antes de ser retirado do recinto: “Ele ainda não recuperou o equilíbrio e a consciência necessários para reencarnar. Temo que se ele voltar agora, não tenha forças suficientes para manter-se no caminho certo e caia no mesmo erro. Você sabe que espíritos suicidas costumam ser reincidentes, não sabe?”

Achei que minha fase de sofrimentos havia terminado quando fora resgatado do Umbral, mas não, aquilo ainda iria perdurar por muito tempo. Quanta dor e sofrimento, quanta vergonha, quanta tristeza por um ato de pura insanidade, pura leviandade, pura insensatez e covardia!

O pior era, agora que minha mente estava mais clara e os acontecimentos da minha última vida terrena eram mais lúcidos, eu percebia que não havia nada que pudesse atenuar meu comportamento inconsequente. O motivo de todo o final infeliz dessa minha vida carnal foi a minha soberba, o narcisismo, o egoísmo, o meu orgulho. Nunca soube o que era humildade. Oriundo de uma família afortunada, vida financeira estável, criado e educado nas melhores

escolas, com os melhores mestres, julgava-me superior à grande maioria das pessoas. Não tive uma orientação religiosa fundamentada, nunca soube o que era fé. Quando estudante, ouvi rumores e notícias sobre estudos e experiências com mesas e bancadas caminhantes, pessoas que diziam ver e conversar com mortos. Cheguei a ler alguns estudos feitos por Charles Richet[1], mas, de fato, sempre fui muito racional, objetivo, lógico e materialista. Não, eu definitivamente nunca acreditei na existência de vida após morte, na existência de espíritos. Questiono-me agora: como pude ser tão ignorante e estúpido?

Como me arrependia dessa vida que deixei passar em branco! Agora, cada minuto da minha vida espiritual era do mais singelo e puro arrependimento.

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre o arrependimento (O Céu e o Inferno Cap. VII)

O arrependimento é o primeiro passo para a melhoria; mas só ele não basta, é preciso, ainda, a expiação e a reparação.

Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências. O arrependimento abranda as dores da expiação, com o que traz a esperança e prepara os caminhos da reabilitação; mas unicamente a reparação pode anular o efeito ao destruir a causa.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais, que são a consequência da falta cometida, seja na vida presente, seja, depois da morte, na vida espiritual,

seja em uma nova encarnação, até que os traços da falta tenham se apagado.

A reparação consiste em fazer o bem àquele a quem se fez o mal.

A necessidade de reparação é um princípio de rigorosa justiça, que se pode considerar como sendo a verdadeira lei de reabilitação moral dos Espíritos.

2 – Sobre o Perispírito (O que é o Espiritismo, Resumo das leis dos fenômenos espíritas; Perispírito e suas Modelações, Luiz Gonzaga Pinheiro)

Quando a alma está unida ao corpo, durante a vida, ela tem duplo envoltório: um pesado, grosseiro e destrutível, que é o corpo; outro fluídico, leve e indestrutível, chamado perispírito. Este é o laço que une a alma ao corpo; é por seu intermédio que a alma faz o corpo agir e percebe as sensações experimentadas pelo corpo.

A união da alma, do perísprito e do corpo material constitui o homem; a alma e o perispírito, separados do corpo, constituem o ser chamado de Espírito.

Os espíritos povoam o espaço; eles constituem o mundo invisível que nos rodeia, o meio no qual vivemos, e com o qual estamos sem cessar em contato.

O perispírito é o que mantém os traços fisionômicos do ser, desde o nascimento até a morte, exercendo a função de molde que se contrai e se expande; sobre o qual se modela a forma através da assimilação das moléculas.

O remorso, a consciência culpada a exigir reparações de erros cometidos, desejos de vingança, ódio e rancor, a inferioridade moral do Espírito podem determinar deformações em seu perispírito, através da exteriorização mental que lhe é peculiar. Nosso corpo etéreo é feito de matéria muito flexível à ação do pensamento e se modela de acordo com a forma sugerida por ele.

Sendo o perispírito o molde do corpo físico, estando doente, deformado ou mutilado, cria corpos a sua imagem e semelhança: doentes, deformados, mutilados.

As pessoas com deficiências físicas ou mentais têm, muitas vezes, alma muito inteligente, mas sofrem, por prova ou expiação, as consequências de erros cometidos em vidas passadas; sendo, todas as restrições e limitações de seu corpo físico, um constrangimento e sofrimento muito grande.

Assim, as deficiências físicas e mentais, assim como todas as enfermidades, têm sua razão de ser, pois é a aplicação da mais alta justiça. Muitas vezes, são opções dos próprios espíritos arrependidos, querendo resgatar suas faltas.

Capítulo III – Planejando a Reencarnação

“Ninguém faz o mal voluntariamente, mas por ignorância, pois sabedoria e virtude são inseparáveis.” (Sócrates)

Depois do incidente no Conselho de Instrução e a minha inesperada recaída, fizeram-me dormir novamente. Fazia muito tempo que eu não necessitava do sono restaurador, cheguei a acreditar que não precisaria mais dormir.

Infelizmente, minha reação à proposta de reencarnação foi completamente inesperada e, de certa forma, uma exceção na linha de evolução que vinha traçando durante esse período em que eu estava na Colônia Novos Horizontes; foi de alguém que ainda não estava no pleno equilíbrio de sua consciência. Alguém que ainda não havia internalizado as leis universais, as leis cármicas, a lei de causa e efeito, ação e reação. A reencarnação poderia ser a minha libertação desse estigma de suicida.

Ao acordar do sono reparador, aproximadamente três dias depois, eu tive consciência de que não poderia perder esta nova oportunidade. Tive a certeza de que precisava me preparar rapidamente para a nova chance. Eu não estaria sozinho, teria a ajuda de Serena, ajuda dos meus guias aqui do Mundo Espiritual. Certamente, os Grandes Mestres não iriam me propor algo se não acreditassem que eu realmente era capaz de vencer as provas. Eu iria aceitar a proposta de reencarnação. Eu sei, teria de me preparar muito bem; mas acho que a reencarnação seria a maneira mais rápida de eu conseguir resgatar meu carma e retornar a minha caminhada na escalada evolutiva.

Naquele mesmo dia, conversei com Serena a respeito e voltamos a procurar o Conselho de Instrução.

Téo nos recebeu no cair da noite daquele mesmo dia. Ele parecia estar positivamente surpreso com o nosso retorno tão rápido, após o meu desequilíbrio de dias atrás.

– Como está se sentindo, meu jovem? – eu já tinha ouvido exatamente a mesma pergunta três dias atrás.

– Sinto-me mais tranquilo e confiante; acho que talvez eu possa ter sucesso nesta nova oportunidade. Até porque vou estar travado em uma cadeira de rodas, ou

numa cama; o que certamente dificultará qualquer tentativa que eu pudesse planejar contra a minha futura vida física. Ainda me aterroriza essa condição de deficiente físico, mas, aos poucos, vou me acostumar com a ideia.

– Meu coração fica mais leve ao ouvir isso! Nós estamos atentos a sua evolução. Percebe-se que você conseguiu adquirir muitos ensinamentos, já superou a fase de soberba e egoísmo; também já entendeu que a caridade, a solidariedade e a fraternidade são os maiores bens que podemos compartilhar com irmãos necessitados. Você teve uma vida, cuja principal missão era justamente mostrar aos outros que, mesmo sendo de uma classe social privilegiada, você se preocupava com os menos favorecidos, em compartilhar aprendizado, em atender e curar pela caridade, o bem pelo bem, sem esperar nada em troca. Você não teve sucesso, e pessoas que tinham a missão de lhe ajudar nessa empreitada, também falharam! A falha de você foi uma falha delas! É chegada a hora de nos prepararmos para o sucesso. Desta vez, conseguiremos!

– Qual será a missão? Como ter sucesso sendo aleijado, um débil numa cadeira de rodas? Eu teria mais chances, voltando e tendo um corpo sadio; poderia trabalhar e estudar, me comprometer em passar a vida auxiliando os mais despreparados, os infelizes...

– Não! – interrompeu-me Téo firmemente – você já teve essa oportunidade e não conseguiu. Ao tirar a própria vida, você regrediu alguns passos na sua evolução como espírito; desviou-se da sua trajetória evolutiva. Agora, temos de reparar esse mal. Primeiro, para retornar ao ponto em que estagnou, é preciso resgatar a dívida cármica. Todo esse tempo em que você esteve aqui, recuperando seu perispírito, buscando o equilíbrio emocional e a harmonia psíquica, ajudando e trabalhando com os recém-chegados, você já estava sendo preparado para retornar a sua jornada. A partir de agora, vamos intensificar essa preparação, e em breve, você e Serena estarão voltando a Terra. Lembre-se sempre que a Terra é uma escola de educação espiritual, um planeta de carma corretivo, de finalidade purificadora, lar físico de espíritos primários, defeituosos e rebeldes, cujo conteúdo psíquico ainda é bruto! É um Mundo Educativo, e a vida física,

apenas um meio educativo para os espíritos desenvolverem a sua consciência e elevarem o seu padrão vibratório.

– O que Serena tem a ver com a minha jornada? Ela, além de minha tutora, tem outra ligação comigo que ainda não lembro? – Serena ouviu minhas indagações silenciosamente, sem esboçar a menor reação ou surpresa.

– Toda vez que um espírito retorna a Terra, todas as lembranças de suas vidas anteriores e experiências no mundo invisível são apagadas de sua memória consciente. Todo seu real aprendizado, aquilo que foi internalizado e integrado a sua personalidade como valores seus, surgem no decorrer da existência terrena como dom, talento, valores natos ou intuição. Aquilo que você já tem no conhecimento, mas ainda não conseguiu integrar ao seu "EU", surgirá na sua vida como prova ou lições de aprendizado. Os detalhes de suas vidas regressas são "apagados" ou não fariam sentido novas oportunidades de crescimento e amadurecimento. Deus, nosso Pai Maior, criou tudo de forma tão perfeita que a Terra é uma escola de educação espiritual, um planeta de carma corretivo, de finalidade purificadora. Assim como as escolas primárias do mundo são destinadas aos alunos ignorantes, analfabetos e rudes, o planeta Terra é o lar físico de Espíritos primários, defeituosos e rebeldes, cujo conteúdo psíquico ainda é bruto!

– Serena – continuou ele – embora você ainda não lembre, faz parte da sua trajetória evolutiva como espírito, e você, automaticamente, parte da dela.

Olhei atentamente para Serena, mas suas feições não me eram nem um pouco familiares.

– Normalmente, quando um irmão retorna ao Mundo Espiritual, quando chega aqui na nossa Colônia já está tendo "flashes" de suas vidas regressas. Em pouco

tempo, já se apoderou novamente de toda sua memória cármica. A exceção são os casos de suicídio; pois trazem consigo uma perturbação muito maior e mais penosa do que qualquer outro. É preciso mais tempo, maior tratamento, mais estudo e trabalho, e muitas, muitas orações para que o equilíbrio e a serenidade, a paz e a harmonia interior sejam reconquistadas. As lembranças das vidas regressas podem causar um choque emocional, um distúrbio enorme em suas energias magnéticas, um caos total nesse momento. Tudo precisa ser feito gradativamente, lentamente, com muito carinho e atenção, com o monitoramento constante dos tutores e médicos cósmicos. Por isso, você não se lembra de Serena, não consegue ainda lembrar vidas anteriores a essa última. Sua consciência e perispírito ficaram muito marcados pela violência dessa passagem, e pelas últimas emoções vividas no corpo carnal.

Era verdade. Eu não lembrava muita coisa da minha infância, da minha família, da minha avó – sua imagem, e cada recordação, produzia um calor e um enorme amor invadir minha alma. Era o espírito a quem me sentia mais próximo, mais ligado, conectado... Espera! Serena... Minha avó! Olhei para ela, que pareceu ter captado meus pensamentos.

Sorrindo, e com carinho disse: – Não, eu não fui sua avó na sua última encarnação!

– Não fique ansioso, meu caro, pois, a partir de agora, sua memória cármica começará a ficar nítida para você. Tudo aquilo que é importante e que possa lhe ajudar na próxima passagem terrena, será lembrado.

Olhei para Serena. Não me contive e perguntei:

– Você fez parte da minha última vida na Terra?

– Sim – respondeu ela simplesmente.

Nesse instante, lembrei-me de Anne Louise. A jovem por quem fui apaixonado, que cortejei e pedi em casamento. A mesma jovem que me rejeitou e que, de certa forma, contribuiu para o desespero que me levou ao alcoolismo e às drogas.

Também tive consciência de que realmente não a amava. Ela era de uma família rica e fluente em Nice. Jovem bela e cortejada por quase todos os jovens solteiros da cidade. Ela foi um capricho meu, um desejo, uma paixão, não era amor.

As lembranças relativas a Anne Louise vieram como um furacão na minha cabeça. Era impressionante, como agora eu conseguia enxergar meus sentimentos e emoções, vividos naquela ocasião de forma tão transparente. Fiquei envergonhado e constrangido. Eu quisera Anne Louise como esposa para me exibir perante toda a sociedade. Nunca a amara.

– Você agora entende por que declinei seu pedido de casamento? – perguntou-me ela tão sinceramente, sem qualquer vestígio de mágoa ou ressentimento.

– Como fui estúpido! Tantos erros, tantos absurdos! Como fui inconsequente. Eu não a merecia! – Quanto mais me lembrava dos fatos, mais me sentia pequeno, ignorante. Uma vida perdida, toda uma vida alimentando o maldito orgulho, ostentando uma posição que só me levaram a uma tragédia pessoal.

– Sim, você deixou uma vida toda passar em branco. O dinheiro e a posição social tomaram conta de suas emoções. – Serena parecia conseguir ler meus pensamentos.

– Eu iria ajudá-lo nos trabalhos sociais, no atendimento àquelas pessoas com problemas sérios de sanidade mental, mas que não tinham condições de tratamento adequado, mas era preciso que você entendesse a importância do que deveria ser feito; você tinha de descer daquele pedestal que criou para si mesmo. Eu esperava que, com minha rejeição inicial, isso pudesse acontecer. Eu também pequei pela vaidade; mas tive meu castigo ao saber da sua morte. Sofri muito, carreguei o peso da culpa por toda uma existência, mesmo tendo consciência de que o único culpado era você! Essa culpa, esse remorso atormentaram minha alma por toda minha vida e, assim eu também não consegui cumprir minha missão de ajudar ao próximo. Agora estamos aqui, e uma nova chance nos será dada! Não podemos errar novamente.

– Amanhã, vocês deverão se dirigir ao Departamento de Reencarnação, e eu estarei lá, para começarmos a planejar em detalhes essa nova chance – falou Téo, que interrompia nossas lembranças para nos informar de que a partida fora dada. – Vocês nascerão na mesma cidade, na mesma época. Serena será sua meia-irmã, alguns anos mais jovem que você Alê, que será um desafortunado. Ainda bebê, você terá uma paralisia cerebral que causará danos terríveis ao seu corpo físico, ao seu desenvolvimento, mas você manterá sua consciência, sua inteligência. Será prisioneiro de um corpo disforme. Sua mãe morrerá logo após o parto, e seu pai casará com a mãe de Serena. Veremos como seu pai se sairá com você, nessas condições precárias. O certo é que Serena irá surgir na sua vida como um anjo, que irá lhe ajudar a suportar todo esse suplício já na idade adulta. A missão é essa, mas vocês sabem que o livre-arbítrio pode mudar todos os planos. O que posso garantir é que suas vidas irão se cruzar. Agora, devemos nos recolher, vamos meditar e preparar nossos corações para o que temos pela frente. Espero vocês amanhã bem cedo. Temos todo um programa de preparação, a começar pela apresentação da família de vocês.

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre a Progressão dos Espíritos (Livro dos Espíritos, Livro II, Cap. I)

Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes, e a cada um deu todas as possiblidades de progredir, dentro de suas determinadas missões, a fim de que todos possam, por seu próprio esforço e merecimento, subir na escala evolutiva para atingir a perfeição, que representará a pura e eterna felicidade.

O livre arbítrio se desenvolve à medida que o espírito adquire consciência de si mesmo. Os espíritos possuem, desde o princípio, iguais aptidões tanto para o bem como para o mal. Em qualquer ponto da escala, o espírito enfrenta sempre dois caminhos e compete-lhe fazer a escolha, recebendo, de acordo com a sua situação, influências de outros espíritos, igualmente nos dois sentidos: do bem e do mal. Assim, poden fazer a escolha do caminho livremente, e cada um tem o mérito de suas escolhas e obras, pelas quais responderá.

Todos, porém, na sucessão intérmina dos acontecimentos, alcançarão o grau supremo das perfeição, dentro de mais ou menos tempo, de acordo com suas obras.

2 – Suicídio (Fisiologia da Alma, Ramatis, psicografada por Hercílio Maes)

As consequências do suicídio são muito diversas, são sempre relativas às causas que provocaram, dependem das circunstâncias, mas há as que são comuns a todos os casos de morte violenta, e às consequências da interrupção brusca da vida. Um suicida traz sempre na consciência a lembrança do gesto insano que lhe abreviou a vida. A reencarnação é a forma imediata e mais adequada para a

recomposição do perispírito do suicida, pela qual ele materializa, no corpo físico, os estigmas que causou a si mesmo.

Como regra geral, o suicida deve reparar o mal que fez a si mesmo, harmonizando-se com seu corpo, outrora marcado, o que ocorre através de lesões nos órgãos afetados.

O trauma do suicídio continuará impresso na mente espiritual, e é retirado através de reencarnações dolorosas.

Assim, o espírito encarnado num corpo físico com deficiências, que lhe tolhe os movimentos devido ao efeito cármico, deixa de participar integralmente do curso de vida transitória do mundo carnal, afastando-o das paixões perigosas e das ilusões e prazeres materiais, obrigando-o a uma existência de mais reflexão, mais introspectiva. A ação restritiva da Lei Cármica tem por objetivo desenvolver um melhor senso diretivo do seu futuro, podendo aprimorar os bens do espírito, ajustando o efeito à causa correspondente, restringindo a liberdade do espírito apenas para corrigir o desvio psíquico perigoso e reconduzi-lo a sua trajetória evolutiva de forma venturosa. O “CARMA”, como lei imutável e disciplinadora, aliada à Causa e ao Efeito, rege todo o processo da vida cósmica.

A Lei do Carma não pune, mas reajusta, estabelecendo que qualquer ação, boa ou má, há de produzir uma reação ou efeito perfeitamente correspondente a sua causa.

Capítulo IV – De Novo, uma Nova Oportunidade

“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei!” Allan Kardec

Era chegada a hora. Eu estava orando no meu quarto, quando Serena e Téo entraram.

– Alessandro! Chegou sua hora –disse calmamente Téo – sua futura mãe está entrando em trabalho de parto.

– Eu sei... De repente, comecei a sentir algo estranho, uma vontade de sair correndo daqui, ir não sei pra onde, uma aflição, acho que é uma força da gravidade da Terra, que me chamava. Parece absurdo, mas é a melhor maneira que tenho para descrever o que estou sentindo.

Serena sorriu, aproximou-se se aproximou de mim, pegou minhas mãos entre as suas e falou:

– É seu corpo físico que lhe puxa, vá!

– Venha Alê, vou lhe acompanhar até o enlace definitivo.

– Enlace definitivo? – indaguei confuso.

– Sim, é assim como costumo chamar o momento em que o espírito se une em definitivo ao corpo físico que lhe foi designado. Isto se dá no momento do nascimento. Até agora, seu períspirito estava ligado ao feto em formação,

servindo de molde, uma espécie de forma. Durante todo o tempo de gestação, você, ocasionalmente, esteve com sua futura mãe, mas estava ligado de forma tênue ao feto. Agora, no nascimento, você vai se ligar permanentemente ao corpo físico que ela esteve gerando, e que está pronto para nascer. Você vai esquecer esse período em que viveu no mundo espiritual, o período de erraticidade. Talvez, alguns flashes de cenas vividas poderão ocorrer na primeira infância, alguns afetos e antipatias inexplicáveis, resultado de convivências e experiências em vidas passadas, nada mais do que isso.

– Eu preciso fazer duas perguntas – afirmei. Não esperei resposta e já questionei. Eles estavam surpresos com esse questionamento, num momento tão crucial e importante.

– A primeira pergunta: por que Serena não tem o aspecto físico de Anne Louise? Por que usa outro nome, enquanto eu tenho a mesma aparência e o mesmo nome da última vida encarnada?

– A segunda pergunta – continuei – eu me lembrarei de Serena? De alguma forma, eu saberei quando ela nascer, que ela é quem é?

Foi Serena quem respondeu prontamente:

– Esta é a aparência da minha última vida encarnada. Enquanto você esteve no Umbral, eu tive outra breve vida. Vivi por 25 anos, como enfermeira, nasci e vivi na África do Sul numa época de muito racismo e preconceito, muitos conflitos entre negros e brancos. Morri num atentado, vítima de uma bomba caseira. Quando aqui chegamos, depois de recobrarmos o nosso equilíbrio, é possível apoderar-se de qualquer aparência de vidas passadas. Normalmente, utilizamos a aparência da última vida encarnada ou daquela experiência terrena que mais nos marcou, mas isto não é uma regra.

– Quanto à segunda pergunta – respondeu Téo – você já deveria saber que, ao reencarnarmos, toda a memória consciente desaparece temporariamente. Entretanto, esta afinidade e união que sentem um pelo outro, é uma ligação cármica muito especial; e este sentimento, esta conexão que existe entre vocês se fará presente, mesmo estando encarnados. Agora, Alê, chegou a hora; vamos, estamos retardando o nascimento desse bebê.

Fiquei perplexo. Eu já estava reencarnando novamente e ainda sabia tão pouco da Vida Espiritual. Havia perdido tanto tempo no Umbral, que Serena ainda teve a oportunidade de uma nova vida. Eram tantas as perguntas; mas agora não havia tempo. Meu novo corpo físico me aguardava, chegara a hora de nascer: novo, de novo, para uma vida nova!

A sensação era de estar mergulhado numa banheira de água morna. Gostoso, tranquilo, sereno.

Ouvia o compasso de um relógio: tuc, tuc, tuc, tuc.

Acho que é o coração da minha mãe. Era bom estar ali.

De repente, o espaço pareceu ficar menor. Membranas, paredes, não sei direito, começaram a me apertar, e me empurrar para baixo. Não gosto disso. É sufocante, preciso de ar, sinto dor no peito; tenho de sair daqui! Algo me aperta o pescoço, preciso de ar! Aquela força continua cada vez mais forte a me empurrar para baixo. Preciso de ar!

Estou morrendo, antes mesmo de ter nascido.

O espaço está cada vez menor, estou apertado e sufocando. Aquela força a me empurrar, empurrar e empurrar... e algo a apertar meu pescoço, cada vez mais forte. Que agonia!

Não tenho mais forças, acho que estou morrendo sem ter nascido. Um vazio, um vácuo...

Assim foi o meu nascimento. Uma verdadeira tragédia na família que havíamos escolhido para minha nova vida.

Minha mãe entrou em trabalho de parto, e sua pressão arterial subiu repentinamente, o que provocou uma série de espasmos musculares, as convulsões. Enquanto os médicos tentavam controlar os espasmos, baixar sua pressão arterial e controlar seus batimentos cardíacos, que haviam disparado, eu lutava desesperadamente por oxigênio: o cordão umbilical havia se enrolado no meu pescoço, momentos antes do início do trabalho de parto. Quando os espasmos cessaram por um tempo, os médicos fizeram a cesárea. Eu já estava ficando roxo pela falta de oxigênio. Eles conseguiram que eu começasse a respirar com meus pulmões, mas eu ficara alguns segundos sem oxigenação cerebral, e isso foi terrível para o meu organismo. Tive uma paralisia cerebral, o que iria afetar meu desenvolvimento físico e motor por toda a minha existência. Minha mãe, lutou bravamente pela vida, mas naquela mesma noite, ela veio a falecer. Ela fora vítima do que os médicos chamam de “eclampsia”.

Meu pai, um motorista de máquinas agrícolas, tinha 24 anos nessa ocasião. Era órfão de pai e mãe, tinha um irmão mais velho cuja relação era conflitante desde que crianças. Eram dois espíritos que buscavam resgatar dívidas de outras existências, estavam encarnados para se harmonizarem entre si; mas não

estavam tendo êxito nessa missão em particular.

Alberto, esse era o nome de meu pai, entrou em desespero: a mulher que aprendera a amar e lhe dera a esperança de ter uma família havia partido; o filho, os médicos o tinham alertado, podia ter sofrido danos terríveis e irreversíveis no cérebro. Seria necessário uma série de exames, com neurologistas pediátricos, para se conhecer a extensão da lesão cerebral e suas consequências, e isto deveria ocorrer em Porto Alegre, a capital do estado, que ficava a quase 500Km de distância da cidade agrícola onde moravam. O que fazer? Mais do que nunca, ele precisava trabalhar. Havia as despesas do funeral, o quarto do bebê que eles haviam comprado a prestações, o financiamento da pequena casa, mas a pergunta que não parava de martelar na sua cabeça: quem cuidaria desta criança problemática? Como ele cuidaria deste bebê sozinho? Quem o acompanharia durante o período em que deveria ficar em Porto Alegre para a realização dos exames?

No próprio hospital, ele obteve algumas respostas. A assistente social, quando soube de toda a situação, se prontificou a ajudá-lo a encontrar alguma casa assistencial para crianças com problemas neurológicos graves, cujas famílias não tinham condições de manter ou acompanhar durante o tratamento na capital do estado. Assim, com apenas 02 meses de vida, eu já estava sendo encaminhado para a “Casa do Excepcional Nossa Senhora das Dores”, em Porto Alegre, longe de meu pai, meu tio e primos e toda família da minha mãe. Os exames confirmavam uma séria lesão cerebral, cuja extensão e sequelas nem os médicos neurologistas sabiam precisar em função da minha tenra idade. Conforme eu fosse crescendo é que se iria descobrir. A ideia é que eu ficasse acolhido nessa casa assistencial durante meu primeiro ano de vida para a realização dos exames e posterior acompanhamento e monitoramento da minha evolução durante este período.

Os primeiros anos de minha vida eu ainda não recordo direito, mesmo agora, já estando novamente no Plano Espiritual, acho que foi um período em que eu apenas lutava para sobreviver, minha alma ainda estava se adaptando a uma nova

vida encarnada, eu ainda não tinha consciência da minha terrível condição física.

Meu pai, logo que encontrou este lugar para me deixar, tratou de tentar esquecer tudo o que havia ocorrido no último ano de sua vida. Nos primeiros meses, trabalhou sem parar, para não pensar. Logo, em seguida, colocou a casa à venda e mudou-se para outra cidade em região rural. Não queria nenhuma recordação, e também não suportava os olhares piedosos e, ao mesmo tempo, recriminadores da vizinhança que, sabendo do meu destino, achavam que ele havia se furtado do papel de pai.

Na verdade, foi isso mesmo que aconteceu. No meu primeiro ano de vida, ele depositou algum dinheiro para a Casa Assistencial que me acolhia, e telefonou algumas vezes para saber do meu estado, resultado de exames ou se havia algum progresso na minha condição clínica, sempre muito frágil.

Os resultados dos exames iam se tornando cada vez mais terríveis, a minha evolução era praticamente nula. A cada dia, uma nova complicação aparecia, meu estado de saúde em geral era bastante delicado, e exigia muita atenção e cuidados médicos intensos. Passei boa parte dos primeiros dois anos de vida hospitalizado, mas meu pai parecia não se interessar muito.

No segundo ano, ele fez apenas um depósito de ajuda financeira e duas ligações para a Casa de Assistência, nenhuma visita sequer. No terceiro ano, a assistente social da Casa é que ligou para ele, falando da importância da visita da família para os “acolhidos” e solicitando alguma ajuda financeira. Nessa ocasião ele tomou conhecimento de que eu provavelmente nunca andaria, e que teria muita dificuldade para aprender a falar. No primeiro momento, ele ficou muito transtornado, mas, depois, decidiu que jamais iria me buscar para viver com ele. Na cabeça dele, eu ficava melhor onde estava, onde tinha os cuidados e a atenção de que necessitava. Ele também acreditava que eu não tinha consciência do meu estado e que, portanto, nem falta de carinho e atenção da família eu poderia sentir. Doce engano! Se assim fosse, minha vida teria sido muito mais

fácil. Eu não podia falar, não conseguia andar, mas eu pensava, sentia e entendia grande parte do que acontecia a minha volta.

No quarto ano, meu pai trocou de telefone e de endereço, e o contato praticamente se perdeu. Assim, depois que eu fui acolhido na Casa do Excepcional, tive um único contato com meu pai quando tinha em torno de 09 anos, e depois só fui tornar a ter contato com algum membro da família quando já estava com quase 23 anos.

Vivi todos esses anos, alternando entre a cama e a cadeira de rodas; dependendo de terceiros para tudo, inclusive alimentação. Conforme os anos passavam, mais os meus ossos, articulações e músculos se atrofiavam: os membros inferiores e superiores foram diretamente afetados pela paralisia cerebral, eu não tinha qualquer coordenação motora, mas conseguia mastigar e engolir, sem maiores dificuldades, e isso era uma benção! Havia acolhidos na Casa Assistencial Nossa Senhora das Dores, que nem isso conseguiam. Alimentação liquida ou pastosa e ainda tinham grande dificuldade para engolir. Muitas vezes, assisti os cuidadores, irritados, sem tempo ou sem paciência, desistirem de alimentar esses coitados, que tossiam, se engasgavam, vomitavam e lá se ia todo o alimento... Seus corpos frágeis e debilitados, pesavam quase nada.

Sempre usei fraldas, simplesmente por não conseguir me locomover ou falar para que alguém me levasse ao banheiro. Com o passar dos anos, eu tinha consciência e pleno controle sobre minhas necessidades fisiológicas, mas nunca consegui me fazer entender sobre o que queria ou estava precisando em tempo hábil. Esta foi uma das minhas grandes agonias, talvez a mais dolorosa. Eu tinha consciência do que queria, do que precisava, do que me afligia, mas não conseguia me expressar.

Ah, se eu pudesse falar!

Quantas vezes tive dor e não consegui pedir um analgésico!

Quantas vezes, tive frio e fui incapaz de pedir um agasalho!

Quantas vezes tive coceira e não consegui me coçar, nem pedir a alguém que me coçasse!

Quantas vezes, eu estava molhado ou borrado e ninguém para me trocar!

Quanta sede, quanta fome, quanto sono, quanto desconforto!

Ah, se eu pudesse falar, teria sido tudo tão mais fácil!

Não que os cuidadores ou enfermeiros da Casa Assistencial não nos cuidassem direito. A grande maioria das pessoas que passou por lá, durante a minha estada, foram pessoas atenciosas e generosas. Eles se dedicavam, dia e noite, a dar assistência a todos os acolhidos, que não eram poucos. Em média, de 30 a 40, com idades variadas, de bebês a adultos de 40 anos, mas todos, com problemas neurológicos crônicos e, quase todos, abandonados pelas famílias. Éramos gratos àquele pessoal que nos cuidava; sem eles teríamos morrido precocemente de fome, sede, frio, atacados por infecções oportunistas, sem nenhuma chance de sobrevivência, abandonados a nossa própria sorte. Devido a nossa precária condição física, nossos organismos estavam milhões de vezes mais sujeitos ao ataque de vírus e bactérias. Ao menos ali, levávamos uma vida tranquila, com as necessidades básicas de higiene e alimentação sendo atendidas, uma cama limpa, medicação para amenizar as dores do corpo e da alma, e a companhia um do outro. O pessoal que trabalhava lá fazia o que estava ao alcance deles, o melhor que podiam: alguns mais generosos e atenciosos que outros, mas todos eram

dedicados. Não é fácil, trabalhar dia após dia, com um bando de retardados, aleijões e atrofiados, a maioria sem nenhuma expectativa de progresso ou melhora de condição física. Pessoas que só se comunicam com os olhos, gestos ou monossílabos incompreensíveis. Alguns, nem se comunicar conseguem. São aqueles que levam vida quase que vegetativa, sem noção de nada: do próprio corpo, de tempo ou de espaço. São os casos mais graves, na nossa casa, os internos do quarto 3.

O quarto de nº 3 era uma espécie de Enfermaria ou Unidade de Tratamento Intensivo. Ali ficavam os casos mais sérios, aqueles que precisavam de medicação intravenosa, alimentação por sonda, balão de oxigênio, soro ou outro procedimento especial. Naquele quarto, sempre havia dois técnicos de enfermagem de plantão, em tempo integral. Diferentemente dos outros quartos, em que cada cuidadora tinha seus acolhidos definidos para cuidar; o que não impedia de dar atenção a outro acolhido, numa necessidade, mas cada um dos cuidadores tinha seus “filhos” para alimentar, dar banho, dar água, trocar fralda, roupa de cama e cuidados básicos de higiene e alimentação. Para estes, os técnicos de enfermagem eram responsáveis pela medicação, pela escovação dos dentes, ajudar na alimentação, auxiliar no banho, mudança de posição, curativos ou algum cuidado específico. Os cuidados do dia-a-dia eram feitos por cuidadores que não tinham formação específica na área da saúde; isso se devia aos problemas financeiros crônicos que a Casa Assistencial sempre enfrentava, pois vivia basicamente de doações feitas por algumas empresas ou pessoas físicas.

Nosso mundo era um mundo à parte. Ali não existiam sentimentos comuns à natureza humana que, muitas vezes, levam a própria destruição, tais como vaidade, ambição, ganância, egoísmo, inveja. Ali, cada dia era uma vitória; mais um dia de sobrevivência; pois, apesar das péssimas condições físicas, o instinto de sobrevivência é maior que tudo. Aquele era o nosso mundo, a nossa vida; a maioria de nós, nem conhecia a vida fora do muro que rodeava a casa, fora dos corredores dos hospitais ou das escolas para especiais, que alguns poucos frequentavam. Para nós, a vida era o que vivíamos ali e o que a televisão nos mostrava; não conhecíamos muitas coisas do mundo exterior.

Além do pessoal que se desdobrava na Casa, havia os voluntários. Eram pessoas comuns, sem vínculo com qualquer um dos acolhidos, mas que queriam ajudar de alguma forma: contribuíam com comida, roupas, fraldas descartáveis, dinheiro ou com seu trabalho. Visitavam a casa semanalmente para ajudar nos cuidados dos acolhidos, levar a consultas médicas, nas escolas ou simplesmente dar carinho e atenção, brincar, passear, etc. Isso era algo que nos faltava muito. Os empregados da casa, em número menor do que seria o ideal, estavam sempre atarefados com as tarefas diárias, os cuidados básicos. Não sobrava muito tempo para atividades lúdicas, ou mesmo passear no sol, conversar com atenção e carinho. Não falávamos, mas quase todos entendiam tudo o que se passava ao seu redor. Éramos todos carentes de afeto e amor, e ciúme era um sentimento comum entre nós. Quando qualquer um recebia mais atenção ou carinho de algum voluntário, ou de alguém que trabalhava na casa, isso já era suficiente para gerar ciúmes. A maneira de chamar atenção era gritando, batendo na parede, chorando. Um beijo na face, um cafuné na cabeça ou uma massagem nas costas significava muito para nós. Era uma benção!

Havíamos sido abandonados pela família, então não recebíamos visitas. Exceto um ou outro, que recebia visitas dos pais, de um irmão ou padrinho. Lembro-me da Divanete que, durante certo período de tempo, teve uma senhora que gostava muito dela, e a levava para casa nos finais de semana. Sorte da Divanete, que teve esse anjo na vida dela, que muito a ajudou, sem ter qualquer laço de parentesco e sem pedir nada em troca. O bem pelo bem. Doação de amor, pura e simples. Poucos fazem isso. Solidariedade, compaixão ou empatia são sentimentos pouco comuns às pessoas que vivem focados na sua rotina diária, nos seus compromissos familiares e profissionais e não percebem como são abençoadas por serem saudáveis, por terem uma família, por terem alguém com quem partilhar seus temores, suas angústias, sua dor. Esquecem que existem aqueles que só precisam de um gesto de afeto para se sentirem felizes.

Eu já estava com 23 anos, quando, uma tarde, recebemos a visita de uma jovem que iria iniciar um trabalho voluntário ali na casa. Ela era estudante de enfermagem na Universidade Federal, e morava sozinha nas redondezas. Sua

família vivia numa cidadezinha agrícola bem ao sul do estado, e ela estava na capital do estado para estudar. Seu nome era Maria Clara.

Naquela tarde, eu ainda não sabia, mas aquela jovem iria transformar minha vida. Transformar para melhor. Maria Clara, esse era o atual nome do meu anjo da guarda!

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre a Pluralidade das Existências – A Justiça da Reencarnação (Livro do Espíritos – Cap. IV)

A doutrina da reencarnação é aquela que admite para o homem várias existências sucessivas; é a única que responde à ideia que fazemos da justiça de Deus em relação aos homens colocados em uma condição moral inferior, a única que nos explica o futuro e fundamenta nossas esperanças, pois nos oferece o meio de resgatar nossos erros através de novas provas.

A vida do Espírito se compõe assim de uma série de existências corporais, sendo cada uma, para ele, uma oportunidade de progresso, da mesma forma que cada existência corporal se compõe de uma série de dias em cada um dos quais o homem adquire um acréscimo de experiências e de instrução. Todavia, da mesma forma que na vida do homem existem dias que não produzem frutos, na vida do Espírito há existências corporais sem nenhum resultado, por que ele não as soube aproveitar.

Pela reencarnação, a igualdade é para todos; o futuro pertence a todos sem

exceção e sem favor para ninguém. O homem deve ter o mérito dos seus atos, como tem a responsabilidade.

Todos os Espíritos tendem à perfeição e Deus lhes fornece os meios pelas provas da vida corpórea; mas, em sua justiça, faculta-lhes realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

2 – Sobre a Encarnação dos Espíritos (A Gênese –a Cap. XI; O Céu e o Inferno – Cap.V)

A encarnação dos espíritos não é constante, nem perpétua; é transitória, deixando um corpo, não retorna a outro imediatamente; durante um lapso de tempo mais ou menos considerável, vive da vida espiritual, que é a vida normal; de tal sorte que a soma do tempo passado nas diferentes encarnações é pouca coisa, comparada ao tempo que ele passa no estado de espírito livre.

No intervalo dessas encarnações, o espírito progride igualmente, no sentido de que aproveita, para o seu adiantamento, os conhecimentos e a experiência adquiridos na vida corpórea; ele examina o que fez em sua permanência na Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, organiza seus planos e toma as resoluções segundo as quais conta guiar-se numa nova existência, tratando de fazer o melhor. Assim, cada existência é um passo adiante na via do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

A encarnação não é, pois, normalmente, uma punição para o espírito, mas uma condição inerente à inferioridade do espírito e um meio de progredir.

Cada existência é, para a alma, a oportunidade de um passo adiante; de sua

vontade depende que esse passo seja o maior possível, de vencer vários escalões ou permanecer no mesmo ponto.

É, pois, nas encarnações sucessivas que a alma se despoja, pouco a pouco, de suas imperfeições, que ela se purga, até que esteja bastante pura para merecer trocar os mundos de expiação pelos mundos mais felizes, e, mais tarde, para gozar a felicidade suprema.

Capítulo V – Maria Clara

“A amizade é luz no caminho; clareia sua estrada!” Divaldo Franco

Logo que Alberto – meu pai - mudou-se para Santo Augusto, ele foi trabalhar como operador de colheitadeiras numa cooperativa de pequenos plantadores de soja. Santo Augusto era uma pequena cidade agrícola, com pouco mais de 13 mil habitantes. Era o lugar ideal para o início de uma nova vida, pois ninguém o conhecia, e Alberto deixava seu passado trágico para trás. Às vezes, a lembrança do filho doente que abandonara – eu – vinha-lhe em pensamentos, mas tratava logo de esquecer. Tentava convencer a si mesmo de que não podia fazer nada pelo filho, que, na Casa Assistencial em que fora acolhido, a criança teria os cuidados e a assistência de que precisava.

Meu pai esforçou-se tanto para me esquecer que, às vezes, ele nem lembrava o nome com que havia me registrado. Meu nome era Fernando.

Jovem, bem apessoado, com mais estudo que a maioria dos agricultores e trabalhadores da região, logo, enamorou-se pela filha de um dos cooperativados, Sueli, com quem veio a se casar pouco tempo depois. Cinco anos após o meu nascimento, meu pai já estava casado novamente e sua esposa grávida de uma

menina. Sua vida estava tranquila, mas ele, com a aproximação do nascimento da filha, uma inquietação começou a tomar conta do seu coração. Insônia e pesadelos começaram a se tornar frequentes. Alberto, de fato, vivia um verdadeiro filme de terror internamente e não podia dividir com ninguém seus temores, ninguém sabia do que havia acontecido com ele. Era o remorso, a dor na consciência por ter abandonado o filho doente. Ele tinha muito medo de que fosse castigado, e uma nova tragédia acontecesse.

Numa noite quente de fevereiro, acordou gritando e suando frio. Sua esposa, assustada, o sacudiu bruscamente para que acordasse.

– Beto, Beto! Acorde! É só um pesadelo!

– Ahãã! O que foi? – perguntou e sentou-se na cama assustado.

– Beto... é só um pesadelo!!! Se acalme! – falou Sueli, acarinhando seu braço.

– Ai meu Deus! Obrigado por ser só um sonho! – falou ele ainda com o coração acelerado.

– Quer um copo d’agua? – indagou Sueli.

– Quero! Mas, deixa que eu mesmo pego. Você está tão inchada que quase nem consegue caminhar – respondeu ele, já se levantando da cama.

– O que você estava sonhando? – questionou ela.

– Foi só um sonho ruim. Não quero falar sobre isso. – respondeu ele, tentando tirar da cabeça as imagens de um bebê todo disforme. – Volte a dormir, vou fazer um café e fumar um cigarro. Ainda é cedo, mas daqui a pouco eu já terei de me levantar mesmo; nem vale a pena, para mim, voltar a dormir.

– Você está bem mesmo?

– Claro que sim. Foi só um pesadelo. Volte a dormir, você precisa descansar.

– Está bem, eu ainda estou com sono. Custei muito a pegar no sono, não havia posição confortável. Não vejo a hora que nosso nenê nasça.

– Calma... Tudo tem sua hora! Mais umas duas ou três semanas e ela já estará no nosso colo. E, queira Deus, perfeita e com saúde!

Alberto foi para a cozinha preparar seu café, absorvido em seus pensamentos. Cenas vividas no meu nascimento, teimavam em surgir na sua mente, mas ele não queria lembrar, queria apagar de sua memória, de sua vida, aquele ano cruel.

O nascimento de Maria Clara foi tranquilo, sem surpresas, dentro da normalidade. Uma menina perfeita, saudável e muito bonitinha. Alberto estava feliz, finalmente, tinha uma família.

Maria Clara cresceu saudável, era muito esperta e chamava a atenção pela sua inteligência, afetuosidade e generosidade. Desde os 04 anos, Maria Clara falava num irmãozinho. Com bastante frequência, ela acordava contando que havia sonhado com seu irmão. Outras vezes, a menina, brincando, conversava com o "suposto" irmão. Um desses dias, em que Sueli a pegou brincando de bonecas e conversando sozinha, resolveu questionar a menina a respeito.

– Com quem você está conversando minha filha? perguntou a mãe, curiosa.

– Com ele, mamãe! Meu mano! – respondeu ela inocentemente.

– Mas não tem ninguém aí com você, minha filha!

– Eu sei mamãe! Ele não pode estar comigo agora, só quando durmo a gente pode se encontrar, mas fico com saudades dele, então faço de mentirinha que minha boneca é ele, meu mano! Assim posso cuidar dele!

– Por que você precisa cuidar dele? Ele não é seu mano? Ou é seu filhinho?

A menina olhou contrariada para a mãe e respondeu:

– Já te contei que é meu mano!

– Por que você precisa cuidar dele? – insistiu a mãe.

– Ora mamãe, ele não sabe falar, nem andar! – respondeu, supostamente contrariada com a insistência da mãe.

– Ah, entendi! Ele é um bebê! – sorriu a mãe, de certa forma aliviada.

– Não mamãe, ele não é bebê! Já te falei... o meu mano, não consegue falar nem andar. Ele precisa de mim para cuidar dele!

O coração de Sueli congelou. Nessa época, Alberto já contara a ela sobre o meu nascimento, mas era um segredo guardado a sete chaves, e mesmo o casal evitava falar no assunto. Sueli sabia que aquele assunto deixava seu marido completamente transtornado, então evitava tocar nele, embora pensasse muito a respeito.

Sueli pegou a menina pela mão e a levou para sentar-se no degrau que havia na porta da cozinha. Sentadas, lado a lado, Sueli voltou ao assunto. Queria descobrir mais, saber o que realmente estava acontecendo com sua filhinha.

– Conta pra mamãe, como você conheceu esse maninho?

– Ah, um dia ele apareceu no meu sonho.

– E daí? O que aconteceu? Conta tudo pra mamãe, eu quero saber desse maninho.

– Daí ele me disse no pensamento que precisava de mim para cuidar dele.

– No pensamento? Como assim, minha filhota? – Sueli estava cada vez mais assustada com aquela história.

– Mamãe! – repreendeu a menina – já te falei que ele não sabe falar, nem andar, mas ele entra na minha cabeça, e eu penso o que ele quer me dizer. Daí eu penso e ele sabe o que eu quero dizer.

– Que legal! – tentou disfarçar Sueli. Não queria que a filha ficasse assustada com tudo aquilo.

– Sabe, mamãe, meu maninho é muito sozinho. Ele nem tem mamãe. Às vezes, ele chora de tão sozinho que fica. Ele só tem eu!

– Mas, como ele é teu maninho, se não tem mamãe, nem papai? Eu já expliquei que os irmãos são filhos da mesma mamãe e papai. Você tem seu papai e sua mamãe – falava Sueli tentando tirar da cabeça da filha aquela história.

– Ele é meu maninho, eu sei! A mamãe dele morreu. Isso ele me contou – insistia a menina, já com os olhos cheios de lágrimas.

Sueli pegou a filha no colo e com carinho falou:

– Então tá, Maria Clara! Outro dia, quando você encontrar com teu maninho, você me conta tudo o que ele disser?

– Conto sim, mamãe! – disse, saindo do colo da mãe e já feliz que a mãe aceitava a figura do maninho.

Estava entrando em casa novamente, quando parou e falou:

– Sabe, mamãe? O Nado me disse que o papai dele o abandonou e não gosta dele.

O coração de Sueli parou de bater por alguns segundos. Seus olhos encheram-se de lágrimas e sentiu uma pontada no coração.

Meu Santo Deus, como pode ser isso? – pensou ela – Maria Clara fala como se soubesse da existência deste meio-irmão doente, como se soubesse de toda a história.

Tentando disfarçar o impacto que aquela revelação lhe causara, foi atrás da filha que já entrava na cozinha e perguntou:

– Quem é Nado, Maria Clara?

– Meu mano, eu o chamo de Nado.

– Entendi! – respondeu simplesmente, tentando terminar a conversa. Precisava pensar. Não sabia exatamente como conduzir essa questão, mas lhe parecia óbvio que tinha de compartilhar essa conversa com seu marido. Algo estranho estava acontecendo e não lhe parecia uma simples coincidência ou imaginação da menina, como ela e o marido acreditaram no início.

– Nado – repetiu ela para si mesma. – Teve medo de perguntar a menina, qual era o nome completo do Nado. Só de pensar, suas mãos suavam frio.

No final de semana, quando o marido retornou para casa das plantações onde estava trabalhando durante os dias úteis, ela tentou conversar com ele a respeito. Já era tarde da noite de sábado, Maria Clara estava dormindo, eles continuavam na mesa da cozinha, tomando vinho, com a televisão ligada:

– Beto – começou ela, sem saber exatamente como puxar o assunto – você tem tido notícias do seu filho?

O rosto de Alberto transfigurou-se imediatamente.

– Pra que falar nisso agora? Tá querendo estragar meu sábado?

– Calma! Eu sei quanto isso lhe incomoda, mas precisamos conversar a respeito. – fez uma pausa, como que esperando uma reação mais receptiva do marido, que ficou imóvel, olhando o vazio, como se sua mente houvesse viajado no espaço.

– Esta semana – continuou ela - Maria Clara voltou a falar com aquele “irmãozinho imaginário”. Peguei-a brincando e conversando com a boneca, foi quando resolvi perguntar com quem ela falava. Você vai ficar surpreso e assustado, assim como eu fiquei, com as respostas que ela me deu!

– Já conversamos com a pediatra dela sobre isso! A médica mesmo disse que é normal, até os seis anos, as crianças criarem amiguinhos na sua imaginação, brincarem e conversarem com eles. Não há nada de errado nisso! Acontece com muitas crianças na idade da Clara – respondeu ele, tentando encerrar aquela conversa que não lhe agradava.

– Acontece – retrucou Sueli firmemente, já perdendo a paciência com o marido que se negava a enfrentar o problema – que Maria Clara contou-me coisas sobre esse irmãozinho, que batem exatamente com a história do seu filho. Entre outras coisas, ela me disse que o “mano” dela não pode andar nem falar, que precisa dela para cuidar dele, e mais, que ele não tem mãe, que já está morta, e o pior, que o pai não gostava dele.

Alberto ficou estarrecido, inerte, sem voz. Levantou-se, acendeu um cigarro e saiu para o frio da noite. Sueli foi atrás:

– Você não pode fugir desse assunto como fez todos esses anos em relação à existência do seu filho! – gritou ela, enfurecida. Era chegada a hora de fazer seu marido enfrentar o problema, enfrentar o remorso e corrigir os erros cometidos com essa criança.

– Você não tem nada a ver com isso! Você não sabe nada sobre isso, nada sobre o que é ter um filho retardado, paralitico, um débil... Você vai cuidar dele? – explodiu Alberto.

– Vai? – continuou ele, agora segurando a mulher pelos braços e a forçando a encará-lo.

– Me solte! – grunhiu Sueli entre os dentes. Alberto percebeu que a estava machucando e a soltou imediatamente, pedindo desculpas pela agressão quase que involuntária.

– Olhe aqui, Seu Alberto! Eu nunca quis me meter nesse capítulo da tua vida, por que aconteceu antes do nosso casamento. Eu sempre respeitei teus sentimentos, a dor pela perda da sua primeira esposa, o sofrimento pelo que aconteceu ao seu filho, todas as complicações de saúde e tudo mais. Nunca me meti, mas também nunca concordei com o seu comportamento em relação a ele.

Alberto escutava tudo atônito. Sueli, desde que ficara sabendo desses fatos, nunca o havia recriminado, julgado ou condenado pelo abandono do filho. Ele sempre acreditara que ela não tocava no assunto com receio de que ele resolvesse buscar o filho e ela tivesse de cuidar do filho doente dele. Alberto não estava entendendo a reação dela, nem as palavras de recriminação.

– Um filho é sempre um filho! – continuou ela. – Ele não pediu para nascer, ele não tem culpa que a mãe morreu, não tem culpa de todas as complicações do parto, não tem culpa de ser retardado, aleijado sei lá o que mais! – Sueli despejava as palavras sem dó, nem piedade. Até agora, tentando preservar o bom relacionamento com o marido, evitara falar do assunto, mas o menino existia e estava lá em Porto Alegre, abandonado por toda a família. Não era certo o que Alberto fizera, e, sabendo de tudo sem fazer nada para ajudar, ela estava compactuando com esse comportamento inaceitável. Os pensamentos brotavam na mente de Sueli aos milhões. Aturdida, ela continuava a despejar as palavras em cima de Alberto:

– Não sei como, mas parece que Maria Clara sabe de toda essa história. Ela fala desse “maninho” que precisa da ajuda dela com muita certeza, muito sentimento.

– Você está louca! – repreendeu ele – Como pode ela saber do menino doente? – fez uma pausa, como que esperando resposta – só se você contou! Por aqui, ninguém sabe dessa história. Eu mesmo queria esquecer esse capítulo da minha vida – sua voz falhou pela emoção.

Por um momento, Sueli sentiu piedade do marido, mas ela não deixou que esse sentimento crescesse dentro dela. Precisava ser firme e forte, para convencê-lo a ajudar o filho doente. Sim, era isso que precisava ser feito. Agora ela sabia disso: eles não precisavam trazer a criança para morar com eles, mas era preciso, ao menos, visitá-lo periodicamente, ajudar financeiramente a Casa que o acolhia, buscar, talvez, algum tratamento que pudesse trazer evolução ao estado de saúde dele. Ainda havia tempo, o menino devia estar com oito, talvez nove anos. Todas essas questões fervilhavam na mente e no coração de Sueli.

– Beto – chamou Sueli com mais moderação, controlando sua irritação pelo comportamento do marido – Maria Clara me disse, que o mano só a visita nos sonhos e que então ele coloca na cabeça dela o que gostaria de dizer. É como se, durante o sono, eles se encontrassem e conversassem por telepatia.

– Isso é paranoia da sua cabeça! Isso não existe! Se encontrar durante o sono? Como seria isso? Telepatia! Você está ficando louca e querendo me enlouquecer também!

– Não, Beto! Não estou ficando louca! Eu já li sobre viagem astral, isso é bem possível de acontecer. Durante o sono, o espirito se desligar parcialmente do

corpo físico e ir ao encontro de outros espíritos, encarnados ou não.

Um sorriso de zombaria apareceu no rosto de Alberto.

– Está explicado! Você fica lendo esses livros espíritas e depois fica inventando, fantasiando coisas.

– Alberto, pelo amor de Deus, me ouça! – Sueli não queria desistir de fazer seu marido entender o que estava acontecendo.

– Vamos ao menos procurar saber como está o menino? Eu, como sua esposa, sinto-me culpada e também responsável por ele – completou ela.

– Você não tem nada a ver com tudo isso! É um problema meu, exclusivamente meu! – falando isso, Alberto retornou para dentro de casa, encerrando o assunto.

Sueli sentou-se no degrau da porta da cozinha e ficou imersa em seus pensamentos, com as lágrimas escorrendo pela sua face. Era uma mulher boa, de bons princípios e valores éticos. Desde que soube de toda a história, sentiu-se incomodada e percebia como tudo aquilo atormentava seu marido, que teimava em fugir do problema. Ele não tinha paz de espírito, e nunca teria, se teimasse em viver como se o menino não existisse.

No outro dia, Alberto estava preparando um churrasco para o almoço de domingo, quando percebeu que Maria Clara conversava com sua boneca, enquanto brincava. Começou a prestar atenção no que a menina falava.

– Sabe maninho, eu te amo! Não precisa ter medo! Eu vou sempre cuidar de ti! – A menina falava para a boneca, enquanto fingia estar alimentando-a.

– Filha! – chamou Alberto.

– O que é papai? Agora eu não posso, preciso alimentar o Nado. – Às vezes, Alberto se assustava da maneira adulta como a menina se expressava.

– Sabe o que é? Você chama sua boneca de Nado, mas ela é uma menina, ou não é? Por que você não dá um nome de menina para ela?

– É isso? Ah, isso não tem importância. O nome dela de verdade é Mariana; mas agora eu to fingindo que ela é o Nado, o meu mano.

– Mano? Você não tem maninhos Maria Clara. Mamãe e papai, só temos uma filhinha que é você!

– Eu tenho um irmãozinho, sim! Mas, ele não vive aqui com nós, ele mora muito longe daqui, mas, quando eu durmo, ele vem me visitar, a gente se encontra e ele me conta da vida dele.

Alberto ficou intrigado e resolveu investigar mais aquela história:

– E, como é a vida dele? O que ele te fala?

– Ah, ele não fala. Não consegue falar. Nem andar. Ele põe os pensamentos na minha cabeça e daí eu sei o que ele quer dizer. - A menina continuava a fingir que alimentava a boneca enquanto falava. – Ele vem até mim numa cadeira que tem rodas, sabia?

Alberto parou o que estava fazendo e sentou-se no chão, sobre a manta em que a menina brincava. Olhou para a filha, que, na sua inocência, falava de coisas que pareciam pouco reais.

– E, o que Nado te fala? – indagou ele.

– Muitas coisas... Quase sempre coisas tristes! Sabe papai, o Nado não tem mamãe, vive preso num hospital. Não vai à escola e seus amiguinhos são todos como ele, doentinhos.

– E, como vocês se conheceram minha filha? Como você sabe que ele é seu mano?

– Um dia eu sonhei que estava visitando ele, lá no hospital onde ele mora. Daí eu dei comida na boca dele, por que as mãos dele são um pouco tortinhas, sabe papai? Ele não consegue segurar direito a colher... daí eu ajudei ele. Ele ficou feliz e deu uma risada para mim.

– E, como você sabe que ele é seu irmão? – insistiu Alberto.

– Foi ele que me contou isso, e eu acreditei porque é verdade!

– Ele é parecido contigo? – Alberto tentou não demonstrar para a menina sua ansiedade.

– Não... Ele parece com você, papai! – falou isso e começou a rir.

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre a Emancipação da Alma (Livro dos Espíritos, Cap. VIII & A Gênese, Cap. XIV)

Durante o sono, os laços que unem o espírito ao corpo relaxam, e o corpo não necessita do espírito, então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com outros espíritos. Enquanto o corpo repousa, o espírito dispõe de mais faculdades do que na vigília. Adquire maior energia e pode entrar em contato com outros espíritos, seja neste mundo, seja em outro.

O sonho liberta, em parte, a alma do corpo. Pelo efeito do sono, os espíritos encarnados estão sempre em relacionamento com o mundo dos espíritos.

Os sonhos são o produto da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa. Daí uma espécie de clarividência indefinida que se estende aos lugares mais distantes, ou que jamais se viu e,

algumas vezes, mesmo a outros mundos, assim como a lembrança que traz à memória os acontecimentos ocorridos na existência presente ou nas existências anteriores.

Este é o fenômeno designado “emancipação da alma” que sempre ocorre no sono, todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos estão em inatividade.

Nesses momentos, o espírito vive da vida espiritual, ao passo que o corpo não vive senão da vida vegetativa; ele está, em parte, no estado que estará depois da morte; percorre o espaço, conversa com seus amigos e outros espíritos livres, ou encarnados como ele.

O laço fluídico que retém ao corpo não estará definitivamente rompido senão na morte; a separação completa não ocorre senão pela extinção absoluta da atividade do princípio vital, tanto que o corpo viva, a qualquer distância que esteja, o espírito para ele é instantaneamente chamado, desde que sua presença seja necessária. Por vezes, ao despertar, conserva uma lembrança de suas peregrinações, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho.

Capítulo VI – Alberto, Sueli e o Tempo

“A felicidade real começa em fazer a felicidade dos outros.” Chico Xavier

Alberto levantou-se do chão, perplexo. Não sabia o que pensar, nem o que dizer. Tudo aquilo o estava deixando assustado. Naquele momento, ele decidiu que iria a Porto Alegre visitar o filho, mas não iria identificar-se como o pai dele. Seria uma visita anônima. Também não comentaria nada a respeito para Sueli. Depois

da visita, conforme tudo transcorresse, talvez ele contasse. Será que conseguiria identificar o filho? Certamente que sim, deveria haver alguma identificação nas camas ou nos quartos. Ele ainda se lembrava de como era a Casa de Assistência, não deveria ter mudado muito nesses nove anos. Sim, quase 10 anos haviam se passado desde a primeira vez que esteve lá, com um bebê cheio de problemas de saúde nos braços.

Nessa época, meu pai não podia imaginar o que estava acontecendo, mas a verdade é que eu e Maria Clara nos encontrávamos em sonho. O espírito dela, Clara, assim como o meu, durante o sono, se desprendiam dos corpos, ficando ligados apenas pelo fio de prata, que nos mantém ligados ao corpo físico e nos encontrávamos numa cópia astral da Casa de Assistência que me acolhia. Isso é muito mais comum que todos possam acreditar, muitos dos sonhos que as pessoas encarnadas costumam ter, nada mais são que uma viagem ao mundo invisível.

Nossos encontros iriam ocorrer até mais ou menos os seis anos de Maria Clara, pois, conforme ela cresceria, mais seu espírito se adaptaria ao mundo da matéria, mais o ambiente e as experiências terrenas iriam afastá-la do mundo espiritual e assim, nossa ligação enfraqueceria, ficando cada vez mais tênue, até que nossos encontros cessassem, mas isso não era definitivo, nossas jornadas estavam irremediavelmente entrelaçadas: iríamos nos reencontrar em breve.

Alguns dias depois da conversa com Maria Clara, meu pai realmente foi à Casa de Assistência Nossa Sra. Das Dores, identificou-se como um possível voluntário, fez uma doação em dinheiro, e visitou os acolhidos.

Procurou por mim, prestando atenção nos meninos com idade aproximada de 10 anos. Não teve muito trabalho para me achar: em todas as camas havia a identificação do acolhido e o prontuário de cada um. Recordo desse dia com muita tristeza. Um homem jovem e forte, com uma pronúncia típica das cidades gaúchas com colonização alemã predominante, entrou no quarto, acompanhado

pela assistente social, a Vera. Ela lhe contava como a Casa funcionava, explicava das dificuldades que a instituição tinha para manter todas as crianças, uma vez que viviam praticamente de doações de algumas empresas e pessoas físicas.

Ele se aproximou da minha cama. Ainda era cedo, e muitos ainda dormiam. Eu já havia despertado, e já tinham me dado banho; eu tentava assistir à televisão que estava ligada na parede, praticamente sem volume para não acordar os demais. Quando entraram, minha atenção se voltou para eles. Meu pai, imediatamente, ao entrar, já se dirigiu ao prontuário na cabeceira da minha cama e leu “Fernando Martim Rech – DN: 23/set/1979”. Ele dirigiu o olhar para mim, que acompanhava todos os seus movimentos, e, por um momento, nossos olhos se encontraram.

Ele não suportou o olhar e se virou para a assistente social: - E, esse menino? Quais são as condições dele? – Enquanto falava, ele manuseava meu prontuário.

– Este é o Nado! É assim que nós o chamamos aqui! – meu pai tentou disfarçar o choque que teve ao ouvir o meu apelido. Imediatamente, lembrou-se do menino dos sonhos da Maria Clara.

– Nado chegou aqui com menos de dois meses de vida. Sua mãe teve uma complicação no parto e faleceu. O bebê ficou sem oxigenação no cérebro, teve uma paralisia cerebral que deixou muitas sequelas. Foi encaminhado pelo próprio hospital onde o parto aconteceu, o pai o visitou duas ou três vezes e, depois, nunca mais.

– Não quero saber da história dele – resmungou ele, contrariado – quero saber do estado de saúde. Talvez, eu venha a apadrinhar uma criança, e esse menino me interessou.

– Desculpe-me, a maioria das pessoas que vêm aqui se interessam pelas histórias das crianças – respondeu a Vera.

– O estado de saúde do Nado é delicado, e sem muitas perspectivas de melhora, ao contrário. Conforme ele for entrando na adolescência a tendência é que piore, o desenvolvimento de sua estrutura óssea e articulações está muito comprometido. Pode notar que ele já tem os membros inferiores e superiores muito atrofiados; o fato de passar muito tempo deitado ou sentado está afetando a coluna vertebral, isso começa a comprometer o funcionamento dos órgãos internos, gerando, assim, uma cadeia de complicações.

– Pobre criança! E sua inteligência, sua cabeça? Ele tem consciência do seu estado? Sabe falar, se comunicar?

– O Nado é muito inteligente – respondeu a assistente social, se aproximando e fazendo um cafuné na minha cabeça.

– Como tu estás te sentindo hoje, querido? – perguntou ela.

Respondi com um sorriso e ela entendeu o que eu queria dizer: que estava bem, sem dores.

– Percebe? – perguntou ela, olhando para meu pai. – Ele entende praticamente tudo. Tem consciência de sua condição física e tenta se comunicar através de alguns sons, gestos, olhares.

– Mas, ele teve algum retardo mental, além dos problemas físicos? – continuou meu pai com o interrogatório.

– Sim, mas não muito acentuado. Ocorre que, como ele tem uma vida muito restrita, sem muitas condições de ir à escola – aqui as crianças com condições frequentam uma escola municipal para especiais – ele acaba não tendo muito incentivo, estímulos para que possa desenvolver suas habilidades. Com profissionais qualificados e específicos, provavelmente, o Nado pudesse ter uma qualidade de vida muito melhor, aprender a se comunicar por mímica, por exemplo.

– O que o impede de ir à escola para especiais?

– O Nado tem muita dor nos ossos e articulações. Toma uma medicação bem forte, analgésicos para aliviar essas dores e anti-inflamatórios, para que as inflamações nas articulações não progridam. Já foram feitas três tentativas, mas ele acaba sofrendo muito com as movimentações e o deslocamento para a escola, precisando tomar doses mais pesadas de analgésicos, o que é problemático para o fígado dele.

– Entendo! Bem, eu vou ver se posso ajudar esse menino. Eu moro no interior do estado, mas vou fazer doações mensais para colaborar no tratamento dele. Talvez, contratando uma fisioterapeuta, ou pedagoga especializada que pudesse compensar o fato de ele não ir à escola.

– Para isso, o Senhor teriad assinar um termo de compromisso. A Casa não contrata ninguém nessas bases. O Senhor entende, já teve casos de padrinhos que se comprometeram a pagar e, depois, nada de dinheiro.

– Tudo bem, eu assino. – No exato momento em que concordou, meu pai já se arrependeu de ter aceitado esses termos. Ele não queria ser identificado como meu pai.

– Pensando bem, vamos fazer diferente. Como eu moro muito longe, vou fazer depósitos mensais para vocês, que podem utilizar o dinheiro da forma como quiserem. Sempre que eu vir a Porto Alegre, vou tentar visitá-los.

– Mas, o senhor não queria apadrinhar o Nado? Ou outra criança? – insistiu a assistente social.

– Querer não é poder! – declarou meu pai, encerrando a conversa e retirando-se do quarto. Nem um carinho, nem um toque, nenhuma palavra direta para mim, nada! Ele ainda passou rapidamente pelos outros quartos, mas já tinha visto o que queria. Deixou um valor em dinheiro como doação e foi embora, sem maiores explicações, sem se identificar, sem nenhum contato físico comigo. Naquela ocasião, embora aquela visita tenha me deixado curioso e intrigado, eu não podia sequer imaginar que aquele homem era meu pai. Agora, de volta ao mundo espiritual, relembrando minha última jornada na Terra e revivendo os acontecimentos mais relevantes, uma grande tristeza invade meu coração, minha alma, ao perceber a insensibilidade de meu pai em relação a minha condição de vida.

Sua esposa, a Sueli, nunca soube dessa visita. Durante alguns anos, mensalmente, ele fazia um depósito sem identificação para a Casa de Assistência, não retornando nunca mais.

Alberto e Sueli resolveram matricular Maria Clara numa escolinha, onde ela

conheceria outras crianças, e talvez, assim, se esquecesse do irmãozinho espiritual.

Os meus encontros com Maria Clara ainda aconteceriam por mais dois anos; porém com muito menos frequência, menos intensidade, menos emoção. Maria Clara foi crescendo, seu espírito se adaptando ao mundo carnal. Deitava-se, quase todas as noites, completamente exausta das atividades diárias na escola e, assim, mesmo quando nos encontrávamos em sonho, ela não lembrava no dia seguinte. Seus pais ficaram felizes com isso, e nunca mais falaram no assunto. Sueli ainda tentou conversar a respeito em duas oportunidades, mas Alberto fugiu do assunto.

Para meu pai, tudo o que se relacionava a minha existência era uma tortura. Coitado, pobre de espírito e de caráter, nunca teve forças para reparar o mal que havia feito ao me abandonar na Casa de Assistência, como se eu não tivesse família. Desde o dia em que nasci, até o dia do seu retorno ao mundo espiritual, não aceitou as condições do meu nascimento e a fatalidade que definiram minha condição física por toda essa vida carnal. Não aceitando isso, entregou-me para a Casa de Assistência, não fazendo qualquer esforço para me cuidar, me tratar, me ajudar. Não me deu a oportunidade de tratamentos mais adequados, mais qualificados e frequentes; e o principal, não me deu o aconchego de uma família, o calor de um lar. Não me aceitando e me abandonando, sofreu o peso do remorso, sofreu a dor da consciência. Ele nunca teve paz espiritual, nunca pôde deitar e dormir tranquilo, sereno. Sua consciência não deixava! Colocava todas as suas energias no trabalho; onde havia colheitas de soja ou trigo, lá estava ele com seu maquinário. Viajava bastante, ficava semanas inteiras longe de casa, trabalhando. Comprou suas próprias máquinas e contratou motoristas para trabalharem e o ajudarem. Cobrava por empreitada. Assim, ganhou muito dinheiro: pôde dar a Sueli e Maria Clara uma vida com bastante conforto e regalias. Quanto mais ganhava e comprava, mais infeliz ele se sentia. Fazia depósitos polpudos para a Casa de Assistência, que os recebia, sem nunca conseguir identificar o remetente. Os depósitos vinham das mais variadas cidades do interior do Rio Grande do Sul. Tanto a assistente social, como a diretora e fundadora da Casa, acreditavam tratar-se do familiar de algum acolhido, que tendo abandonado a criança, fazia os depósitos como forma de

compensação. Estavam certas! O dinheiro ajudava a Casa, mas não a mim. Eu permanecia sozinho com a minha dor e minhas aflições, sem carinho, sem atenção, sem afeto.

Ah, se eu pudesse falar e ao menos compartilhar com alguém todo a minha angústia...

Com o tempo, meu pai foi se tornando um homem amargo, rude, intolerante e impaciente. Sueli não reconhecia mais o homem com quem havia casado, e era agradecida ao fato de que ele mais viajava do que ficava em casa.

Os pais de Maria Clara não tiveram outros filhos; bem que tentaram, mas nem a Medicina explicou porque Sueli não conseguira engravidar. Ambos eram clinicamente saudáveis e férteis. Fizeram duas tentativas de inseminação artificial, num Hospital em Passo Fundo, uma cidade próxima de Santo Augusto, sem sucesso. Por fim, Sueli concluiu que era uma espécie de castigo pelo comportamento de Alberto em relação ao filho doente, no caso, eu!

O fato de não conseguir engravidar uma segunda vez e de Alberto viajar muito, fez com que Maria Clara e Sueli ficassem muito próximas. Maria Clara era uma menina muito dócil e generosa, um espírito iluminado como dizia sua professora, e isso afetou positivamente a Sueli, que ajudava as comunidades carentes, organizava eventos para arrecadação de fundos para orfanatos, creches, asilos e hospitais. Também começou a estudar a Doutrina Kardec, apesar de ser católica e frequentar a igreja.

Tentava entender o que se passava com seu marido: sabia do sofrimento e da angústia interior que ele vivia, sabia dos motivos de tudo isso, mas não compreendia por que ele não aceitava o filho doente, por que não ajudava o filho. Seria tudo tão mais fácil. Sempre que tentava tocar no assunto, Alberto

reagia negativamente, de forma rude e grossa; e como ele só estava em casa nos finais de semana, ela procurava não criar conflitos, e assim, o assunto ficava guardado a “sete chaves” no coração de cada um deles.

O tempo foi passando, Maria Clara crescendo e eu, preso no meu corpo cada vez mais disforme e atrofiado, vivendo um dia de cada vez.

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre Afeição dos Espíritos por certas pessoas (Livro dos Espíritos, Cap. IX)

As afeições dos Espíritos variam conforme os seus sentimentos. Os bons simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de melhorarem, e os inferiores com os homens viciosos.

Os bons espíritos fazem todo bem que podem. Sentem-se ditosos com as nossas alegrias e afligem-se quando não suportamos com resignação os nossos males. Naturalmente, os que são mais chegados, como parentes e amigos, nos votam maior simpatia e, quase sempre, nos protegem, conforme o poder de que dispõem.

2 – Sobre Anjos Guardiões, Espíritos Protetores, Familiares ou Simpáticos (Livro dos Espíritos, Cap. IX)

O espírito protetor, nosso anjo da guarda, pertence sempre a uma ordem superior, pois a sua missão é a de guiar o seu protegido pelo caminho do bem, auxiliando-o com seus conselhos, consolando-o nas suas aflições e levantando-lhe o ânimo

nas provas da vida. Acompanha seu tutelado desde o nascimento até a morte e, muitas vezes, até além dela, na vida espiritual, e mesmo através de várias existências corpóreas que são apenas curtas fases da vida do espírito. O protetor acolhe ou aceita o protegido, porém assumindo o encargo, fica no dever de desempenhá-lo integralmente, respondendo pelas próprias falhas no cumprimento dessa missão. Não fica totalmente preso à criatura de quem lhe é confiada a guarda, podendo também desempenhar outras missões, sendo, nesses, afastamentos temporários, substituído por outro espírito de igual elevação.

Nunca recebemos o auxílio de nossos protetores de maneira ostensiva, mas sim veladamente, e isso é necessário porque, do contrário, cederíamos à tendência de recorrer ou até exigir constantemente sua proteção, a qual acabaria por nos tolher o mérito das ações, impedindo-nos de realizar as experiências imprescindíveis para nosso progresso. Maior ou menor atenção para conosco, por parte de nosso protetor, não depende de lhe sabermos o nome, ou quem seja, mas sim das boas ações que praticamos e dos bons pensamentos que emitimos. Um dia, já na vida espiritual, iremos reconhecê-lo.

Um espírito familiar, um parente, nosso pai, por exemplo, poderá tornar-se o nosso espírito protetor, porém a proteção subentende sempre certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai que protege seu filho também pode, por sua vez, ser assistido por um espírito mais elevado.

3 – Sobre a Reencarnação (A Gênese, Cap.XI)

A Terra é onde os espíritos aprendem, crescem e se desenvolvem. O renascimento não é uma punição, é uma expressão da perfeita ordem de Deus. Nenhum espírito é enviado para a condenação ou salvação eterna com base em apenas uma vida na Terra. Não há justiça nisso, mas há justiça na reencarnação. Não apenas em uma vida, mas em muitas. Não em uma única chance, mas em muitas.

A encarnação do espírito não é constante, nem perpétua; é transitória. Deixando um corpo, não retorna a outro imediatamente; durante um lapso de tempo mais ou menos considerável, permanece da vida espiritual, que é a vida normal; de tal sorte que a soma do tempo passado nas diferentes encarnações é pouca coisa comparada ao tempo que passa no estado de espírito livre. No intervalo dessas encarnações, o espírito progride igualmente, no sentido de que aproveita, para seu adiantamento, os conhecimentos e a experiência adquiridos na vida corpórea. Ele examina o que fez em sua permanência terrestre, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, organiza seus planos e toma as resoluções segundo as quais conta guiar-se numa nova existência, tratando de fazer o melhor. Assim é que cada existência é um passo adiante na vida de progresso, uma espécie de escola de aplicação.

A encarnação é condição inerente à inferioridade do espírito e um meio de progredir.

Capítulo VII – Uma Vida de Deficiente

“A Vida é sempre o resultado de nossa própria escolha.” Chico Xavier/Emmanuel

Lembro que tinha muitos sonhos, pesadelos. Nos meus sonhos, geralmente eu era uma pessoa num corpo normal, saudável: trabalhava, estudava, falava, namorava. Frequentemente, uma jovem negra aparecia nos meus sonhos. Também tinha um pesadelo recorrente, em que eu caía no vácuo, no vazio. Acordava suando frio, me debatendo e soltando um grunhido alto de medo e pavor. Quando eu tinha esses pesadelos, era horrível; para me acalmar, as cuidadoras tinham de me dar sedativos e, no dia seguinte, eu acordava com muita dor no corpo, tanta dor que não me alimentava direito por dois ou três

dias. Era um sofrimento físico e mental.

Quando eu estava com mais ou menos 13 anos, passei por um período crítico e muito turbulento, Os pesadelos tornaram-se diários, e, com eles, vinham o desequilíbrio emocional, os sedativos, as dores nas articulações e ossos, a falta de alimentação, os gritos, mais sedativos e analgésicos pesados. Minha saúde física foi bastante afetada. Eu perdi muito peso, apareceram inflamações graves nas articulações, eu tinha muita dor e então eu gritava. Gritava muito, sons desconexos, verdadeiros rugidos. Essa era a única maneira que eu tinha de avisar a todos do tamanho da minha aflição. Todo o equilíbrio e harmonia da Casa de Assistência foram afetados, pois minha agonia atingia a todos os acolhidos, que eram acordados pelos meus gritos e a movimentação dos cuidadores a minha volta. As pessoas que trabalhavam na Casa estavam assustadas. Durante as crises de dor, eu comecei a me autoflagelar: mordia as mãos, os braços e até os pés. Sim, os pés. Meu corpo era todo atrofiado, desconjuntado e a minha perna direita frequentemente ficava voltada para cima, meu pé retorcido sobre ombro. Quando sentado, essa era a posição mais confortável para mim, aliviando as dores no quadril, mas chocava as pessoas ao meu redor. Nesse período de crise, as mordidas fizeram com que começassem a me amarrar nas grades da cama ou nos braços da cadeira de rodas. Eu detestava estar amarrado, e gritava sem parar, dia e noite. Só parava quando sedado ou dormindo. Então, comecei a receber altas doses de soníferos todas as noites, mais uma gama de analgésicos e anti-inflamatórios. Meu estado piorou quando meus dentes começaram a cair, provavelmente devido à alta dosagem de medicação e uma higienização, um tanto precária.

Esse período terrível durou quase um ano, e no final, eu era um arremedo de menino, com 14 anos, irreconhecível: esquelético, pele muito flácida e pálida, manchas escuras nos braços e pernas, unhas escamadas e quebradiças, sem pelos no corpo, muito pouco cabelo, feridas nas extremidades, quase que totalmente desdentado. Eu tinha consciência da minha aparência física, percebia os olhares de piedade das pessoas, e como alguns visitantes não suportavam ficar juntos comigo no mesmo ambiente. A minha aparência e condição física os incomodavam. Muitos trabalhadores da Casa acreditavam que eu não teria resistência física, nem saúde para uma vida longa, acreditavam que a qualquer

momento meu organismo entraria em colapso. Doce engano: vivi até os 38 anos.

Esses pesadelos nada mais eram que recordações do meu desencarne violento e traumático na última vida terrena. Através dos sonhos, ficava vendo e revivendo toda aquela situação dolorosa: a queda no vácuo, o arrependimento, a dor física e moral. Às vezes, meus pesadelos tornavam-se bons sonhos, sem que eu acordasse. Uma espécie de continuação. Aparecia uma jovem enfermeira negra logo após o suplício da queda no vácuo – às vezes, eu caía de um penhasco, outras era de uma janela, uma escada, até mesmo da cama - ela aparecia do nada, vinha e me ajudava a levantar; sempre me tratava com muito carinho e amor. Ela conversava comigo e, surpreendentemente, eu conseguia falar, mas somente com ela. Em outras ocasiões, ela não era negra, tinha outra aparência, mas eu sabia que se tratava da mesma enfermeira. Às vezes, ela vinha e me ajudava, e eu partia de mãos dadas com ela, caminhando em direção ao horizonte. Embora eu não soubesse exatamente o que era paixão ou amor, sei que eu era apaixonado por aquela enfermeira. Aqueles sonhos, em que ela aparecia, eram meus raros e únicos momentos de felicidade.

Eu não sabia, e ninguém sabia, mas tudo o que me acontecia nessa vida era o resultado da minha vida regressa, em que eu perdera valiosas oportunidades que me foram dadas. Agora, pagava o preço e tentava resgatar minha dívida com as Leis Universais. Era a Lei da Causa e Efeito que se fazia presente. Sob essa lei ocorre a retificação que equilibra, esclarece e fortifica, pois obriga o credor à liquidação de sua dívida do passado, deixando-o livre para continuar sua jornada evolutiva.

Os pesadelos me acompanharam durante toda essa minha vida, porém, nunca mais com tanta intensidade e frequência como naqueles meses. Nunca houve nenhuma explicação médica para o que acontecera; assim como toda aquela turbulência chegou, ela se foi... Entretanto, eu nunca mais recuperei meu peso - até pelo fato de ter perdido os dentes, restringiu-se bastante minha dieta alimentar, como minha saúde, que já era bastante frágil. Depois desse período de agonia, os analgésicos, sedativos, vitaminas e anti-inflamatórios tornaram-se

meus companheiros constantes até o último dia da minha vida carnal. Era uma vida difícil. Conforme minha idade avançava, mais eu compreendia o meu estado físico, mais entendia as minhas restrições, mais consciência eu tinha de tudo o que se passava ao meu redor e mais e mais meu corpo se atrofiava. Aos 16, 17 anos, eu tinha uma noção completa da minha vida de dor e restrições. Eu entendia que as pessoas saudáveis caminhavam, sorriam, conversavam, tinham liberdade de movimentos e ação; compreendia que eu e todos os meus parceiros de jornada ali na Casa do Excepcional éramos diferentes, que dependíamos dos outros para sobrevivermos. Também entendia que havia um mundo lindo lá fora, além das paredes e muros da Casa do Excepcional Nossa Sra. Das Dores. Eu entendia, eu sabia, eu percebia, mas eu não conseguia me expressar, me comunicar; então, muitas vezes, era considerado um retardado mental.

Ah, seu eu pudesse falar! Tudo teria sido muito mais fácil.

Muitas vezes, fui tratado como se não tivesse sentimentos, não pudesse pensar, não pudesse sentir; como se eu fosse uma árvore, um ser com vida, mas sem vontade, sem percepção, sem sentimento. Eu tentava me fazer entender através dos olhos, da expressão facial, dos grunhidos que conseguia emitir; mas aquilo me cansava, me deixava exausto físico e mentalmente. Então, na maioria das vezes, eu desistia de tentar me expressar, me comunicar com os que estavam a minha volta. Eu simplesmente vivia, dia após dia. Alguns dias com muita dor, outros dias com menos dor; mas a dor física e moral foram minhas companheiras constantes nessa vida carnal.

Tristeza e Alegria eram sentimentos que eu demorei a entender; para mim, estavam relacionados à satisfação física, às necessidades biológicas. Com dor, fome, sede, frio ou calor, eu estava triste. Gritava e chorava! Pouca dor, alimentado, fisicamente confortável, eu estava alegre. Ria e mostrava minhas gengivas desdentadas. Os cuidadores me entendiam, já conheciam as minhas poucas vontades. Uma delas era ficar na cadeira de rodas, em frente à televisão ou nos corredores para acompanhar a movimentação da Casa, com a perna esquerda esticada em direção à cabeça, o pé quase que apoiado no ombro. Essa

posição diminuía muito as dores no quadril.

Assim os dias, semanas, meses e anos passavam. Algumas recaídas na minha saúde, novos problemas físicos e clínicos que se somavam aos já existentes, mais remédios, aumentavam as dificuldades, as agonias e aflições. Essa era a minha vida de deficiente! Sobrevivendo dia após dia; resignado a viver por viver, sem expectativas de melhora, de progresso. Nada a esperar do futuro além da morte; mas nem a morte eu tinha consciência do que era. Eu simplesmente vivia! Até que, quando eu estava com 23 anos, uma jovem estudante de enfermagem apareceu na Casa do Excepcional para fazer voluntariado, mudando completamente minha vida. Para melhor.

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre a Lei da Causa e Efeito (Fisiologia da Alma – Ramatis através de Hercílio Maes)

Carma, palavra que deriva do sânscrito, ou seja, “fazer”. Ação e o seu efeito correspondente nas encarnações sucessivas dos espíritos na Terra.

Lei da Causa e Efeito: todas as causas engendram efeitos futuros de igual intensidade e responsabilidade. Lei imutável e severa que tanto disciplina os fenômenos da vida planetária, o amor entre os seres e a afinidade entre as substâncias, como governa a coesão entre os astros dispersos pelo cosmos.

A Lei da Causa e Efeito registra as ações boas ou más; a Lei do Carma procede ao balanço das ações registradas e dá a cada espírito o “saldo” que lhe cabe em

resultados bons ou maus.

Metafisicamente, a palavra “carma” refere-se ao destino traçado e imponderável, que atua tanto nas coisas animadas como nas inanimadas, pois rege e disciplina todos os ciclos da vida, que vão desde o finito ao infinito, do átomo à estrela e do homem ao universo.

O “carma”, como lei imutável, aliada à Lei da Causa e Efeito, rege todo o processo da vida cósmica; é a própria pulsação harmônica do Criador manifestando-se.

Jesus Cristo advertiu sobre a existência de uma lei disciplinadora do mecanismo das relações entre os seres e que liga a causa aos seus efeitos correspondentes quando afirmou: “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”, “Cada um há de colher conforme for a semeadura”, “Olho por olho, dente por dente”, “A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória”, “E a cada um será dado conforme suas obras. “A Lei do Carma não pune, mas reajusta. Isso estabelece senão que qualquer ação, boa ou má, há de produzir uma reação ou efeito perfeitamente correspondente a sua causa. Na sua função de ativar o progresso do cosmo, tanto regula e limita o movimento do indivíduo para harmonizá-lo com sua comunidade, como também ajusta os movimentos desta de acordo com as modificações e a estabilidade do próprio campo planetário.

A melhor maneira de modificarmos para melhor o nosso “carma” é através do controle dos nossos pensamentos, palavras e obras, pois, à medida que reduz ou modifica para melhor nosso carma do passado, é certo que também se cria um novo carma para o futuro.

2 – Sobre as Penas Futuras (O Céu e o Inferno, Cap. VIII)

Estando o sofrimento ligado à imperfeição, do mesmo modo que o prazer está à perfeição, a alma carrega, em sim mesma, o seu próprio castigo por toda parte onde se encontre; para isso não tem necessidade de um lugar circunscrito. O inferno, pois, está por toda parte onde haja almas sofredoras, do mesmo modo que o céu está por toda parte onde haja almas felizes.

O espírito sofre pelo próprio mal que ele fez, de maneira que, estando a sua atenção incessantemente centrada sobre as consequências desse mal, compreende melhor os seus inconvenientes e está estimulado a dele se corrigir.

Sendo a justiça de Deus infinita, tem uma conta rigorosa do bem e do mal, pois não há uma única ação má, um único mau pensamento que não tenha suas consequências fatais, não há uma única boa ação, um único bom movimento da alma, o mais leve mérito, em uma palavra, que seja perdido, mesmo entre os mais perversos, pois é um começo de progresso.

Capítulo VIII – Serena é Maria Clara, meu anjo protetor

“Fora da caridade não há salvação!” Allan Kardec

Lembro detalhadamente cada minuto daquela primeira visita. Uma jovem de pequena estatura, cabelos lisos e longos, olhos e cabelos com a cor de mel, feições delicadas, quase angelicais. Ela entrou no quarto que eu dividia com outros cinco acolhidos, acompanhada da Dona Mercedes – uma espécie de gerente administrativo da Casa do Excepcional. Dona Mercedes trabalhava na Casa há mais de quinze anos, conhecia a história de todos os acolhidos, as rotinas da casa, as dificuldades na manutenção, problemas administrativos, problemas de saúde, enfim, ela e a Dona Maria Inês – fundadora da Casa – eram as nossas “mães”. Enquanto Dona Mercedes falava das rotinas da casa, eu acompanhava cada movimento delas. Foi quando ela me fitou, nossos olhos se encontraram e pude sentir imediatamente um carinho imenso irradiando daquela jovem mulher. Ela era especial. Caminhou em minha direção, se aproximou da minha cama, pegou minha mão direita e acariciando-a, falou comigo:

– E, você? Como está se sentindo hoje?

Olhei para ela e esbocei um sorriso. Ela me entendeu.

Dona Mercedes interveio:

– Este é o Nado! Está conosco desde que tinha um pouco mais de um mês de vida. Seu pai o deixou aqui e nunca mais retornou. Sua mãe faleceu logo após o parto.

– Nado! – murmurou a jovem, como que falando consigo mesma. – Esse nome me é familiar, mas não recordo de onde. Voltou sua atenção para mim, agachou-se para ficar com o rosto na mesma altura que o meu e disse:

– Oi Nado, eu sou Maria Clara. Feliz em te encontrar, vamos ser grandes amigos!

Dona Mercedes estava confusa, sem entender nada. Aquela quase menina conversando com um deficiente, vítima de paralisia cerebral, daquela forma, como se estivesse conversando com alguém que tudo entendia e que pudesse responder:

– Ele não fala, pouco consegue interagir com o ambiente a sua volta, e provavelmente não entende muito do que você está dizendo a ele, apesar de ele ser bastante esperto, considerando seu estado físico e todas as restrições.

– Acho que ele me entende sim, Dona Mercedes! Veja a expressão dele. – Você está me entendendo, não está, Nado querido? – questionou ela.

Pisquei os olhos rapidamente três vezes, numa tentativa de confirmar o que ela acabara de dizer. Ela prontamente entendeu, deu um sorriso radiante e disse:

– A senhora viu? Ele me entende sim, piscou rapidamente três vezes! Ele está com isso querendo confirmar o que eu disse.

Ainda sem entender nada e descrente do que vira, argumentou:

– Como você sabe que as piscadas eram uma resposta afirmativa ao seu questionamento?

– Pelo olhar que ele deu... A expressão no rosto! Tenho certeza de que ele entendeu...

Pisquei novamente três vezes, confirmando que estava entendendo tudo o que se passava. Minha nova amiga sorriu e acariciou meu rosto. Senti-me como se estivesse voando como um passarinho, com aquele carinho. Fazia muito tempo, nem lembro quanto, desde a última vez que alguém tinha feito um carinho no meu rosto.

– Deixe isso pra lá... Venha. Vamos ali à sala de reuniões que quero combinar os dias e horário do seu voluntariado, além disso, você terá de fazer um cursinho junto aos “Parceiros Voluntários”.

Dona Mercedes não acreditava que eu e a recém-chegada pudéssemos, de forma tão rápida, já nos comunicarmos, mas era exatamente isso que acontecia. Ela estava em sintonia comigo, percebia os mínimos detalhes no meu olhar, nas minhas expressões faciais; ela era alguém muito sensível. Diferentemente de todos os que trabalhavam ali, que estavam sempre correndo para cumprir horários, executar todas as tarefas relativas as nossas necessidades básicas como banho, alimentação, água, medicação, etc. o pessoal não tinha tempo para prestar atenção aos acolhidos. A partir daquele dia, Maria Clara nos visitava todas as semanas. Normalmente nas 4ª feiras à tarde. Às vezes, duas vezes na semana, e eu aguardava as visitas dela com muita ansiedade; sempre eram momentos de felicidade e alegria.

No início, ela ficava um pouco de tempo com cada um dos acolhidos, levando-os para passear no sol, cantava, ajudava na alimentação, brincava, dava colo para algumas crianças, fazia massagem nas costas dos adultos, enfim fazia um pouco de tudo, mas o principal era que ela dava carinho, atenção, contato físico, o que era uma dádiva, uma benção para todos nós.

A maioria das pessoas que passava por ali como voluntários acabava desistindo desse trabalho de pura caridade e amor fraternal. É facilmente compreensível: ali não tínhamos um ambiente saudável de luz e alegria. Ao contrário, por mais que todos se esforçassem, tínhamos um ambiente muito semelhante ao de um hospital, a começar pelos odores: os remédios e todos os desinfetantes, necessários para a higienização, têm um cheiro característico, às vezes, misturado com o cheiro forte de amônia e ureia. A totalidade dos acolhidos, independentemente da idade biológica, usava fraldas, que constantemente vazavam, a depender da quantidade de urina, molhando colchão, roupa de cama, tudo. Também convivíamos diariamente com a dor, o que provocava as mais variadas reações e comportamentos: lágrimas, choros convulsivos, gritos, movimentos repetitivos com a cabeça ou mãos, alguns até se autoflagelavam, mordendo as mãos ou se batendo nas grades das camas. Enfim, as pessoas, para estarem ali, tinham de suportar a dor e o sofrimento como parte de uma rotina e pensar apenas no bem que poderiam fazer estando ali, ajudando nos cuidados e na atenção a todos acolhidos, que eram, na sua totalidade, pessoas com problemas neurológicos crônicos, abandonados pela família, sem expectativa de cura, apenas melhoras paliativas e temporárias. Ou seja, éramos um grupo de pessoas com sérias deficiências físicas e mentais, que não tinha o amor, carinho e apoio familiar. Nossa casa era ali, nossa família eram nossos companheiros de jornada e sofrimento, nossa mãe e pai, os cuidadores e enfermeiros. Mesmo entre estes, a rotatividade era muito grande; com exceção da Dona Mercedes que, ao lado da fundadora da Casa, já trabalhava ali há muitos anos e amava o que fazia. A Casa do Excepcional N. Sra. das Dores e seus mantenedores, funcionários, voluntários e todos aqueles que, de alguma forma, ajudam a manter a Casa de portas abertas, assim como todos os lugares semelhantes, que acolhem e tratam deficientes físicos e mentais, estão auxiliando a todos aqueles que ali se encontram a superar, com um mínimo de dignidade, uma prova de expiação enorme.

Toda falta cometida, todo mal realizado, é uma dívida contraída que deve ser paga; se não for numa existência, será na seguinte. O Espírito sofre a pena de suas imperfeições, seja no mundo espiritual, seja no mundo corporal. Todas as misérias, todas as vicissitudes, que suportamos na vida corporal, são consequências das nossas imperfeições, expiações de faltas, cometidas em vidas egressas.

Com o passar das semanas, Maria Clara começou a dedicar cada vez mais seu tempo comigo, e eu adorava toda aquela atenção e dedicação. Ela conversava comigo como se eu fosse alguém normal, ela não me enxergava como um deficiente, um aleijado, um pobre coitado. Era a única pessoa que me enxergava assim, sem piedade ou repugnância pela minha aparência física, totalmente disforme. Ela sabia de todas as minhas limitações, e, várias vezes, percebi que ela olhava e anotava dados do meu prontuário ou questionando os cuidadores a respeito da minha saúde, dos dados clínicos. Enquanto encarnado, eu não sabia como nem por que eu havia conquistado a feição daquela jovem. Não que ela não desse atenção aos outros acolhidos, mas comigo era completamente diferente. Todos na Casa percebiam que eu era especial para ela.

Lembro-me de uma tarde em que ela foi questionada sobre isso.

Já fazia mais de um ano que ela frequentava a nossa Casa, era final de inverno, um dia de sol e temperatura amena. Ela, com a ajuda de um técnico de enfermagem, o Paulão, colocaram alguns acolhidos em cadeiras de rodas – justamente aqueles que não frequentavam nenhum tipo de escola ou tratamento terapêutico fora dos domínios da Casa – e os levou para o jardim, para um banho de sol, uma volta fora do ambiente fechado dos quartos. Éramos seis, as cadeiras colocadas num semicírculo, Maria Clara sentada num banquinho de madeira, cantarolando músicas infantis. Foi quando, sem que ela percebesse, uma abelha pousou no meu pescoço, e com um movimento brusco tentei me livrar daquele incômodo visitante. Bati com o pulso na abelha, que me picou. Com a picada, soltei um gemido e só então ela percebeu o que estava

acontecendo. Maria Clara ficou alucinada. Correu a buscar ajuda na enfermaria, e pediu aos cuidadores que colocassem os demais para dentro. Voltou correndo para o jardim, me olhou nos olhos e disse: – Calma, meu querido, não chore... Eu já vou cuidar disso! Não chore por favor... Já vai parar de doer!

O técnico de enfermagem de plantão veio atrás dela e quis levar minha cadeira para dentro; mas ela não deixou. Ela mesma assumiu o controle da a cadeira: – deixe que levo ele para dentro, Paulão, eu tenho de tranquilizá-lo. Ele está agitado, deve estar ardendo muito. Leve os outros para dentro, por favor... Eu vou lavar a picada com água e sabão. Já tirei o ferrão da abelha. – Ela atropelava as palavras de tão agitada e nervosa que estava. – Maria Clara, eu sou o técnico de plantão e responsável por eles!

Ela ignorou o comentário: – Pode deixar, eu mesmo cuido disso! Sou a responsável por ele ter levado essa picada, não cuidei dele direito, não estava atenta quando a abelha pousou.

Paulão percebeu o nervosismo dela e viu que não adiantava argumentar:

– Calma, menina, essas coisas acontecem! Podia ter acontecido com qualquer um de nós...

– E, agora? – retrucou ela, sem dar atenção aos comentários do técnico e já empurrando a cadeira em direção à porta – e se ele for alérgico? Pode ter choque anafilático... Meu Deus, não vou me perdoar nunca... Você tem um anti-histamínico? - gritou ela, já com a cadeira praticamente dentro da Casa.

Paulão vinha atrás trazendo outro acolhido, e outros funcionários apareceram

querendo saber o que estava acontecendo, qual o motivo da gritaria e agitação. Ele pediu que os cuidadores colocassem os demais acolhidos para dentro e se foi para a enfermaria, onde Maria Clara lavava o local da picada. Ela trabalhava no ferimento e falava comigo: – Me perdoa, querido! Não te cuidei como devia... Maldita abelha, tinha de aparecer logo naquele momento!

– Detesto abelhas... Por isso que as mato sempre que se aproximam. Elas são traiçoeiras... Já levei muita picada de abelha. Sei como dói... Pobre do meu menino, já não tem dor que chegue, vem esse bicho dos infernos picar ele!!

– Calma, menina! Nunca vi uma estudante de enfermagem ficar tão nervosa por causa de uma picada de abelha – disse o técnico, já ironizando a situação, mas Maria Clara não aceitou a brincadeira. – Além disso, continuou ele – muito feio uma pessoa esclarecida como você matar as pobres das abelhas. Elas picam instintivamente quando se sentem ameaçadas.

Olhou para ele enfurecida, os olhos faiscando de raiva:

– E se ele for alérgico? E se tiver qualquer complicação? Você não entende que não é uma simples picada de abelha para ele, que já toma tanta medicação, já tem tantos problemas...

Paulão entregou uma compressa de gelo para ela colocar sobre o ferimento e disse:

– Foi apenas uma picada, de uma única abelha. Muito pouco veneno, mesmo para ele; mesmo que seja alérgico, nada que a gente não possa cuidar. Você está fazendo um temporal num copo d’água!

Maria Clara não deu atenção, agachou-se na minha frente, mantendo a compressa de gelo sobre o ferimento e olhando nos meus olhos disse:

– Me perdoa, Nado! Te prometo que isso nunca mais vai acontecer. A partir de hoje, meus cuidados contigo serão redobrados.

O rapaz, que apanhava um analgésico no armário, virou-se e ficou observando o modo como Maria Clara falava comigo. Eu já não chorava, nem gemia. Estava com olhos vermelhos fixos no rosto da minha protetora.

– Ainda está doendo muito? – ela questionava-me.

Fiz um gesto de negação com a cabeça.

Ela suspirou e sorriu:

– Ufa, que alívio! Deixe-me ver como está o local... Humm, está vermelho, um pouco inchado, mas dentro da normalidade... – Olhou para cima, como que olhando o céu e disse: - Obrigada Senhor, ele não é alérgico!

O técnico de enfermagem sorriu aliviado.

– Maria Clara! – chamou, enquanto esticava o braço, entregando um copo

d’agua: - Algumas gotas de paracetamol. Vai aliviar a ardência no local da picada. Maria Clara pegou o copo já bem mais tranquila.

– Espere um segundo, que vou à copa buscar uma colher para que você lhe dê o remédio.

– Não precisa, respondeu ela – Ele consegue tomar no copo mesmo, é só ter um pouquinho de cuidado e paciência.

Surpreso com aquela informação, o técnico disse:

– Nunca consegui que ele tomasse assim os medicamentos. Ele sempre se engasga ou cospe fora... – É uma questão de jeito! – disse ela rindo e já me dava a medicação.

Paulão ficou observando todo cuidado e carinho com que Maria Clara me cuidava. Esperou que ela terminasse de me dar o remédio e então falou:

– O Nado é especial para você não é?

– Sim, respondeu ela naturalmente. Ele ficou como que esperando mais algum comentário, então percebeu que ela não diria mais nada, insistiu:

– Por que você tem tanto carinho por ele?

Maria Clara parou o que estava fazendo, me olhou, pensou, olhou para o enfermeiro e disse:

– Sinceramente? – Ele só fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Eu me pergunto isso todos os dias que venho aqui. Não tenho uma resposta objetiva. Eu simplesmente sinto um carinho e um afeto muito especial por ele; é como se já o conhecesse e como se tivesse alguma obrigação com ele. Parece loucura, eu sei! Mas é exatamente assim que me sinto em relação ao Nado; tenho de protegê-lo.

– Sabe, ele lhe olha de um jeito especial... Quase em adoração! Já percebeu isso? – questionou o rapaz.

– Eu sei... A gente se entende quase que por telepatia. Estamos sempre em sintonia um com o outro. Não sei o que acontece, acho que vou perguntar para minha mãe na próxima vez que eu for a minha cidade.

– Por que a sua mãe teria uma resposta para isso?

– Minha mãe é espírita, ou melhor... Ela é católica, mas estuda a doutrina Kardec. Talvez haja uma resposta para isso; algo como vidas passadas. Você acredita nisso?

Eu prestava atenção na conversa deles, mas não estava entendendo o que

falavam. Às vezes, isso acontecia, as conversas fugiam do meu alcance, isso acontecia quando se tratavam de assuntos mais complexos, de que eu não tinha conhecimento, fora da minha realidade e do meu dia-a-dia.

– Engraçado – continuou ela, com uma expressão pensativa – agora falando na minha mãe e da minha relação com o Nado, lembrei-me de uma coisa, um detalhe, que, na época em que aconteceu, passou em branco.

– Como assim? – Paulão estava intrigado com tudo aquilo.

– Eu só fui comentar com a minha mãe sobre o meu trabalho voluntário aqui, quando fui para minha cidade no último feriado de Páscoa. Nessa época, eu já estava voluntariando aqui há quase um ano. Toda vez que eu via meus pais, ou mesmo quando nos falávamos por telefone, e-mail ou mensagens, eu nunca tinha vontade de falar sobre essa Casa, ou mesmo sobre o Nado. Era uma espécie de segredo, um segredo só meu.

– Em abril, fiquei cinco dias na minha cidade e minha mãe me fez tantas perguntas sobre minha vida aqui em Porto Alegre, que terminei por contar sobre meu voluntariado. Não falei do Nado, mas recordo que minha mãe queria por que queria saber o nome aqui da Casa também, insistiu que eu não devia perder meu tempo com esse tipo de trabalho, que minha prioridade eram os estudos, a faculdade. Eu estranhei muito isso, porque minha mãe é uma pessoa bastante caridosa, ela inclusive faz visitas a hospitais, asilos... Na época eu não entendi por que ela tentava me dissuadir a continuar com o voluntariado, mas também não dei importância ao assunto. Quase esqueci disso tudo. Pensando, agora, acho até que ela ficou agitada, nervosa com esse fato, mas isso não faz o menor sentido. Toda vez que falo com ela, sempre me pergunta se continuo com o voluntariado, sempre tentando descobrir o nome da Casa que ajudo. É tanta insistência, que me irrita e já não digo o nome de propósito, mas isso não faz o menor sentido! – Maria Clara já nem falava com Paulão, falava em voz alta, consigo mesmo... Relembrando as conversas com sua mãe e o comportamento

dela, que não combinava com o seu jeito de ser.

– Você acha que pode ter alguma história que você não saiba? Algum segredo de família? – perguntou Paulão, sem saber, adivinhando o que acontecia.

– Nãoooo, não faz o menor sentido! Claro que não! – Minha irmã tentava convencer a si mesmo de que não havia nada de estranho em toda essa história. – Vou levar o Nado para a cama dele, ele precisa descansar, nossa tarde foi muito agitada. Também já está tarde, preciso ir embora...

Assim, ela encerrava o assunto, sem responder ao Paulão.

Hoje, relembrando tudo isso, vivendo novamente no mundo dos espíritos, percebo como a vida é fantástica! Como não existem coincidências ou fatalidades. O mundo espiritual e a vida dos encarnados transcorrem paralelamente, tudo acontecendo por uma causa maior. Antes mesmo de reencarnarmos, já estava programado que Maria Clara seria minha irmã e meu anjo da guarda. Já estava definido que eu seria um deficiente físico e mental. Apesar de meu pai ter me abandonado, me deixado em Porto Alegre, cerca de 550 km de distância da cidade onde Maria Clara nasceu e se criou; ainda assim, a vida se encarregou de levá-la para Porto Alegre quando adulta e de fazer com que ela me encontrasse, mesmo não sabendo que éramos filhos do mesmo homem. Quando nos vimos pela primeira vez, a gente soube, instintivamente, a gente soube, e nossos corações, nossas almas souberam... Tratava-se de um reencontro. Serena, agora, Maria Clara estava ao meu lado, me ajudando a superar todo o sofrimento que essa jornada terrena iria me impor. Juntos, conseguiríamos!

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre “Relações de Simpatia e Antipatia entre os espíritos encarnados e desencarnados”. (Livro dos Espíritos. Cap. VI)

Do mesmo modo que os homens, além da simpatia geral, oriunda da semelhança que entre eles exista, os espíritos desencarnados compartilhavam recíprocas afeições particulares e, de modo mais intenso, por ser mais forte o laço que prende os espíritos, visto que não estão mais expostos às vicissitudes das paixões.

Os espíritos não se enganam enquanto puros, conservam inalteráveis suas feições, constituindo-lhes intensa felicidade o amor que os une. As feições entre os desencarnados são mais firmes e duráveis do que na Terra, por que não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor próprio.

A simpatia perfeita entre duas almas é a consequência da igualdade dos seus graus de elevação. Os espíritos se reconhecem por terem habitado a Terra e recordam das relações de parentesco ou amizade que existiam entre eles. Esse conhecimento se faz pela visão da vida pretérita, na qual se pode ler como em livro aberto.

No seu regresso ao mundo espiritual, a alma do justo é acolhida com alegria e ventura; o sentimento é sempre de satisfação, em qualquer ambiente, pela chegada de seres que lhe são semelhantes.

De acordo com o merecimento, os espíritos dos parentes e amigos que nos precederam vêm ao nosso encontro, para nos felicitar, quando fazemos a nossa passagem, como se regressássemos de uma viagem, e ajudam-nos no desprendimento dos restos corporais.

A reunião dos parentes e amigos no espaço, após a morte, é uma questão de elevação própria e do caminho que seguem, procurando progredir.

Só entre espíritos impuros há ódio, e são eles que insuflam nos homens as inimizades e discussões. Os espíritos inferiores sentem prazer em induzir os inexperientes ao mal, por despeito ou pelo desejo de arrastar os outros a sua própria condição, tudo, enfim, decorrente da sua ignorância em relação aos superiores desígnios e do conhecimento ilusório que têm do próprio estado.

Capítulo IX – O segredo é revelado

“A coragem do amor cria a benção do perdão!” (Chico Xavier/Emmanuel)

Assim, as semanas e meses foram passando, e eu, vivendo um dia de cada vez, superando minhas dores e todas as minhas limitações, mas, agora, acordando dia após dia com a esperança de que aquele fosse o dia em que Maria Clara viesse me visitar. A presença dela era um bálsamo para as minhas dores, pois, junto dela eu esquecia quem era, tornava-me forte e saudável porque ela tinha o dom de me tratar com naturalidade, e fazia com que eu esquecesse que era um deficiente físico e mental. As pessoas a nossa volta não compreendiam, mas ela me entendia perfeitamente. Cada olhar, cada expressão facial, cada movimento do meu corpo disforme para ela tinham um significado. Nossas mentes estavam sempre em sintonia, quando ela entrava no portão da Casa do Excepcional N. Sra. das Dores, esquecia o mundo lá fora e se integrava de corpo e alma ao nosso pequeno e sofrido mundinho.

Todos na Casa já sabiam e respeitavam a forma como ela me tratava e cuidava;

tinham plena consciência de que ela era minha protetora e guardiã, embora ninguém entendesse os motivos. Quando eu tinha qualquer problema de saúde ou necessitava de consultas a especialistas, ou exames em algum hospital, Maria Clara era imediatamente avisada, pois ela, sempre que possível, me acompanhava. Desde a chegada dela, meu estado clinico geral havia melhorado muito: ganhara peso, minha pele e unhas estavam com ótima aparência, não havia mais feridas nos pés e pernas, meus dias e noites eram bem mais tranquilos e serenos, o que resultara numa redução significativa na quantidade de remédios e tranquilizantes. Todos percebiam e comentavam isso, o que também já era motivo de preocupação para Dona Maria Inês e Mercedes, que receavam um surto ou crise na minha saúde, caso ela, por algum motivo ficasse impedida de fazer o voluntariado. Numa tarde quente de dezembro, ela chegou, veio no meu quarto me ver, mas não ficou muito tempo; logo me disse que iria conversar com a Dona Maria Inês. Fiquei decepcionado, sem entender nada.

Depois de algum tempo ela retornou, pediu ajuda ao técnico de plantão para me colocar na cadeira e me levou para a sala grande da TV. Lá, sozinhos, ela sentou num sofá e puxou minha cadeira, colocando-me de frente para ela. Pegou minhas mãos entre as dela e fitando meus olhos disse:

– Nado, meu querido! Preciso lhe dizer uma coisa... Sei que você não vai gostar do que vai ouvir, mas quero muito que me entenda, aceite e fique bem!

Não entendi muito bem o que ela acabara de dizer, mas havia percebido pelo tom de voz dela que era algo ruim. Simplesmente lancei um olhar indagador.

– Veja só, semana que vem eu vou viajar! Vou ficar três semanas na casa dos meus pais, depois retorno aqui para Porto Alegre, especialmente para lhe ver e viajo novamente. Mais oito dias numa viagem para o Nordeste. Está me entendendo? Vamos ficar em torno de um mês sem nos ver! Uma vista rápida no meio para quebrar todo esse tempo...

Eu havia entendido. Era horrível, fiquei com muito medo. Medo de que ela não voltasse mais. Senti uma dor aguda no meu peito e meus olhos se encheram de lágrimas.

Imediatamente ela me abraçou. Um abraço tão forte, com tanto amor e energia que eu soube que ela jamais me abandonaria, mas eu não consegui impedir as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Maria Clara era a única pessoa que realmente me amava, que se importava com tudo o que acontecia comigo, a única pessoa para quem eu era especial. Embora todos os funcionários daquela Casa, que me acolhera quando ainda bebê, aos quais eu sempre serei grato, me tratassem com atenção, cuidassem para que todas as minhas necessidades básicas fossem atendidas, não era a mesma coisa. Eu tivera a sorte que essa garota aparecesse, se interessasse por mim e me desse carinho e muito amor e, desde então, aquela vida sofrida de deficiente tinha mudado, eu conseguia quase ser feliz, bastava ela estar ao meu lado. Hoje, já de volta ao mundo espiritual, sei que tudo isso fora programado e, com isso, minha gratidão por ela só aumenta.

Na época, a ideia de não tê-la próxima de mim, me apavorava. Quis falar... Ela percebeu minha agonia, eu fazia força para que algum som compreensível saísse da minha garganta:

– Mammammm...aaaraa. Maariiia...caaaarrrraa!

– Maria Clara! – gritou ela. – Você está falando meu nome! – agarrou-me pelos ombros e me deu um grande beijo nas bochechas.

– Meu lindo... Você conseguiu falar “Maria Clara”! – Ela estava tão feliz, que o brilho de felicidade nos olhos dela quase me fizeram esquecer por que eu estava

tentando desesperadamente falar. Eu precisava pedir para que ela voltasse, para que ela não se esquecesse de mim, eu precisava dela para viver!

Ah, se eu pudesse falar...

– Escute! – disse ela, me fitando diretamente nos olhos – Eu não vou abandonar você... NUNCA!! Você me entende? – Ela falava com firmeza, mas eu percebia uma aflição na sua voz.

Sacudi a cabeça afirmativamente. Nunca, em toda a minha vida, eu quis tanto poder falar.

– Eu preciso ir visitar meus pais, ficar uns dias com eles. Eu ainda dependo deles para viver aqui em Porto Alegre; é o meu pai que paga minha faculdade, o aluguel do meu apto, ele que me sustenta. O dinheiro do estágio, que eu faço, e das aulas particulares não dá pra nada! Você consegue me entender, Nado?

Pisquei três vezes.

– Ótimo que você me entende! – comtinuou ela – Olha só, eu vou sentir muito a sua falta nessas semanas em que estarei fora, mas logo, logo estou de volta, OK? Um mês passa rapidinho...

Sacudi afirmativamente a cabeça, mas eu não conseguia parar de chorar: as lágrimas escorriam pelo meu rosto... Um mês era muito tempo para quem estava limitado a uma cama e uma cadeira de rodas. Ela me abraçava, minha cabeça

encostada no coração dela, eu podia ouvir o compasso dos batimentos cardíacos dela:

– Pare de chorar, Nadinho, por favor! Eu estou ficando nervosa e aflita.

Dona Mercedes entrou na sala nesse momento.

– Não se preocupe com ele, Maria Clara! Ele vai sentir sua falta, mas a gente vai cuidar bem dele, como sempre fizemos.

– Eu sei disso... Mas me dói o coração vê-lo aflito e triste! Sinto-me culpada!

– Culpada do quê? – perguntou Dona Mercedes – De dar tanta atenção e carinho para ele? Nãoooo, querida! Você é um anjo que caiu do céu na vida desse rapaz, mas você tem a sua vida, sua família.

– Para mim, no meu coração, o Nado é parte da minha família! – respondeu ela.

Eu ouvi e entendi o que ela acabara de dizer. Fui tomado por uma sensação de plena felicidade. Dona Mercedes parecia muito surpresa com a declaração de afeto e amor que Maria Clara tinha por mim

– Bem, continuou Maria Clara, eu viajo amanhã e devo retornar só depois do Ano Novo. Cuide dele para mim, Dona Mercedes. Qualquer coisa diferente, por favor me ligue. De qualquer forma, eu acho que vou ligar toda semana para

saber como ele está.

Foi assim que minha protetora viajou. Três infindáveis semanas. Enquanto eu a esperava, ela junto de sua mãe acabou por descobrir o grande segredo do nosso pai.

. . . . . .

Aconteceu na semana entre o Natal e o Ano Novo. Alberto, nosso pai, passou o feriado de Natal em casa, com a família, mas no dia 26 à noite já viajou, retornando para a cidade onde estava trabalhando. Durante todo esse tempo, sua vida não mudara significativamente, exceto que ganhara bastante dinheiro, agora tinha sua própria empresa, era um bem sucedido empresário do agronegócio, porém, ele continuava a trabalhar de forma incansável. Não conseguia parar, e ficar em casa mais do que cinco, seis dias era um tormento, um verdadeiro sacrifício. Tratava pessoalmente de todos os negócios e, embora tivesse bastantes funcionários no manejo das máquinas, ele mesmo continuava a dirigir colheitadeiras ou semeadeiras. Não abria mão desse trabalho que, para ele, era um prazer.

Sua esposa, no início, reclamava e pedia sua presença, depois se acostumou a tê-lo por perto apenas nos finais de semana e nos feriados.

Assim, com a mente e o corpo ocupados e cansados, não pensava nas coisas do seu passado. Seu passatempo era o jogo de cartas; tornara-se um viciado. Jogar cartas, tomando vinho ou cerveja era a sua única diversão. Ganhava e perdia quantias consideráveis nessa jogatina. Eventualmente, fazia remessas significativas para a Casa do Excepcional; era a forma que encontrará para aliviar sua consciência. O abandono do filho deficiente tornara-se um assunto proibido, um assunto indesejado e, como pouco ficava em casa, sua esposa não

tocara mais no assunto até o dia em ficara sabendo que sua filha estava fazendo um trabalho voluntário em alguma Casa, um Lar que acolhia deficientes físicos e mentais em Porto Alegre. Ao contrário da sua esposa, que ficou muito aflita com a possibilidade, Alberto não acreditava que ela pudesse estar trabalhando na mesma Casa onde havia deixado seu filho há tantos anos atrás; haviam várias dessas casas na capital e, depois, lembrava que a Casa N. Sra. das Dores era no subúrbio, bem afastada do centro e do bairro onde sua filha estava morando. Definitivamente, era uma possibilidade remota que pudesse ser o mesmo local. Preferia acreditar que a disponibilidade da filha, para esse tipo de trabalho, era uma forma de compensação para o gesto irresponsável que havia cometido. Depois, o menino tinha muitos problemas clínicos, talvez até já tivesse morrido; a Casa que o acolhera não teria como notificá-lo, caso algo do tipo acontecesse, afinal, ele fez questão de terminar com todos os indícios que pudessem localizá-lo. Alberto não chegou a se preocupar com o voluntariado da filha e, nos três dias que conviveram juntos durante o feriado de Natal, ele não fez questão nenhuma de saber detalhes dessa atividade de Maria Clara.

No dia 27 de dezembro ele já estava de volta ao seu trabalho e a sua rotina, sofrendo porque ainda teria o feriado de ano novo pela frente e, nesse período de festas, o clube de pôquer e todo pessoal do carteado estravam numa espécie de recesso. Felizmente, pensava ele, depois da entrada do ano, sua esposa e a filha iriam ficar oito dias em Maceió e ele nem precisaria retornar a Santo Augusto para o final de semana. Poderia ficar todo tempo jogando e bebendo com seus parceiros de vício. No final da tarde daquele dia, ele estava conjecturando tudo isso quando recebeu um telefonema de Sueli, sua esposa.

Atendeu ao telefone contrariado. Nem fazia 24 horas que havia saído de casa e ela já estava ligando para o perturbar, pensava.

– Alô Sueli... O que foi dessa vez?

A esposa já o conhecia, sabia de todos os seus defeitos, do quanto era bronco,

ignorante e estúpido quando queria ser. Desprezou a maneira fria e grossa de como ele havia atendido ao telefone e foi direto ao assunto:

– Seu filho Fernando está vivo e sua filha já o conheceu, pior, ela o adora e tornou-se uma espécie de protetora dele! Pronto, falei!

Meu pai ficou mudo. Isso era tudo o que não podia acontecer. Em segundos, tudo o que acontecera há mais de vinte cinco anos lhe retornou à mente, todo esse tempo ele tentara esquecer o que fizera, tentara convencer a si mesmo que fizera o melhor para o bebê problemático, quisera esquecer a existência desse filho.

Mordeu os lábios, começou a suar frio. Não conseguia raciocinar direito.

– Alberto! Você está me ouvindo? – Sueli esperara alguns segundos para que ele internalizasse a informação que acabara de jogar sobre ele, mas agora queria alguma reação, uma palavra ao menos.

– Estou aqui... Pensando! – Fez mais uma pausa, e então perguntou:

– O que Maria Clara contou a respeito disso?

– Conversando sobre o trabalho voluntário dela, comecei a fazer perguntas. Ela, no início, parecia não querer me contar muita coisa, como se não quisesse compartilhar comigo algo relativo a esse trabalho, mas eu insisti... Minha intuição me dizia, desde o início, minha intuição me assoprava no ouvido que o

lugar onde ela fazia esse voluntariado era o mesmo onde você tinha deixado o Fernando.

Sueli estava tão compenetrada na conversava com o Alberto, que não percebeu que Maria Clara voltara muito antes do que ela previra, sem chegar a ir ao centro da cidade como era sua pretensão quando saiu de casa naquela tarde. Maria Clara voltara para buscar o cartão de crédito que esquecera. O centro da cidade era bem próximo e ela aproveitara a ocasião para dar uma caminhada, entrara em casa sem sua mãe percebesse e ouvira a conversa desde o início. Agora, Maria Clara estava quieta, paralisada com o que acabara de ouvir.

A conversa entre meu pai e Sueli continuava:

– De tanto eu insistir ela começou a me falar do trabalho. Perguntei o nome do Lar e quando ela me respondeu eu quase não consegui disfarçar... Ela chegou a me perguntar se eu estava bem, fiquei pálida... Disfarcei dizendo que achava que minha pressão tivesse baixado. Ela me trouxe um copo d’agua gelada e depois continuou a me falar do lugar e de um rapaz com quem, desde o primeiro dia, ela se encantou... Ele era vítima de paralisia cerebral, foi abandonado pela família, não falava, tinha os membros inferiores bem atrofiados, as mãos disformes, a coluna vertebral fora de eixo, com algum retardo mental, mas ainda assim bem inteligente e que se chamava Fernando, mas todos o chamavam de Nado.

– Meu Deus... - foram as únicas palavras de Alberto.

– Eu quase caí dura – prosseguiu Sueli – ainda contou que estão muito ligados, que eles têm uma sintonia enorme e que, embora não fale, ela sempre sabe o que ele quer dizer.

– E, agora? O que eu faço? – Meu pai não estava dirigindo aquele pergunta para Sueli, falava consigo mesmo. Nunca imaginara que aquele segredo pudesse acabar sendo descoberto. Sueli era a única pessoa que sabia o nome da Casa onde ele me deixara, as pessoas que presenciaram a tragédia que foi meu nascimento foram deixadas para trás, meu pai tratou de cortar toda e qualquer relação.

– Temos de contar toda a verdade para Maria Clara, não resta alternativa – respondeu Sueli, acreditando que ele a estava questionando.

– Como contar a Maria Clara? Ela não vai entender... Nunca! – Ele tinha medo de perder o amor e o respeito da filha.

– Alberto... Venha para casa! Deixe seus funcionários tomando conta do negócio por aí e venha para casa! Precisamos resolver isto, juntos... Eu vou estar ao teu lado...

– Deixe que eu falo com ele! – Era Maria Clara, com uma voz decidida, firme que pedia a sua mãe o telefone.

Sueli quase desmaiou ao ouvir a voz da filha. Alberto, do outro lado da linha, também ouviu e reconheceu a voz da filha e, num gesto de desespero e irracionalidade, encerrou a ligação.

Maria Clara pegou o telefone das mãos de sua mãe que ainda estava em estado de choque, mas percebeu que o pai havia desligado.

– Desligou! – esticou o braço, devolvendo o telefone para sua mãe.

– Maria Clara, minha filha, o que você ouviu? – A voz de Sueli era quase um sussurro. Estava tão atônita com a presença inesperada de Maria Clara e com o caminho que os acontecimentos estavam tomando que não sabia exatamente o que dizer, e o pior era que Alberto, o protagonista de tudo, estava a quilômetros de distância.

– Acho que ouvi o principal... O Nado é meu irmão por parte de pai! – falou ela aquela frase com tanta naturalidade que até ela mesmo se surpreendeu com o tom de sua voz, com sua reação. Era como se já soubesse, e o que ouvirá fosse apenas uma confirmação.

– Não está surpresa? Não está chocada? – perguntou Sueli, que não compreendia como sua filha reagia e aceitava os fatos com tanta naturalidade.

Maria Clara olhou para o rosto da mãe e disse:

– Venha, vamos para a cozinha tomar um suco gelado. Você está suando, está pálida, parece que viu um fantasma.

A mãe a seguiu em direção à cozinha, sentou à mesa, aguardando enquanto a filha servia dois copos de suco de melancia com gelo.

– Mais calma, mãe? – perguntou ela, enquanto observava a mãe sorver o suco gelado. Em seguida, deu uma risada gostosa.

Sueli olhou para a filha completamente atônita. Não estava entendendo nada. A reação da sua filha era completamente inesperada, ela era até capaz de rir...

Maria Clara percebeu a surpresa e o olhar de interrogação da mãe e falou:

– Estou rindo por que parece que o suco de melancia está indo direto para seu rosto. Você estava pálida, branca, feito farinha; tomou o suco e já está ficando rosada...

Sueli permitiu-se rir da situação também. Logo em seguida, ambas ficaram em silêncio por algum tempo. Então, Maria Clara falou:

– Mãe... Conte-me essa história direitinho! Eu preciso saber.

Sueli olhou para a filha e ficou orgulhosa. Maria Clara era tão sensata, tão ponderada. Ela reagia como alguém maduro, experiente, que conhecia e entendia das dificuldades e armadilhas que a vida nos prega. Conseguia entender toda a situação sem pré-julgar seu pai. Uma onda de carinho e amor tomou conta de seu coração, esticou o braço e fez um carinho no rosto da filha. Percebia agora o quanto sua filha era espiritualizada, o quanto ela conseguia se manter calma, serena, tranquila diante de uma situação tão grave.

– Acho melhor esperarmos seu pai, minha filha. Essa é uma história dele, uma parte da vida dele que ele não dividiu com ninguém, nem mesmo comigo! Só ele pode nos contar todos os detalhes, foi ele que vivenciou cada momento de dor, sofrimento e dúvida. É ele que tem vivido todo esse tempo com um remorso e

um peso na consciência que não o deixam em paz, não o deixam ser feliz!

– Vou ligar para ele então, pedir que ele retorne o quanto antes. Preciso saber todos os detalhes dessa história, afinal é a vida do Nado, e, quer vocês queiram ou não, é a minha vida também! Estou irremediavelmente ligada ao Nado...

– Minha filha, parece que a vida está nos pregando uma peça, nos dando uma rasteira...

– Ou não! – completou Maria Clara, fez uma pausa, como que esperando que as palavras lhe viessem à mente.

– Sabe mãe, tudo está amarrado, nada acontece por acaso. É como se, durante todo esse tempo, eu já soubesse, eu sempre tive um carinho e um afeto tão genuíno pelo Nado. Tudo que diz respeito a ele é importante pra mim. Agora, mais do que nunca!

Maria Clara falava com sua mãe, mas também consigo mesma. Repassava, em pensamento, tudo o que acontecera desde que fora morar em Porto Alegre, como tinha ido parar na Casa do Excepcional N. Sra. das Dores, como conhecera o Nado. Logo em seguida, passou uma mensagem via celular, curta e objetiva, pedindo ao pai que retornasse imediatamente, que precisavam conversar sobre a vida do Nado: “Pai, por favor, retorne imediatamente. Preciso saber de tudo que se refere ao meu irmão. Não se preocupe, não o estou condenando por nada. Apenas preciso saber de tudo.”

Alberto recebeu a mensagem e já se sentiu aliviado. Sabia que era um homem de sorte por ter uma filha tão generosa; seus medos em relação à Maria Clara

amenizaram. Tratou de retornar a Santo Augusto naquela noite mesmo.

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre as “Comunicações com o Mundo Invisível” (O que é o espiritismo, Cap. II)

O mundo visível está no meio do mundo invisível, com o qual está em contato perpétuo. Disso resulta que os espíritos reajam incessantemente um sobre o outro que, desde que há homens, há espíritos, e que se estes últimos têm o poder de se manifestar, devem tê-lo feito em todas as épocas e entre todos os povos.

Os intercâmbios entre os dois mundos podem ser ocultos ou patentes, espontâneos ou provocados. Os espíritos agem sobre os homens, de maneira oculta, pelos pensamentos que lhes sugerem e por certas influências, de modo patente, por efeitos apreciáveis pelos sentidos.

A visão permanente e geral dos espíritos é muito rara, mas as aparições isoladas são bastante frequentes, sobretudo no momento da morte. O espírito liberto parece apressar-se em rever seus parentes e amigos, como para adverti-los que acaba de deixar a Terra e lhes dizer que vive sempre.

2 – Sobre “Sonhos e Experiências Espirituais” (Divaldo Franco Responde, Pergunta nº 2)

À luz do Espiritismo, uma grande variedade de sonhos tem outras psicogêneses e

podem, por exemplo, ser arquivos do inconsciente profundo, originados em outras reencarnações. Aquelas lembranças ressurgem através do perispírito e voltam ao nosso cérebro como sendo imagens atuais, embora sejam de existências passadas.

Também podem ser resultados de fenômenos mediúnicos, graças ao desdobramento parcial do espírito, conforme assevera Alan Kardec, esclarecendo que, nesses momentos, dão-se encontros espirituais, graças às viagens astrais, não somente com desencarnados, mas com outros, ainda reencarnados. Quando retornamos ao corpo somático, é fixado o sonho em nosso cérebro, mantendo as impressões de acordo com nossa capacidade de lucidez.

3 – Sobre "Sonhos sem Lembrança" (Divaldo Franco Responde, Pergunta nº 7)

Todos nós sonhamos, mas há certos bloqueios que o espírito experimenta ao retornar ao corpo trazendo as imagens, porque o sonho se dá quando ele está deslocado ou, então, quando o inconsciente desborda os conflitos. No entanto, em se tratando de um sonho espiritual, ele fica impresso no cérebro, mesmo que a pessoa não tenha lembranças. Seres amados que desencarnam, familiares que anelam por um contato sempre se comunicam conosco através dos sonhos. O esquecimento decorre de razões profundas no campo emocional, de conflitos e tormentos interiores. Os conflitos, às vezes, são tão grandes que bloqueiam as recordações no inconsciente do indivíduo.

Capítulo X – As voltas que a Vida dá

"Os resultados do que fazemos nos esperam mais adiante" (Madame Gilda/Allan Kardec)

Alberto nunca chegou a casa.

A conversa com sua família, os detalhes do seu segredo, tudo ficou inacabado.

Naquela noite, retornando para casa, imerso em seus pensamentos, memórias e angústias, meu pai se desconcentrou e sofreu um terrível e mortal acidente de trânsito. Foi um choque terrível para minha irmã e sua mãe. As duas ficaram esperando por ele até altas horas daquele dia, ligaram várias vezes, sem resposta. Como o sinal do celular em muitas regiões do interior do Rio Grande do Sul é muito fraco, não se preocuparam. Foram deitar, tentar dormir. Nenhuma das duas conseguiu relaxar e pegar no sono.

Maria Clara estava ansiosa, agitada. Acreditava que era em função da revelação e da expectativa em relação à conversa com o pai. Na verdade, seu espírito já estava prevendo toda a tragédia que estava por acontecer em sua família.

Sueli, sua mãe estava igualmente agitada, com palpitações e um aperto no coração, levantou-se várias vezes naquela madrugada. Quando percebeu que já eram quase cinco horas da manhã, assustou-se e foi ao quarto de Maria Clara. Abriu a porta com cuidado, acreditando que Maria Clara estivesse dormindo. Não queria acordar a filha repentinamente.

– Pode entrar mãe, estou acordada! – Sueli deu um pulo assustada.

– Puxa, Maria Clara que susto! Já estava com palpitações, agora que meu coração está quase saindo pela boca! – disse Sueli tremia.

Maria Clara levantou-se, fez a mãe deitar-se no lugar dela e foi buscar um copo d’agua, quando o telefone residencial tocou. Sueli, instintivamente, como se já soubesse que não eram boas notícias, deu um pulo da cama, passou à frente de Maria Clara e atendeu.

Era a Polícia Rodoviária Estadual: Alberto, estava morto!

As próximas 72 horas passaram feito um furacão na vida delas: derrubando tudo que estava à frente, deixando todos atônitos, espantados, sem ação, chocados com todo estrago!

Enquanto isso, naquela fatídica noite eu tive um pesadelo terrível: homens horríveis, com aspecto grotesco, tentavam me pegar e levar à força para um casebre, uma choupana no meio do mato. No sonho, eu era saudável, normal. Podia caminhar, mas não conseguia falar, tentava gritar, pedir socorro e a voz não saía. Eles me arrastavam, puxando-me pelos braços e eu me debatia. Meu corpo batia em pedras, galhos, espinhos, e eles me arrastavam sem dó nem piedade. Aquela agonia não tinha fim, o caminho para a choupana parecia que ficava maior, mais longo à medida que nos aproximávamos.

Lá na choupana, eu sabia que alguém me esperava; alguém queria falar comigo, alguém que era prisioneiro desses homens maus.

Fui acordado no meio do pesadelo por uma das cuidadoras de plantão naquela noite. Eu estava gritando e me debatendo contra as grades da cama, em profundo desespero. Fui sedado e voltei a dormir. O pesadelo voltou.

Na verdade, não se tratava exatamente de um pesadelo. Meu espírito havia se desprendido do corpo físico e tentara se aproximar do espírito do meu pai, já desencarnado; porém meu pai estava prisioneiro de alguns espíritos trevosos, com quem tinha débitos de vidas anteriores e que, devido às baixas vibrações dos lugares que frequentava acabou lhes permitindo o acesso. Era uma situação terrível e eu não tinha meios de ajudar, pois eu mesmo fiquei um tanto perdido e confuso nessa região de baixa vibração, acabei vivenciando sensações que estavam ligadas a minha morte na vida carnal anterior, misturadas com a aflição e a vontade de encontrar com aquele espírito recém-desencarnado. Era uma mistura de sentimentos: mágoa, compaixão, tristeza, dúvida, insegurança, ressentimento, piedade, medo. Não sei quanto tempo durou essa tormenta de sentimentos e sensações pesadas; mas aqueles espíritos de baixas vibrações nada puderam fazer contra mim, além de ficarem zoando, molestando. Também não consegui me aproximar de meu pai que, devido à recente passagem estava completamente perturbado, confuso e ignorante quanto ao seu estado, sua nova situação de desencarnado. Sem uma religião e qualquer noção de fé, nunca acreditou em céu e inferno, anjos e demônios, muito menos que a vida pudesse continuar depois da morte; não se questionava, nem refletia sobre a vida. Simplesmente vivia!

Para piorar, sua faixa vibratória estava muito baixa, atraindo espíritos sem luz, levianos, que ainda buscavam os prazeres da vida física e se grudavam a ele e todos os seus companheiros de carteado e bebida. Era uma situação complexa!

Alberto e sua família, apesar de todo dinheiro aplicado, continuavam a viver na mesma casa simples, comprada quando Maria Clara era ainda bebê, não viajavam, não tinham uma vida social, poucos amigos, levavam uma vida de classe média baixa. Posteriormente, Sueli e Maria Clara iriam descobrir que tinham muito dinheiro, investimentos diversos, e ainda que a empresa de equipamentos agrícolas e prestação de serviços valia muito. Tinham mais do que o suficiente para viverem sem qualquer preocupação financeira para o resto de suas vidas, e eu, vivendo como acolhido numa casa de caridade, também era herdeiro de toda aquela fortuna.

Embora Maria Clara fosse tão jovem, foi ela quem assumiu todas as providências necessárias para o funeral, que aconteceu dois dias depois. Funeral simples, com poucas pessoas, a maioria dos presentes faziam parte das relações de Sueli, e estavam ali em consideração a ela e à filha.

Passado o ápice do furacão, as duas foram conversar com o escritório de contabilidade e o advogado de Alberto. Foi quando ficaram surpresas com a situação financeira da empresa, mais, havia também um seguro de vida e um testamento. Alberto não tinha formação superior, mas foi um homem inteligente, abnegado e astuto para os negócios: começara como operador de máquinas agrícolas que pertenciam a outros e tornara-se dono do seu próprio negócio.

Naquele mesmo dia, retornando da reunião com o advogado, as duas já haviam decidido que venderiam a empresa. Nenhuma das duas saberia como administrá-la e não haveria motivos para assumirem esta preocupação.

Quando chegaram a casa, naquele dia, Maria Clara convenceu sua mãe que deveriam se mudar para Porto Alegre. Sueli, no princípio, assustou-se com a ideia, mas depois concordou com sua filha que era o melhor a ser feito. A viagem para Maceió que estava programada, foi adiada. Havia muito a ser resolvido.

Naquela noite, Maria Clara sonhou com seu pai. Não comentou nada com sua mãe que estava muito abalada, mas ficou intrigada e confusa com os poucos detalhes que se lembrava do sonho.

Na noite seguinte, outro sonho muito similar. Não se lembrou de quase nada, apenas alguns “flashes”, mas acordou com o coração apertado, aflita e ansiosa.

Na noite em que realizaram a missa de 7º dia de falecimento de Alberto, seguindo os rituais da Igreja Católica conforme o desejo de Sueli, o sonho se repetiu, só que dessa vez com muita nitidez. Maria Clara acordou muito agoniada, com o coração acelerado, fez uma prece e pediu aos seus protetores que harmonizassem e acalmassem seu coração. Pediu também pelo espírito de seu pai. Então, criou coragem, afastou o medo de se levantar no escuro, acendeu as luzes do seu quarto, da sala de estar e da cozinha. Estava se servindo de água, quando sua mãe, acordada pela movimentação, foi averiguar o que estava acontecendo.

As duas sentaram à mesa da cozinha, e Maria Clara contou todo o sonho:

– Ele estava com as roupas sujas de óleo, graxa e sangue, como se acabasse de ter saído de dentro do carro acidentado. Seu corpo não parecia estar ferido, mas o jeans na perna esquerda estava todo rasgado, a camiseta muito suja de sangue no tórax e a cabeça parecia estar amassada no lado esquerdo.

Começou a chorar, mas não parou de narrar o que vivera durante o sono.

Sueli colocou as mãos sobre a mão da filha que segurava com força a alça da caneca de alumínio onde tomava a água.

– Foi um sonho, minha filha. Deixe pra lá, não prolongue nem reviva esse sofrimento lembrando-se de tudo novamente! – Sueli falava apenas para acalmar o coração da filha, pois já tinha conhecimento suficiente em relação ao mundo espiritual para entender que muito provavelmente a filha estivera em contato com espírito do pai.

– Mas, eu preciso contar para alguém, mãe! Foi tão real, tão nítido, parecia estar acontecendo mesmo! – disse, com os olhos vermelhos, pele muito pálida e com a voz entrecortada por soluções, ela continuou a narrar o sonho.

– Então ele vem caminhando em minha direção, como se estivesse tonto, cambaleando e sempre olhando para trás, como se estivesse com medo de estar sendo seguido. Nós estávamos numa espécie de trilha, no meio de uma mata. Ele caminhava na minha direção, mas eu não conseguia caminhar em direção a ele. Era como se meus pés estivessem cimentados no chão. Era uma agonia, eu queria ir em direção a ele e não podia! Então ele chegou perto de mim e disse: “Minha filha, reze por mim! Eles estão atrás de mim e não consigo me esconder deles! Reze por mim, minha filha!” Então ele olhou para trás e gritou desesperado “Fuja Maria Clara, fuja minha filha! Eles estão chegando!” Então, era como se eu estivesse caindo do teto e meu corpo batesse com força no colchão. Eu acordei com essa sensação horrível da queda! Ah, mãe, foi tão horrível!

Maria Clara desaba num choro convulsivo. Sua mãe, levanta, se aproxima da filha e puxa sua cabeça para perto de seu ventre. Maria Clara envolve a cintura da mãe com seus braços e deixa o choro acontecer livremente. Sueli, com o coração apertado pelo sofrimento da filha, simplesmente acaricia seus cabelos e aguarda que ela se acalme.

Sua filha era ainda tão jovem. Perdera o pai de uma forma tão inesperada e chocante, justamente quando estavam por esclarecer um segredo terrível. Ainda, nesses últimos dias tinha tomado a frente de todas as providências burocráticas, tristes e doloridas, mas necessárias nessas circunstâncias. Sofria em ver sua filha naquela situação e se sentia culpada, afinal deixara que a prostração e a melancolia, relativas aà perda do marido lhe envolvesse totalmente. Precisava reagir e assumir as ações necessárias, não podia sobrecarregar o coração tão jovem da sua filha.

Começou, então, a murmurar uma oração a Virgem Maria, sempre acarinhando instintivamente a cabeça da filha, como se estivesse ninando seu bebê! Nesse gesto de puro amor e fé, Sueli convocou inconscientemente espíritos iluminados, que se fizeram presentes e juntos com ela fortaleceram Maria Clara num passe magnético. As duas ficaram assim abraçadas por algum tempo, até que Maria Clara se acalmasse e as lágrimas parassem de escorrer por suas faces. Juntas foram para o quarto do casal, e no resto daquela noite Maria Clara dormiu com sua mãe.

No dia seguinte, Sueli deixou que a filha dormisse até mais tarde. Preparou um café da manhã bem reforçado; as duas não vinham se alimentando adequadamente desde o trágico acidente, e ligou para uma conhecida, que era médium antiga no centro espírita onde eventualmente ela tomava passes. Queria trocar uma ideia sobre o acontecido na noite anterior; acreditava que o espirito de sua filha tivesse ido se encontrar com o pai numa dimensão de baixas vibrações e voltara inesperadamente ao corpo físico. Também estava convicta de que seu marido falecido precisava de muitas preces e irradiações de luz.

A conversa telefônica com sua colega médium foi proveitosa; sua irmã de fé também compartilhava da opinião de que Maria Clara fizera o que chamamos de “viagem astral”. Seu espírito, durante o sono, havia se depreendido do corpo material e fora em busca do espírito de seu pai. Este, enquanto encarnado, não acreditando na vida após a morte, não sendo nem um pouco espiritualizado, tendo vivido os últimos 28 anos com um remorso a lhe remoer a alma, e ainda tendo uma morte brutal e inesperada, estava num plano de baixas vibrações, provavelmente refém de espíritos sem luz, ainda sentindo a perturbação e a confusão da passagem recente, ou, numa segunda hipótese, os homens a perseguir seu pai, nada mais fossem do que projeções mentais que se materializaram, frutos da consciência culposa e pesada com que seu pai havia desencarnado. Ele era prisioneiro da sua própria consciência! A volta repentina ao corpo físico deram a Maria Clara a sensação de queda livre, ao acordar.

Alberto precisava de muitas orações, muita irradiação de luz e afeto para que

conseguisse alcançar o entendimento de sua nova situação, conseguisse perdoar-se, buscasse em nosso Pai Maior o perdão e a esperança, para, então, libertar-se desses que lhe faziam prisioneiro e pudesse seguir sua jornada evolutiva.

Sueli pensava, sabia que precisava apoiar sua filha nesta fase turbulenta; precisava ter forças para reorganizar sua vida, mas, fundamentalmente, precisava ajudar seu marido e, para isso, a primeira coisa a fazer era resgatar o filho abandonado por Alberto, trazê-lo para junto da sua família e conquistar o perdão deste para o pai.

E foi assim que a minha vida mudou...

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre “A Passagem” (O Céu e o Inferno, 2ª Parte, Cap. I)

A confiança na vida futura não exclui as apreensões da passagem desta para a outra vida. Muitas pessoas não temem a morte por si mesma, o que temem é o momento da transição. Sofre-se ou não na travessia?

A extinção da vida orgânica provoca a separação da alma e do corpo, pela ruptura do laço fluídico que os une, mas essa separação jamais é brusca; o fluido perispiritual se separa, pouco a pouco, de todos os órgãos, de sorte que a separação não é completa, absoluta senão quando não reste mais um único átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. A sensação dolorosa que a alma sente nesse momento está em razão da soma dos pontos de contato que existem entre o corpo e o perispírito, e da maior ou menor dificuldade e lentidão que se apresente a separação. Não é preciso, pois, dissimular-se que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Na morte natural, a que resulta das extinção das forças vitais ou da doença, o desligamento se opera gradualmente, no homem cuja alma está desmaterializada, e cujos pensamentos se separaram das coisas terrestres, o desligamento é quase completo antes da morte real; o corpo vive ainda a vida orgânica, e a alma já entrou na vida espiritual, e não se prende mais ao corpo senão por um laço tão fraco que se rompe, sem dificuldade, ao último batimento do coração.

No homem material e sensual, aquele que viveu mais para o corpo do que para o espírito, para quem a vida espiritual nada é, nem mesmo uma realidade em seu pensamento, tudo contribuiu para apertar mais os laços que o ligam à matéria; o desligamento se opera gradualmente também, mas com esforços contínuos.

Na passagem da vida corpórea para a vida espiritual, produz-se, ainda, outro fenômeno de importância capital: o da perturbação. Nesse momento, a alma sente um entorpecimento que paralisa, momentaneamente, as suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as sensações, de sorte que quase nunca

testemunha consciente o último suspiro. A perturbação pode ser considerada como estado normal no instante da morte. A sua duração é indeterminada e varia de algumas horas a alguns anos. À medida que ela se dissipa, a alma está na situação de homem que saiu de um sono profundo; as ideias estão confusas, vagas e incertas; vê-se como através de um nevoeiro; pouco a pouco a visão se ilumina, a memória retorna e ela se reconhece. Esse despertar é bem diferente, segundo os indivíduos: para uns é calmo e proporciona uma sensação deliciosa; em outros é cheio de terror e ansiedade, e produz o efeito de um pesadelo terrível.

Capítulo XI – Enfim, um Lar

“As boas ações são a melhor das preces, pois os atos valem mais que as palavras!” (Allan Kardec)

Tenho gravado, na minha memória, cada detalhe daquele dia de verão em que Maria Clara retornou à Casa que me acolhia.

O dia já amanhecera quente, e, logo depois do banho, fui colocado na minha cadeira de rodas, mas eu estava com sono, não havia dormido bem durante a noite – acho que, no íntimo, eu já pressentia que algo espetacular iria acontecer, e foi assim que, quando Maria Clara e sua mãe entraram no meu quarto, junto com Dona Mercedes, eu não percebi, pois estava cochilando sentado. Isso foi providencial, pois assim não percebi o espanto, a surpresa e a tristeza estampada no rosto de Sueli. Quando ela entrou e percebeu quem eu era, ficou chocada com a minha aparência.

Acordei com aquela voz suave que eu conhecia também: - Nado, meu querido, sou eu... Maria Clara! Voltei!

Abri os olhos e me deparei com aquela que eu amava e venerava do fundo do meu coração. Dei um enorme sorriso desdentado – pois eu já havia perdido todos os dentes, alguns extraídos providencialmente para evitar que eu me autoflagelasse – o que impactou ainda mais o espanto da Sueli.

Maria Clara me abraçou com força e muito carinho. Fui até as nuvens e por lá fiquei... Flutuando, no meio dos braços dela. Depois de alguns segundos, ela se afastou, acariciou meu rosto, beijou minha testa e disse:

– Veja quem eu trouxe junto: minha mãe! O nome dela é Sueli – disse ela e pegou a mão da mãe e puxou-a para mais perto de mim.

Sueli me olhou com pesar, percebi isso nitidamente. Ela tinha piedade de mim. Esse era um sentimento que eu não gostava de perceber nas pessoas. Ignorei a presença dela e me detive no fato do meu anjo estar ali comigo.

Maria Clara percebeu minha reação.

– Nado! Seja educado, por favor! Sempre falei tão bem de você, agora me faz isso.

Olhei para Maria Clara, olhei para Sueli e me obriguei a dar-lhe um sorriso. Ela, novamente, se assustou com minha expressão facial. Na verdade, fisicamente, eu era assustador, chocante... Pálido, muito magro, na verdade, esquelético e, o pior, um esqueleto todo atrofiado e torto, careca, desdentado, com olheiras profundas. Eu tinha plena consciência do quanto minha aparência devia ser perturbadora às

pessoas. Pobre Sueli, não estava preparada para encontrar alguém com uma aparência tão deprimente.

Maria Clara puxou sua mãe para fora do quarto e, eu imagino que ela deva ter lhe pedido para conter suas reações de espanto e piedade, pois Sueli voltou tentando disfarçar o incômodo que sentia.

– Nado – falou Maria Clara – tenho algo muito sério para lhe contar. É uma longa história, tem uma parte muito triste e reveladora, mas depois tem uma parte que eu espero que você goste. Você vai gostar sim, na verdade, acho que você vai adorar.

Antes de entrarem no quarto para me ver, mãe e filha já haviam conversado longamente com a assistente social da Casa e explicado toda a nova situação. Também já estavam a par de todos os procedimentos legais para poderem me tirar dali, o que ainda levaria algum tempo. As duas estavam procurando uma casa: queriam uma bem ampla, com terreno grande, jardim, vários cômodos para que pudessem montar um espaço para mim, onde pudessem me oferecer tudo que viesse a qualificar a minha vida de deficiente. Maria Clara e Sueli estavam dispostas a me compensar pelo tempo em que fiquei renegado, vivendo numa Casa para crianças com problemas neurológicos crônicos e que foram abandonadas pela família.

Assim, naquele dia, minha meia-irmã me contou tudo o que ela sabia, falou do nosso pai, da sua trágica morte no momento em que ele estava prestes a revelar todos os segredos; contou-me que éramos herdeiros dele, que ele deixou muito dinheiro e, o mais importante: que ela me levaria para morar com ela e sua mãe. Confesso que, na época, eu não entendi completamente tudo; mas entendi o suficiente.

E, o suficiente era que Maria Clara nunca mais me abandonaria!

Eu estava muito feliz, isso era tudo o que eu queria!

A partir daquele dia, minha vida mudou completamente. Enquanto os trâmites burocráticos a respeito da minha guarda eram providenciados pelos advogados da família, Maria Clara e Sueli me levaram a uma lista enorme de médicos especialistas para ficarem a par da minha real situação clínica e quais eram as minhas expectativas de vida. Ganhei roupas, aliás, todos os acolhidos da Casa N. Sra. das Dores ganharam. Elas compraram desde colchões, lençóis e travesseiros até toalhas de banho e guardanapos para a Casa. Foi uma festa geral, e todos os acolhidos que tinham um pouco de discernimento e conseguiam entender o que estava acontecendo gostaram e aprovaram as novas camas, novas roupas.

Nessa época eu estava com 28 anos, Maria Clara com 24. Eu ainda viveria naquele corpo físico deficiente por mais 10 anos.

Foram 10 anos de muita paz e tranquilidade, mas também de muita dor física. Meu corpo sofria cada vez mais, dia após dia, ainda que Maria Clara e sua mãe tenham me propiciado todo o conforto e cuidados médicos possíveis para amenizar as dores e restrições físicas. Eu tinha cuidadores pessoais, técnicos de enfermagem que se revezavam nos cuidados, higiene e alimentação. Tive fisioterapeutas, nutricionistas e fonoaudiólogas que trabalharam incansavelmente para que eu não sofresse tanto com as dores ósseas e articulares. À medida que eu envelhecia, todo o atrofiamento do esqueleto foi se agravando, alterando internamente o posicionamento e funcionamento das vísceras. Havia dias em que as dores eram terríveis. Eu não gostava de gemer, chorar ou lamentar por esse suplício. Não mais! Tinha consciência que meu sofrimento físico era insuportável para minha irmã. Ela sofria na alma, mais do que eu sofria na carne; a sua impotência diante da minha dor corporal, apesar de todas as medicações e aparato disponível era uma prova de paciência e resignação.

Maria Clara se graduou enfermeira e trabalhava em um grande hospital público de Porto Alegre, ainda que não precisasse; Alberto, nosso pai havia deixado uma pequena fortuna de herança, mas ela dizia que precisava trabalhar e fazer o bem, ou iria se sentir uma inútil. Era ela que administrava os investimentos e finanças da família, também cuidava pessoalmente de todo meu tratamento: conversava diariamente com os enfermeiros, técnicos e terapeutas que me assistiam. Os dias das visitas médicas eram sempre agendados de forma que ela pudesse estar presente. Quando era necessário que eu fosse até o hospital, para algum exame, era ela que me acompanhava.

À noite, tínhamos uma rotina: era ela que me alimentava, depois fazia minha higiene bucal, colocava uma música bem calma e, então, sempre lia em voz alta para mim. Quase sempre, livros espíritas. Às vezes, Dona Sueli se juntava a nós, e, em muitas ocasiões, as duas ficavam trocando ideias e percepções sobre os livros ou textos da doutrina espírita. Eu ficava ali, prestando atenção no que elas falavam... Sempre apreciei esses momentos!

Naqueles últimos anos de minha vida física, a convivência com Maria Clara e Sueli, com toda generosidade e afeto com que me acolheram, suas experiências de vida, suas crenças e fé, abriram minha mente para o mundo espiritual. Mesmo com todas as restrições físicas, minha mente funcionava perfeitamente. Eu tinha um pequeno retardo mental, e, obviamente, a falta de convivência social fazia com que eu não tivesse a compreensão total do que acontecia a minha volta, mas Maria Clara me entendia tão perfeitamente, que, quando ela percebia que eu não estava compreendendo o que se passava, ela me explicava com toda a paciência.

Maria Clara era muito mais que uma irmã; tínhamos uma conexão que dispensava palavras. Acho que, mesmo que eu pudesse falar, as palavras seriam desnecessárias com ela. Na verdade, depois de algum tempo com sessões de fonoaudiologia eu consegui pronunciar alguma poucas palavras: Maria Clara, sim, não, frio, tá bom, gosto, dói, amém. Cada palavra pronunciada era um acontecimento, minha irmã celebrava e irradiava luz nesses dias, e eu, para

recompensá-la por tudo que fazia por mim, e vê-la iluminada daquele jeito, não media esforços para aprender a falar, mas já era muito tarde para mim, eu já não tinha o controle total sobre os músculos faciais, sobre a língua, até a falta de dentes complicava, enfim, eram muitas as dificuldades.

Nessa fase da minha vida, eu já não tinha tanta aflição por falar como antigamente. Minha vida mudara significativamente, pois agora eu tinha um lar, uma família, um anjo da guarda que me entendia através de um olhar! Não me cansava de agradecer aos Céus por essa dádiva! Sim, eu já tinha o entendimento da existência de Deus, do mundo espiritual e de todas as conexões entre a vida carnal e a vida espiritual. Graças a Maria Clara e Sueli que, naqueles meus últimos anos de vida carnal se empenharam em me orientar e instruir a respeito da verdadeira Vida. Eu não falava, mas entendia, e aquilo que era muito complexo para o meu entendimento elas tentavam de alguma forma me explicar.

Nas tardes de todas as quartas, pontualmente às 16 horas, fazíamos o Evangelho no Lar. Inacreditável, mas, naquela hora semanal de estudo do evangelho e ds preces, as minhas dores desapareciam. Era como se eu não tivesse corpo carnal, fosse só espírito. Meus pensamentos vibravam longe, buscava e recebia apoio e conforto espiritual. Meus guias e benfeitores se faziam presentes, eu os podia sentir. Em várias ocasiões, orava mentalmente e as lágrimas escorriam pelo meu rosto: lágrimas de felicidade pela magia e elevação vibratória do momento, a alta energia e o poder magnético dos nossos guias espirituais presentes naqueles momentos. Apesar de todas as dores e sofrimento físico, eu me sentia em paz e harmonia e isso me dava uma sensação de leveza e felicidade. Chorava em agradecimento por toda aquela benção!

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre a “Escolhas das Provas” (Livro dos Espíritos, pg. 258 a 273)

É o próprio espírito que, no uso de seu livre arbítrio, escolhe o gênero das provas por que há de passar na nova existência corporal. Tudo o que ocorre é com a permissão de Deus; entretanto, com a liberdade que possuímos de escolher, fica-nos, também, a responsabilidade pelos nossos atos e suas consequências; em caso de fracasso, resta-nos o consolo de que nem tudo se acabou e que a bondade divina nos concede a liberdade de recomeçar o que foi mal feito.

Nunca podemos rever tudo o que sucedeu no mundo. Escolhemos apenas o gênero das provações.

A liberdade de escolha está condicionada ao alcance do livre árbitro que, por sua vez, depende da elevação moral do espírito.

No seu início, quando ainda é simples e ignorante, Deus lhe supre a inexperiência, traçando o caminho a seguir. Pouco a pouco, porém, à medida que o seu livre arbítrio se desenvolve, vai adquirindo mais direitos de influir no seu próprio destino.

Nunca depende exclusivamente de sua vontade a escolha da existência corporal, podendo mesmo ser imposta ao espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe será mais útil, ou será uma existência tal que lhe sirva, ao mesmo tempo, de expiação, purificação e progresso espiritual.

Não há violências na ordem natural das coisas, e todos recebem de acordo com o próprio merecimento.

2 – Sobre o Evangelho no Lar

http://www.bezerrademenezesnatal.org.br/tratamento-espiritual/30-como-fazer-o-evangelho-no-lar.html

O objetivo do Evangelho no Lar é reunir o grupo familiar em torno do ideal Cristão, dos ensinamentos evangélicos, à luz do Espiritismo e, sob a assistência dos Benfeitores Espirituais, estimulando a prática do Bem, da Solidariedade e Fraternidade, além disso, propiciar sintonia elevada, no lar, ensejando maior amparo do Alto às realizações pessoais e coletivas dos membros do grupo familiar.

No momento em que se faz a implantação do Evangelho no Lar nas residências, é designada, no plano espiritual, uma equipe de espíritos que, a partir de então ficará responsável por prestar assistência a esse lar. Assim, é de fundamental importância um dia na semana e hora prefixados, uma vez que a equipe espiritual tem outros afazeres e responsabilidades de cunho elevado. Nesse caso, a disciplina, no que diz respeito ao início e término da reunião, é imprescindível. Os membros da família devem escolher o dia e a hora mais conveniente e de consenso de todos ou quase todos.

De acordo com a recomendação dos instrutores espirituais responsáveis, no Plano Maior, pela tarefa do Evangelho no Lar o tempo de duração não deve exceder de 30 a 45 minutos.

Para aquelas pessoas que realizam “sozinhas” o Evangelho no Lar, o tempo limite poderá ficar em torno de 20 minutos.

Em hipótese alguma, devem ser permitidas manifestações mediúnicas durante a realização do Evangelho no Lar, cuja finalidade é a de estudo, reflexão, vivências, propiciando a Reforma Íntima. Manifestações mediúnicas devem ocorrer nas Casas Espíritas, onde se desenvolve o espiritismo cristão, codificado por Allan Kardec, com equipe de trabalhadores

Roteiro da Reunião: Prece Inicial – Leitura e Comentários de um tópico do Evangelho Segundo o Espiritismo – Prece Final.

Capítulo XII – De volta ao Mundo Espiritual

“Escapamos da morte quantas vezes for preciso, mas da Vida nunca nos livraremos” (Chico Xavier)

Numa tarde chuvosa de inverno, eu estava deitado, entorpecido por algum remédio mais forte, enquanto as duas conversavam sentadas no meu amplo quarto. Parte do meu quarto havia se transformado numa espécie de sala de estar, uma vez que meu quadro clinico agravava-se dia após dia; foi uma maneira que minha família encontrou de estar sempre comigo. Às tardes e noites, Maria Clara e Sueli tomavam chá, assistiam a algum filme, liam, estudavam, sempre por ali ao meu redor.

Naquele dia, prostrado ali sobre a cama hospitalar, prestei atenção num diálogo entre mãe e filha. Foi Sueli que introduziu a conversa:

– Maria Clara, minha filha! Você percebe o quanto a saúde do Nado está debilitada?

– A saúde dele sempre foi debilitada, minha mãe! – respondeu minha irmã.

Sueli insistiu: - sim, todos nós sabemos disso! Mas, agora, embora você não queira reconhecer, eu temo que o Nado esteja nos deixando!

Num primeiro momento, não entendi a gravidade nem a abrangência do que Sueli estava dizendo, mas fiquei em estado de alerta, percebendo que era uma conversa séria ao meu respeito.

– Mãe, por favor! Aqui não é o local, e agora não é a hora para falarmos neste assunto. Ele pode estar nos ouvindo, sussurrou minha irmã.

– Nado está dormindo. A medicação que ele vem tomando é muito forte. A Dra. Paulinea nos alertou sobre os efeitos dessa droga.

– Ok, mas eu não quero falar sobre este assunto!

– Maria Clara, minha filha, você tem de enfrentar a realidade. Seu irmão, além de todos os problemas orgânicos, consequência da paralisia cerebral que teve quando recém-nascido, agora está desenvolvendo uma cirrose hepática química, devido a todos os medicamentos que toma! Minha filha, infelizmente ele não vai resistir por muito tempo. Acho que muito em breve teremos que hospitalizá-lo!

– Definitivamente, não! Aqui em casa, ele tem todo o aparato e os cuidados médicos necessários! Não o quero internado num hospital, sendo tratado por

pessoas que ele não conhece e em quem não confia! Não sei se percebeu como ele está sensível, emotivo...

– Minha filha, a Dra. Paulinea pediu que eu tivesse essa conversa com você! O Nado está com o fígado e os rins seriamente comprometidos, talvez tenha até de começar a fazer hemodiálise. O estado de saúde dele se agravou muito nas últimas semanas! Infelizmente, você precisa se preparar para o pior...

Eu estava fingindo estar dormindo, mas percebia a tensão e o nervosismo daquela conversa. Meu coração estava acelerado.

– Mãe, você compreende o que está me dizendo? Eu não posso imaginar perder ele... – A voz da minha irmã estava engasgada, trêmula.

– Maria Clara, ninguém melhor do que eu sabe o que esse menino representa para você! Você é o anjo de guarda dele! Você o ama, talvez mais do que uma mãe ama um filho! Eu sei que vocês estão unidos por laços além desta vida! Você tinha 4 anos e já falava num irmãozinho que não falava e usava cadeira de rodas! Eu mais do que ninguém sei dessa relação! E, minha filha, eu sofro em ver o sofrimento dele, e em ver essa dor estampada no fundo dos teus olhos ... Não adianta você querer fingir que está tudo sob o controle.

Enquanto eu ouvia essa conversa, duas lágrimas teimavam em correr no canto dos meus olhos.

Eu estava morrendo! Na verdade, no meu íntimo eu já sabia disso. Eu já não tinha fome, nem vontade de comer. Quase não conseguia me mexer sozinho. As dores estavam no limite do suportável. Todo meu corpo doía!

A morte física seria um alívio. O fim de toda uma vida de suplício! Mas, havia algo que me aterrorizava mais do que tudo. A morte significava me separar daquela que era o sentido da minha existência, da minha força. Morrer significava não ter Maria Clara por perto. Se tudo que ela me fez acreditar sobre morte e vida fosse verdade, meu corpo morreria, mas EU, como princípio inteligente, só mudaria de dimensão. Eu me libertaria desse corpo deformado, mas continuaria vivo como sempre. Vivo e sem a presença do meu anjo protetor, sem a presença da minha alma gêmea... Essa ideia me aterrorizava!

Eu estava absorto em meus próprios pensamentos e medos e não percebi quando Sueli se retirou do quarto e Maria Clara se aproximou da cama. Ela notou as lágrimas que rolavam nos cantos dos meus olhos. Permaneci de olhos cerrados, sem coragem de fitá-la, que, certamente, compreenderia meus medos e aflições.

A consciência da morte próxima não me assustava de modo algum, pois eu tivera uma vida de muitas restrições, constantes dores físicas, muita solidão e falta de afeto. Não tivera alguém para amar, nem ninguém que realmente me amasse até a chegada de Maria Clara. Do mundo, eu pouco sabia. Não havia nenhum apego, a não ser a presença dela.

Ela nada falou, pegou um lenço de papel e secou meus olhos. Sentou-se ao meu lado e começou a acariciar minhas mãos... Ficamos assim, no mais absoluto silêncio, cada qual absorvido em suas próprias emoções.

Foi ela que quebrou o silêncio e a magia daquele momento de dor, sofrimento, mas também de entendimento e resignação. Fez-me uma pergunta inesperada:- Nado, meu amor! Eu preciso lhe fazer uma pergunta.

Abri os olhos e a fitei, numa demonstração de que estava atento.

– Nosso pai falhou imensamente com você! Foi fraco, covarde, irresponsável e inconsequente, mais do que isso foi tremendamente desumano com você ao lhe abandonar numa Casa de Assistência, sem nenhum amor ou recurso. Um erro tão grande que, segundo minha mãe, enquanto vivo, ele nunca conseguiu ser feliz, dormir em paz e tranquilo por que sua consciência não lhe dava tréguas. Já se passaram quase dez anos desde o desencarne dele, mas eu ainda tenho sonhos perturbadores com ele.

Uma pausa. Ela mordeu o lábio inferior. Suas mãos estavam frias e úmidas. Seus olhos marejados de lágrimas. Tentei acariciar suas mãos.

– Sabe, Nado, eu temo que nosso pai ainda esteja em turbulência, desiquilibrado e precisando de ajuda!

Continuei fitando o rosto dela de forma impassível.

– Você está me entendendo? Compreende o que estou lhe dizendo?

Pisquei três vezes num sinal positivo. Agora eu já não estava mais emocionado, nem aflito diante de um futuro sombrio para minha vida. Eu estava curioso, tentando decifrar as emoções da minha irmã.

– O que eu preciso saber, Nado, é se você o odeia por tudo o que ele fez da sua vida? Você tem todos os motivos do mundo para isso...

Eu sabia o que era ódio. Era aquele sentimento que, muitas vezes, se apoderava de mim quando eu queria poder falar ou fazer alguma coisa e não conseguia. Era aquela força destruidora que me invadia diante da dor, do sofrimento, da impotência... Aquela vontade de gritar, de fugir, de desaparecer. Quantas vezes tive ódio de mim mesmo? Daquele corpo disforme e inútil? Ódio das minhas incapacidades, ódio de não ser nada além de um monte de carne que gerava piedade e asco nas pessoas.

Sim, eu sabia o que era ódio! Ódio e raiva, para mim, eram sentimentos similares.

Mas, até nisso Maria Clara havia me ajudado com seu carinho, seu amor, toda sua atenção e afeto. Ela me fez sentir importante, para ela eu era alguém! Ela me amava tanto quanto eu a amava. Um amor quase palpável. Assim, essas crises de ódio e raiva ficaram para trás...

– Nado, você me entendeu? Você odeia nosso pai? Você o culpa por tê-lo abandonado, não ter assumido o papel de pai e guardião daquele menino deficiente?

Ela me fitava ansiosa por uma resposta.

Ah, se eu pudesse falar!

Naquele momento, quis poder falar mais do que nunca em toda minha vida. Queria dizer a ela que não, não o odiava. Na verdade, nem pensava nele, ele me

era indiferente, era como se não existisse ou nunca tivesse existido. Queria tranquilizar o coração da minha irmã, mas só pude mexer com a cabeça num sinal negativo.

Meu gesto de negação foi um alívio para ela. Suas feições tornaram-se mais leves, aquela sombra aflitiva sumiu dos seus olhos.

Ela me abraçou chorando e simplesmente disse: - Graças a Deus que não!

Ficamos algum tempo assim, abraçados no silêncio.

Depois, Maria Clara molhou meus lábios que estavam ressecados e me deu um pouco d’agua num copo com canudinho. Ao tomar a água, acabei engasgando. Isso tinha se tornado frequente ultimamente. Minha irmã era enfermeira e já estava acostumada com aquelas situações. Auxiliou-me a recuperar o fôlego, sem mostrar ansiedade ou nervosismo.

Após alguns minutos, a situação normalizou. Ela sentou-se ao meu lado e disse:

– Tenho só mais uma pergunta a respeito do nosso pai e prometo que nunca mais falo sobre isso.

Gesticulei afirmativamente com a cabeça.

– Você é capaz de perdoá-lo por tudo?

Meu olhar deve ter sido de alguém que não havia entendido a pergunta, por que minha irmã começou a tentar explicar o que era “perdoar”.

Eu queria poder dizer a ela que nunca responsabilizara meu pai por todos os infortúnios da minha vida. Na verdade, eu, por muitos anos, nem tive a consciência de que tinha um pai que havia me abandonado à própria sorte.

Eu não responsabilizava ninguém. Não havia culpados. No meu íntimo, eu sabia que o único culpado de toda aquela vida de restrições, dores e sofrimento era eu! Conforme eu fui entendendo as leis da vida, através das leituras que Sueli e Maria Clara faziam para mim, fui tendo a compreensão de que, se eu tinha aquela vida, era por que alguma coisa de muito grave eu fizera numa existência anterior.

Preso naquele corpo de matéria densa e pesada, eu não tinha consciência de que era um suicida! Felizmente, a vida é tão perfeita que esquecemos nossas existências anteriores!

Aquela pergunta da minha irmã tinha um propósito. Enquanto preso ao meu corpo carnal, não fui capaz de entender. Só mais tarde, quando já havia retornado ao mundo espiritual fui capaz de entender as apreensões de Maria Clara: ela sentia nosso pai em completo desequilíbrio no plano astral, e acreditava que, se eu morresse com rancores e mágoas pelo nosso pai, a situação pudesse se agravar e também me afetar!

A história de vida de Alberto, seu vínculo comigo e com Maria Clara, seus transtornos, seu desequilíbrio, remorsos e angústias, tudo era muito mais complexo do que podíamos entender naquela ocasião, mas essa é uma outra

história...

Depois daquela noite chuvosa de inverno, minha vida foi se esvaindo... Aquela foi a última conversa que tive com minha irmã. No outro dia, amanheci com muita febre e acabou se constatando que eu estava com uma infecção nos rins. Fui hospitalizado, mas meu organismo já não reagiu aos antibióticos.

Depois de três dias, já em coma induzida, meu espírito se libertou...

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre "A Passagem" (O céu e o inferno, 2ª Parte, Livro I, pg. 148 e 149)

O sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito que tudo que pode ajudar na diminuição dessa força e na rapidez do desligamento torna a passagem menos penosa. Se o desligamento se opera sem nenhuma dificuldade, a alma não sente nenhuma sensação desagradável.

O estado moral da alma é a causa principal que influi sobre a maior ou menor facilidade do desligamento. A afinidade entre o corpo e o perispírito está em razão ao apego do espírito à matéria; está em seu máximo no homem cujas preocupações todas se concentram na vida e nos gozos materiais; ela é quase nula naquele cuja alma depurada está identificada por antecipação com a vida espiritual. Uma vez que a lentidão e a dificuldade da separação estão em razão do grau de depuração e de desmaterialização da alma, depende de cada um tornar essa passagem mais ou menos fácil ou penosa, agradável ou dolorosa.

Na morte natural, a que resulta da extinção das forças vitais ou da doença, o desligamento se opera gradualmente; no homem cuja alma está desmaterializada, e cujos pensamentos se separam das coisas terrestres, o desligamento é quase completo antes da morte real; o corpo vive ainda a vida orgânica, e a alma já entrou na vida espiritual, e não se prende mais ao corpo senão por um laço tão fraco que se rompe sem dificuldade, ao último batimento do coração. Nessa situação, o espírito já pode ter recobrado a sua lucidez, e ser testemunha consciente da extinção da vida de seu corpo, do qual está feliz por ter se livrado; para ele a perturbação é quase nula; não é senão um momento de sono pacífico, do qual sai com inefável impressão de felicidade e de esperança.

Capítulo XIII – Novo, de novo, para uma Vida Nova

“Aqueles que amamos, não morrem jamais; apenas partem antes de nós!”
(Chico Xavier)

Ao contrário da minha vida regressa, meu desencarne foi muito tranquilo e harmonioso. De um sono levemente agitado, em que sonhei e revivi lances de toda minha vida, até a consciência da presença de três seres, que me pareciam iluminados, a minha volta: reconheci uma senhora de cabelos brancos e pele sedosa. Sabia que a conhecia e a amava, mas na hora não lembrava quem ela era... Somente algumas semanas depois, já no mundo espiritual, foi que lembrei tratar-se da minha Vó Angel, avó na vida em que fui Alessander Belgrad, médico francês de classe alta, e suicida. Eu e ela éramos muito próximos, tínhamos grande afeto e afinidades um pelo outro. Consequência de várias jornadas em comum. Após passar o período inicial depois da passagem, tivemos a oportunidade de nos encontrarmos algumas vezes. Ela teve permissão para vir me visitar. Os outros dois seres eram benfeitores da Colônia Novos Horizontes.

Logo após a consciência desses espíritos a minha volta, percebi meu corpo físico deitado no leito do hospital, enquanto eu já estava em pé num canto do quarto. Eu estava em pé, sem cadeiras de rodas ou muletas. Ainda havia um fio brilhante e incolor me ligando ao corpo sobre o leito hospitalar, mas era um fio muito leve, muito fininho, quase como um fio de algodão... Eu estava me desprendendo do meu corpo carnal.

Ainda assisti a um corre-corre de médicos e enfermeiras no quarto. Foi quando tive uma perturbação: vi minha irmã aos prantos, desesperada na antessala do quarto. Aquela cena me atingiu como uma punhalada no coração. Fiquei tonto, um frio percorreu todo meu corpo, achei que fosse desmaiar.

Imediatamente, meus amigos espirituais se aproximaram, me seguraram e em voz alta oraram, fui me acalmando, e logo percebi que aquele fio brilhante de algodão havia sumido. Eu já não era mais um encarnado, acabará de passar para o mundo dos invisíveis. Eles me puxaram pelas mãos, como se eu fosse uma criança pequena, deixei-me ser conduzido e saímos dali... Eu estava caminhando, tonto, um pouco perdido e confuso, mas caminhava com minhas próprias pernas. A constatação de que eu podia andar trouxe um alento para meu coração.

Não me lembro do que se passou após esses fatos. Quando tomei consciência novamente, estava despertando de um sono que me pareceu tranquilo, deitado num quarto, que me era familiar... Eu estava novamente no Hospital da Colônia Novos Horizontes.

O sol entrava pela janela do quarto e uma sensação de pura paz e tranquilidade se apoderou de mim. Vi alguém se aproximar. Reconheci-o imediatamente: era o Téo, um dos Mestres de Instrução e que havia trabalhado diretamente na programação da minha recente encarnação.

– Como é bom revê-lo, Alê... ou prefere ser chamado de Nado? – disse ele, aproximando-se da minha cama e colocando uma das mãos na minha testa.

– Prefiro Alê... O Nado foi um “capítulo” da vida do Alê. – Minha voz saiu naturalmente, e só alguns segundos depois me assustei com o fato de estar falando.

Téo percebeu minha surpresa e, sorrindo, disse:

– Sim, meu querido, agora você está livre daquele corpo que lhe impedia de falar, de caminhar, suas restrições findaram. Bom retorno a nossa Colônia, Alê!

Comecei a rir de felicidade. Eu continuava vivo, e agora falava e andava. Vivo, de novo, para uma vida nova!

Téo riu comigo e disse:

– Estou muito feliz, pois você venceu todas as dificuldades e cumpriu sua programação encarnatória com muita dignidade e resignação! Agora, creio que está pronto para seguir sua jornada evolutiva de onde havia parado.

Eu ainda estava um pouco confuso com a passagem e não entendi, naquele momento, exatamente o significado do que ele falava.

Sentei na cama. Téo me deu um copo com uma bebida de gosto agradável.

Reconheci o gosto daquele elixir fortificante que muito me ajudou quando cheguei ali em tempos passados.

Lembrei-me de Maria Clara, mas a imagem que me veio à mente não era exatamente a dela. Era de uma moça negra.

– E, Maria Clara? Como está ela? Quando poderei ter notícias dela?

– Ela está bem, triste com a sua partida, mas resignada e feliz porque tem consciência que você venceu a batalha!

– Algum dia poderei reencontrá-la? – perguntei ansioso.

– Certamente que sim! Vocês têm uma jornada comum. Ficaram separados por muito tempo em função do seu ato insano; mas isso já passou. Agora, você deve aproveitar esse período por aqui para estudar mais, se aprimorar, evoluir e se preparar para novas jornadas na carne. Maria Clara ainda vai demorar um tempo para voltar para cá... Quando chegar, creio que logo partirá para outra esfera superior. Ela está mais adiantada que você nessa jornada de evolução, mas presumo que ela irá querer continuar como sua mentora e guia espiritual, seu anjo da guarda.

– Quanto tempo faz desde o meu desencarne? – perguntei por que eu ainda continuava com a preocupação relativa ao tempo. Lembrei-me de uma moça negra me recriminando por estar sempre preocupado com o tempo.

– Engraçado – continuei – sempre que me lembro de Maria Clara ela toma forma em meus pensamentos como uma moça negra. – Não era uma pergunta, apenas uma constatação.

Téo sorriu e calmamente me explicou:

– Faz muito pouco tempo do seu desencarne: apenas 8 dias! Você ainda está confuso, e ainda sofrendo com as emanações vindas da Terra. Logo, logo isso vai passar... Eu não esperava que você despertasse tão rápido! Acreditava que ainda ficaria em repouso restaurador por mais umas 3 semanas, no mínimo.

– Você se lembra de Maria Clara porque ela foi sua irmã e anjo-da-guarda nessa última vida carnal, mas, na verdade, ela toma a aparência de Serena, em seus pensamentos, que foi como você conviveu com ela por aqui nos últimos tempos. Anne Louise, Serena ou Maria Clara, todas são o mesmo espírito, o mesmo ser... Como você a chama, não importa!

Como um flash, as recordações vividas na Colônia me voltaram à mente. Maria Clara ou Serena, linda, meiga, dedicada, atenciosa, amorosa... Uma onda de calor e energia pura invadiu meu corpo. Agora, eu lembrava... Serena, minha tutora.

Olhei para Téo. Agora tudo me voltava à mente, inclusive o medo e o pavor que tomaram conta do meu ser quando ele me disse que eu voltaria a Terra num corpo deficiente.

Uma sensação de alívio se apoderou de mim. Eu vencera! Aquilo já era passado. Eu já havia reencarnado e vivido por um período num corpo completamente

disforme, mas agora eu estava livre, vivo de novo para uma vida nova!

Téo percebeu o brilho nos meus olhos; o brilho da consciência, da restauração da memória cósmica, do entendimento, do saber.

– Você agora se lembrou de tudo, não foi?

Olhei para aquele senhor que inspirava confiança e sabedoria. Sorri e disse:

– Sim!

Téo pegou minha mão e disse:

– Satisfeito consigo mesmo?

Meus olhos estavam marejados de lágrimas. Pura felicidade perante uma batalha árdua que eu havia vencido.

– Muito feliz! Devo agradecer ao Grande Pai Misericordioso por essa nova oportunidade! Sinto-me leve, novo, uma nova pessoa!

– Sim, Alê! A Vida é bela e contínua, segue sempre, sem parar! Uma lástima que os encarnados não percebam a grandiosidade da Vida e a generosidade de Deus.

Ficam amarrados ao pequeno período em que estão sobre a Terra, apegados aos bens materiais e às coisas da carne. Não tem a consciência que a Vida é um ir e vir... Sempre aprendendo, pelo amor ou pela dor! Crescendo e evoluindo; em cada prova, uma lição, um aprendizado!

Pensei com carinho e amor na minha irmã, Maria Clara. Senti um aperto de saudade no coração.

Téo, como se lesse meus pensamentos e emoções, disse:

– Serena ainda vai ficar mais um tempo encarnada como Maria Clara. Ela ainda tem missões a cumprir. Fique tranquilo, ela está em harmonia e sabe que você já está aqui conosco.

– Sabe? – perguntei, aflito.

– Sim, sabe. Ela já esteve aqui em desdobramento durante o sono, visitando você... Você não lembra porque ainda estava no seu sono restaurador. A visita foi na noite do dia da cremação do corpo físico que foi sua morada durante essa passagem na Terra.

– Queria poder reencontrá-la!

– Acalme-se! Tudo no seu devido tempo. No momento certo, você terá esta oportunidade.

– Espero que te momento certo chegue logo! – respondi entusiasmado diante da perspectiva de reencontrar minha irmã.

– Relaxe, durma, descanse. Daqui a dois dias você já será integrado aos trabalhos da Colônia.

– Minha vida por aqui recomeça no ponto em que parei quando reencarnei? – perguntei curioso.

– Mais ou menos. Temos de avaliar seus aprendizados durante essa última encarnação; acredito que você conseguiu reformular muitos conceitos e sentimentos. Sua reforma íntima evoluiu bastante. Talvez você já possa trabalhar em outras esferas...

Isso me entusiasmou. Fechei os olhos e agradeci a Deus pela grandiosidade da Vida. Uma nova etapa recomeçava para mim.

Sou Novo, de novo, para uma Vida Nova.

FIM

O que a Literatura Espírita nos Diz

1 – Sobre “O aperfeiçoamento do Espírito” (O que é o espiritismo. O

espiritismo em sua mais simples expressão, pg. 193 e 194.)

O aperfeiçoamento do espírito é o fruto de seu próprio trabalho, não podendo, em uma só existência corpórea, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-lo ao objetivo, ele o alcança por uma sucessão de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para frente no caminho do progresso.

Em cada existência corpórea, o espírito deve prover uma tarefa proporcional ao seu desenvolvimento; quanto mais ela é rude e laboriosa, mais mérito tem em cumpri-la. Cada existência assim é uma prova que o aproxima do objetivo. O número de existências é indeterminado. Depende da vontade do espírito abreviá-lo, trabalhando ativamente pelo seu aperfeiçoamento moral, do mesmo modo que depende da vontade do obreiro, que deve fornecer um trabalho de abreviar o número de dias que emprega ao fazê-lo.

Quando uma existência foi mal empregada, e sem proveito para o espírito, que deve recomeçar em condições mais ou menos penosas, em razão de sua negligência e de sua má vontade, assim é que, na vida, pode-se ser constrangido a fazer, no dia seguinte, o que não se fez na véspera, ou a refazer o que se fez mal.

A vida espiritual é a vida normal do espírito: ela é eterna; a vida corpórea é transitória e passageira: não é senão um instante na eternidade.

****

Referencial Bibliográfico

A Gênese. Allan Kardec. Instituto de Difusão Espírita. Araras, SP. 2007

Divaldo Franco Responde. Organizado por Cláudia Saegusa. Intelítera Editora, São Paulo. 2010

Fisiologia da Alma. Ramatis, psicografado por Hercílio Maes.

O Céu e o Inferno. Allan Kardec. Instituto de Difusão Espírita. Araras, SP. 2004

O Livro dos Espíritos. Allan Kardec. Instituto de Difusão Espírita. Araras, SP. 2006

O que é o Espiritismo. Allan Kardec. Instituto de Difusão Espírita. Araras, SP. 2006

O Perispírito e suas Modelações. Luiz Gonzaga Pinheiro, Editora EME, 2000.

Sites de Consulta:

www.juscelinodaluz.com.br

http://www.ramatis.com.br/tratamentos-espirituais/palestras-03-a-lei-do-carma.phpme

http://www.bezerrademenezesnatal.org.br/tratamento-espiritual/30-como-fazer-o-evangelho-no-lar.html

Notas

[←1]

Charles Richet (1850-1935) nascido em Paris, médico fisiologista, Prêmio Nobel em 1913, pesquisador de fenômenos paranormais, fundador da Metapsíquica.